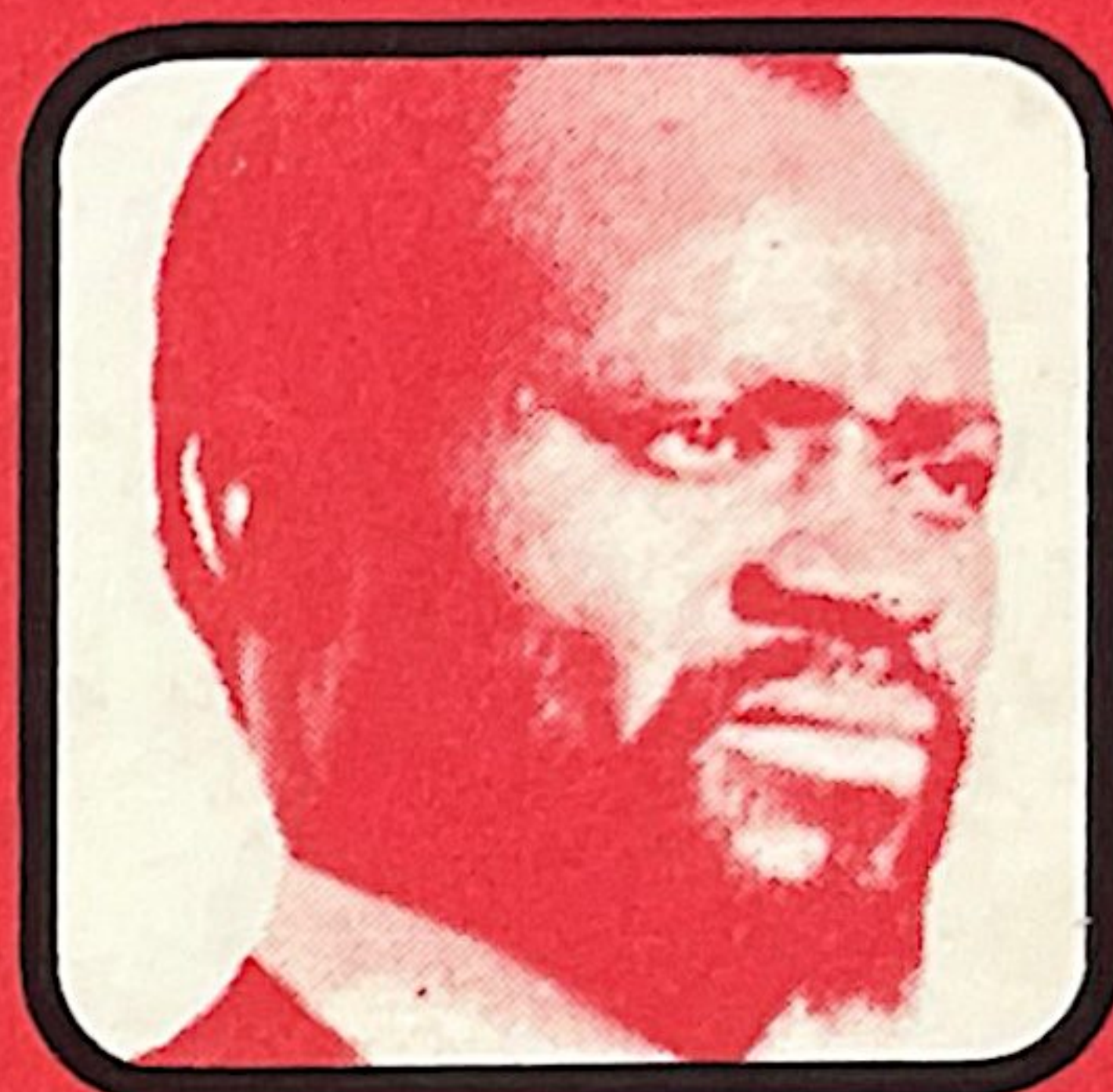
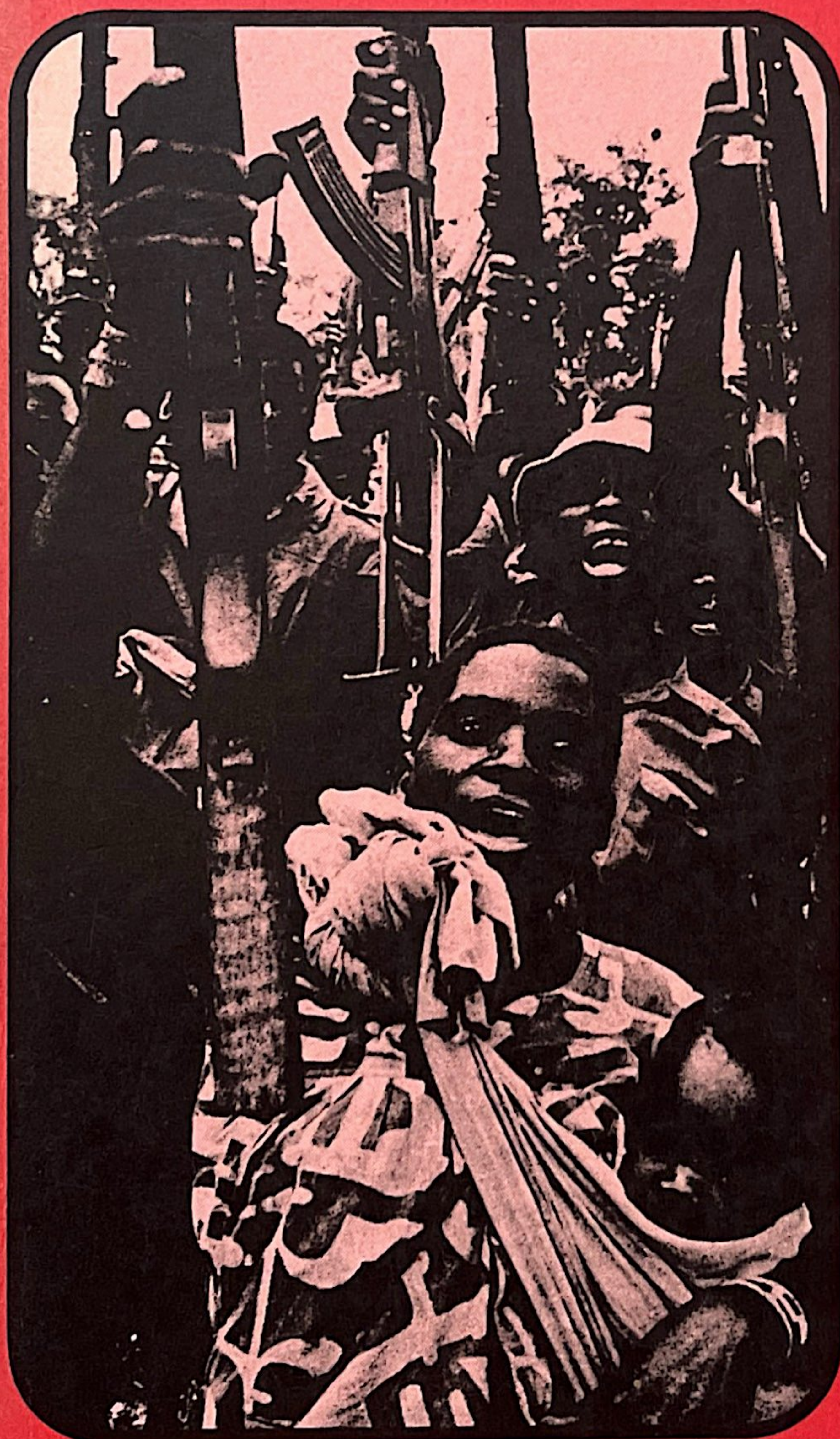


Samora Machel
Alexandra Kollontai J. Posadas
P. Lafargue Vito Kapo e outros

A LIBERTAÇÃO DA MULHER



**PRAXIS
PRAXIS
PRAXIS
PRAXIS**

bases
15
coleção

global editora

A LIBERTAÇÃO DA MULHER

Samora Machel
Paul Lafargue
Alexandra Kollontai
Vito Kapo
Soon Ching-Ling
Mai Thi Tu
J. Posadas



global editora

Copyright © 1979
Global Editora e Distribuidora Ltda

TRADUÇÃO: Olinto Beckerman

REVISÃO: Armandina Venâncio

CAPA: Projeto — Suellí Bacha
Arte Final — Carlos Clemen

DIAGRAMAÇÃO: André Boccato

Nº de catálogo — 1131

Direitos reservados por:
GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.
Rua José Antônio Coelho, 814 — CEP 04011
São Paulo — S.P. — Tel.: 549-3137

Impresso na Editora Parma Ltda.
Rua da Várzea, 394 — São Paulo — S.P.

Índice

	pág.
— Apresentação	7
— A Libertação da mulher é uma necessidade da Revolução, garantia da sua continuidade, condição do seu triunfo — <i>Samora Machel</i> ..	11
— A questão da mulher — <i>Paul Lafargue</i>	37
— A Família e o estado Socialista — <i>Alexandra Kollontai</i>	45
— A Mulher Albanesa e a Sua Completa Emancipação — <i>Vito Kapo</i>	61
— A Libertação da Mulher na China — <i>Soon Ching-Ling</i>	75
— A Mulher Vietnamita Ontem e Hoje — <i>Mai Thi Tu</i>	83
— A Libertação da Mulher, A Luta de Classes e a Revolução Socialista — <i>J. Posadas</i>	125

APRESENTAÇÃO

*“Aqui está a minha filha, que eu vos dou.
É propriedade vossa. Podeis fazer dela o que quiserdes.
Espero que ela lhe dê muitos filhos, que serão guerreiros e
chefes poderosos como o pai.
Mas, se ao contrário, vos aborrecerdes dela, vendei-a,
matai-a, comei-a: vós sois o seu dono absoluto”.¹*

Se a História em quase todas as suas páginas divide os homens em dominados e dominadores, explorados e exploradores, servos e amos, escravos e senhores, a mulher, este ser humano menos humano, pode ser posta em uma ainda outra sub-categoria, a de dominada do dominado, explorada pelo explorado, serva do servo e escrava do escravo. Logo abaixo dela e às vezes no mesmo plano estavam os animais, por quem eram trocadas como na antiga Trácia. Ela podia ser comprada, trocada, emprestada, raptada com consentimento ou sem, morta, surrada, violada ou super-protegida.

Na Índia, por exemplo, ela estava uma categoria abaixo da vaca, animal sagrado e intocável, e segundo um costume muito antigo a viúva deveria acompanhar o seu ex-marido defunto no longo passeio pela eternidade. E geralmente como o casamento indiano era também “contratado” pela família da jovem, o que se podia assistir eram degradantes espetáculos pirotécnicos onde meninas viúvas ardiam na fogueira ao lado do cadáver de algum velho decrépito.

Estudos comparados de antropólogos e sexólogos, principalmente com a revolução ativada por Master e Jonhson, talvez venham depois de tanto tempo trazer alguma luz para esse comportamento tão massacrante do homem em relação a sua sócia planetária.²

¹ Discurso de entrega da noiva ao futuro marido, por seu pai, parte do ritual de casamento entre os nativos das Ilhas Fidji há tempos atrás.

² Num trabalho pioneiro no campo da sexologia, esses dois cientistas, derrubaram com estudos e pesquisas sob condições rigorosamente controladas de laboratório a teoria de Freud, segundo a qual a mulher realmente madura era aquela que passando pela face clitoriana, encontrava sua satisfação sexual e o deflagrador do seu orgasmo na área vaginal. A dupla de cientistas provou que o único deflagrador orgásmico é o clitóris e que a mulher sexualmente sadia pode ter teoricamente uma quantidade infinita de orgasmos sucessivos.

A coisa talvez tenha tido origem na época em que o "homem" saía para matar brontossauro à porrete. O orgulho do macho-guerreiro, começando a se assenhorar do meio, começando a criar e manipular objetos era muito justificado. Mas ao voltar à caverna, vitorioso após uma luta aparentemente desigual, ele encontrava ela, frágil e dócil criaturinha aguardando o seu herói, o seu super-homem-das-cavernas. Aí começava a "guerra". Não podemos afirmar com absoluta certeza o que acontecia mas não deveria ser muito diferente do que acontece hoje — após ter alcançado o seu prazer de machão-cavernoso, o matador de dinossauro virava-se para o lado, ajeitava seu travesseiro de pedra e dormia. Só que a mulher ainda livre, ainda sem o peso milenar da repressão e da castração, podia manifestar abertamente o seu desapontamento e sua insatisfação. Então afastados por um abismo fisiológico e sem os concursos das modernas estrepolias sexuais-tecnológicas, o brucutu teve que tomar uma atitude que lhe garantisse a inatacabilidade e colocasse aquela "coisinha" aquietada no seu devido lugar.

É claro que isso foi depois do estágio coletivista onde a mulher transava com vários homens e a descendência era seguida pela linha materna. Mas aí veio a propriedade privada, e a necessidade de manter "as coisas" em família.

E a mulher começou a ser massacrada. Os "psicólogos" antigos descobriram empiricamente que a melhor coisa para apagar de vez aquele sorrisinho de superioridade dos lábios femininos "depois", era pulverizar a sua identidade, afogar sua sexualidade, transmutá-la numa coisa, num objeto e até dar-lhe valor de troca. Na antiga Caldéia segundo o Código de Hamurabi havia o Tirhato, o preço da mulher para transações afetivas, na antiga Irlanda era o coibche, na África o lobolo (até hoje) e vai por aí chegando até a Alemanha e a Noruega onde a expressão Weib Kaufen (literalmente "comprar uma mulher") significava, casar, até o século XV.

A lista das atrocidades cometidas fisicamente, ou moralmente ou ainda espiritualmente contra a mulher seria desmesuradamente gigantesca. E hoje em dia quando os meios de dissuasão se sofisticaram, se camuflaram, a mulher já tem pelo

menos a consciência de que não é animal inferior nem objeto com valor pecuniário. Isso já é um passo descomunal.

Agora uma minoria, uma elite desse imenso contingente de seres humanos de sexo feminino descobriu que tem direitos e se prepara para lutar por eles. E amanhã?

Amanhã explodirá em todas as consciências uma nova verdade, já farejada por um minúsculo número de mentes futuristas.

Não é contra o homem que os aguerridos contingentes feministas devem lutar, não é ao macho que deve ser imputada a sentença condenatória. O inimigo não é o homem. Pois, em muitas situações e em muitas sociedades a mulher foi o seu próprio verdugo, seu próprio executor, enquanto que em ocasiões os homens participaram na linha de frente de movimentos redentoristas femininos.

A questão fundamental, na maioria das vezes encoberta e desviadas por vozes libertárias em falsete, não é a emancipação da mulher isoladamente, não é a solução sexista como resultado de um confronto entre "João e Maria" porque nunca haveria vitória.

A questão é a demolição de sistemas anacrônicos que como peias mantêm o Homem grudado ao visgo da propriedade privada, da mentalidade classista, da luta de vida ou morte pelo bezerro-de-ouro.

A questão é a libertação de cada um e de toda a Humanidade de uma ordem vampiresca, que nos isola, nos coloca na rinha, e nos dá para substituir nossa alma — um T.V. a cores.

Roberto Goldkorn

**A LIBERTAÇÃO DA MULHER É UMA NECESSIDADE
DA REVOLUÇÃO, GARANTIA DA SUA CONTINUIDADE,
CONDIÇÃO DO SEU TRIUNFO.**

(1973)

Samora Machel

Presidente da Frente de Libertação de Moçambique

Presidente da República Popular de Moçambique

Camaradas Membros do Comité Central,
Camaradas Membros do Comité Executivo,
Camaradas Delegadas,
Camaradas Observadoras e Observadores,
Camaradas,

Este é um movimento histórico, glorioso, na vida da nossa Organização. Pela primeira vez realiza-se uma *Conferência das Mulheres Moçambicanas* engajadas em todos os setores de atividade, no quadro da nossa Revolução. Pela primeira vez, militantes da FRELIMO juntam-se para em comum unirem os seus esforços e conjuntamente traçarem uma estratégia para a emancipação da mulher.

Neste momento queremos saudar calorosamente, em nome do Comité Central da FRELIMO, todas as delegações aqui presentes.

Permitam-nos dirigir uma saudação particular às delegadas das Províncias em luta, que deixaram setores importantíssimos de trabalho para, com a sua presença e experiência, contribuirem para o sucesso desta Conferência. A presença delas aqui é prova da sua compreensão do valor desta Conferência e garantia do sucesso dos nossos trabalhos.

Saudamos as camaradas de Cabo Delgado que heroicamente lutam em todas as frentes, muitas delas desde o início da guerra, fazendo avançar e consolidando a Revolução, desferindo golpes tremendos às forças colonialistas e reacionárias.

Saudamos as camaradas que vêm do Niassa, Província tão vasta mas com população tão reduzida. As dificuldades que estas camaradas enfrentam são grandes — mas elas sabem superá-las, demonstrando uma determinação e espírito revolucionário inquebrantáveis, defendendo dia a dia as idéias centrais da nossa Organização, transportando material, mobilizando as populações, produzindo e alimentando os guerrilheiros, criando condições para que no Ocidente, no Oriente, no Sul desta Província a presença da FRELIMO permaneça incontestada.

As camaradas de Tete têm uma responsabilidade especial. Esta é uma Província de grande importância estratégica, que representa como que a porta para a libertação de toda a África Austral, e é o centro do conflito direto entre as forças revolucionárias e as forças da reação. Saudamos com calor as camaradas vindas de Tete, e felicitamo-las por terem assumido tão completamente as palavras de ordem da nossa Organização, e em cerca de 4 anos apenas, ao lado dos homens seus companheiros de armas, terem sabido transportar o facho da liberdade através de toda a Província de Tete, fazendo-o entrar e iluminar já também Manica e Sofala.

Queremos saudar as camaradas que nas zonas ocupadas ainda pelos colonialistas portugueses realizam o *trabalho clandestino*. Atuando no seio do inimigo, sujeitas a riscos incalculáveis, submetidas às tentações de corrupção em que o inimigo é especialista, estas camaradas, pondo os interesses do povo acima de tudo, enfrentam os riscos e recusam a corrupção, criando condições para o desencadeamento da luta armada, fornecendo-nos informações valiosíssimas e dando uma contribuição importantíssima para o progresso da nossa luta de libertação.

Queremos por último envolver numa saudação especial as camaradas que trabalham nos campos da FRELIMO no exterior, nos vários setores de atividade. Na representação, onde desempenham um papel de relevo para o abastecimento das novas frentes. Na Escola Secundária onde se preparam os quadros que vão assumir a nossa orientação, descobrindo os segredos da ciência e destruindo os mitos, para mobilizar a sociedade e a natureza em favor da revolução.

Saudamos também as camaradas do *Hospital Américo Boavida*, que realizam o nosso princípio de pôr os serviços de saúde ao serviço das massas, tratando os feridos de guerra e

os doentes, para os habilitarem a regressar à luta, e formando quadros que nas linhas de frente defenderão a saúde do nosso Povo.

As camaradas do CPPM merecem uma saudação especial. Elas realizam uma missão delicada e difícil — transformando homens e mulheres dominados por idéias velhas e preconceitos, em combatentes conscientes e prontos a destruir as forças físicas e morais de exploração e opressão do inimigo.

Três tarefas decisivas recaem sobre as camaradas do nosso viveiro. *Formar a nova geração*, criar nas crianças a mentalidade nova que lhes permitirá serem autênticos continuadores da revolução. Ensinar os alunos, para que, assumindo a nossa linha, dominem a ciência e se tornem agentes transformadores da sociedade. Transformar as esposas dos militantes em militantes ativas elas próprias, em autênticas mães da revolução.

A estas nossas camaradas, que hoje aqui nos acolhem para realizarmos a nossa Conferência, endereçamos as nossas calorosas saudações, conscientes como estamos do seu importante papel de educadoras.

Podemos com orgulho dizer que esta Conferência é uma grande vitória. Vitória contra o obscurantismo e tradições que condenam a mulher à passividade, *vitória contra a sociedade exploradora que escraviza a mulher*. Vitória da revolução, que liberta os explorados e oprimidos, liberta a iniciativa das massas.

Mas as vitórias também se constroem e se alimentam do sangue e sacrifício. Muitas mulheres, muitos homens, aqui deveriam estar hoje conosco. Elas e eles, que pelo combate contra o inimigo, pelo combate interno realizado, criaram as condições políticas, morais e mesmo físicas, para que nos reuníssemos aqui.

Eles não estão fisicamente conosco. *Os seus corpos são as pontes que nos permitem avançar*. Uns, consumiram a vida num ato heróico final; outros, cada dia da sua vida foi um ato heróico, um exemplo de servir as massas, de defesa da linha.

Somos o que somos pelos sacrifícios e sangue que fertilizam e regam a revolução. É justo, pois, que ao iniciarmos a nossa Conferência, observemos um minuto de silêncio em memória das mulheres e homens que caíram servindo o povo, servindo a revolução.

Aqui se reúnem mulheres vindas de todas as Províncias, de todas as Regiões e grupos étnicos do nosso País, com vários níveis de educação e cultura. Aqui se encontram mães e mesmo algumas avós, lado a lado com jovens solteiras. Temos presentes professoras, instrutoras, soldados, enfermeiras, alunas, como presentes estão camponesas. Convosco participarão nos trabalhos, homens, vossos camaradas de combate, não só na libertação da Pátria, como ainda na própria luta pela emancipação da mulher.

1. A REVOLUÇÃO E A EMANCIPAÇÃO DA MULHER

a) O contexto histórico da Conferência

Esta Conferência realiza-se num momento histórico particular da vida da nossa Organização. É este contexto histórico que situa a importância da Conferência, o seu significado profundo no processo da Revolução.

Acabamos de celebrar o décimo aniversário da criação da FRELIMO. A criação da unidade do Povo Moçambicano do Rovuma ao Maputo forneceu-nos o instrumento indispensável para o desencadeamento do processo de libertação. É a unidade que constitui a força motriz da nossa ação. A transformação da nossa unidade em força operativa, por outras palavras, o desencadeamento da luta armada em 25 de Setembro de 1964, criou as condições para o início de um processo radical de transformações no nosso País.

A celebração recente do oitavo aniversário do começo da luta armada de libertação nacional reveste-se de uma grande importância, porque a luta já se transformou em Revolução e esta estende-se, progressivamente, a todas as regiões da nossa Pátria, como o testemunha a recente abertura da frente de Manica e Sofala.

O oitavo aniversário que celebramos corresponde a uma fase avançada do processo de desagregação do esforço militar e político do inimigo. Entramos agora, como definiu a recente reunião do Comité Central, numa etapa de ofensivas generalizadas das nossas forças no domínio político-militar, uma etapa que conduzirá ao estabelecimento duma correlação de forças com o inimigo a nosso favor.

A clarificação constante e o aprofundamento da nossa linha, que têm vindo a realizar-se nestes 4 anos e meio que se

seguiram ao II Congresso, tornaram possível os sucessos obtidos, forneceram-nos a orientação necessária que nos permitiu chegar ao momento presente. É este o contexto em que amadureceram as condições que nos levaram à convocação desta Conferência.

O início desta Conferência quase coincide com o dia 8 de Março, *Dia Internacional da Mulher*, dia em que toda a humanidade progressista reafirma solenemente o seu apoio à luta da mulher pela sua libertação. Esta coincidência feliz deve ser um estímulo para nós, pois nos chama a atenção para o fato da nossa luta não estar isolada, nos mostra que o combate da mulher é um combate da humanidade e nos faz sentir os progressos já realizados.

O objetivo central da Conferência é o de estudar as questões referentes à emancipação da mulher, encontrar as linhas de ação que a levarão à sua emancipação. Mas uma pergunta surge: Por quê preocuparmo-nos com a emancipação da mulher? Põe-se ainda outra questão: qual a razão para convocarmos agora esta Conferência?

Existem pessoas no nosso seio, a organização está consciente disso, que acham que devemos consagrar todos os nossos esforços à luta contra o colonialismo, que a tarefa da emancipação da mulher neste quadro é secundária, pois leva-nos a um desperdício das nossas forças. Acrescentam ainda que a situação em que vivemos, com escassez de escolas, com poucas mulheres instruídas, com as mulheres apegadas à tradição, não nos fornece as bases de partida para uma ação conseqüente; por isso importa aguardar a independência, a construção duma base econômica, social e educacional sólida para desencadear a batalha.

Outros dizem ainda, interpretando tendenciosamente os Estatutos, que é necessário respeitar certas particularidades tradicionais locais, que não as podemos combater nesta fase, pois arriscamo-nos a perder o apoio das massas. Esses perguntam então: qual a necessidade, neste momento, de emancipar a mulher, quando a maioria esmagadora das mulheres é indiferente ao assunto? No fim das contas, concluem, a emancipação é artificial, é imposta pela FRELIMO às mulheres.

Esta é uma questão muito séria. Exige estudo e idéias claras.

b) A necessidade da emancipação

A emancipação da mulher não é um ato de caridade, não resulta de uma posição humanitária ou de compaixão. A *libertação da mulher é uma necessidade fundamental da Revolução*, uma garantia da sua continuidade, uma condição do seu triunfo. A Revolução tem por objetivo essencial a destruição do sistema de exploração, a construção duma nova sociedade libertadora das potencialidades do ser humano e que o reconcilia com o trabalho, com a natureza. É dentro deste contexto que surge a questão da emancipação da mulher.

De uma maneira geral, no seio da sociedade, ela aparece como o ser mais oprimido, mais humilhado, mais explorado. Ela é explorada até pelo explorado, batida pelo homem rasgado pela palmatória, humilhada pelo homem esmagado pela bota do patrão e do colono.

Como fazer triunfar a Revolução sem libertar a mulher? Será possível liquidar-se o sistema de exploração, mantendo uma parte da sociedade explorada? *Não se pode liquidar só uma parte da exploração e da opressão, não se pode arrancar metade das raízes da erva ruim sem que esta renasça mais forte ainda a partir da outra metade que sobreviveu.*

Como fazer então a Revolução sem mobilizar a mulher? Se mais de metade do povo explorado e oprimido é constituído por mulheres, como deixá-las à margem da luta? A Revolução para ser feita necessita de mobilizar todos os explorados e oprimidos, por consequência as mulheres também. A Revolução para triunfar tem que liquidar a totalidade do sistema de exploração e opressão, libertar todos os explorados e oprimidos, por isso tem que liquidar a exploração e opressão da mulher, é obrigada a libertar a mulher.

Considerando ainda a necessidade fundamental da Revolução ser prosseguida pelas novas gerações, como poderemos assegurar a formação revolucionária das gerações de continuadores, se a mãe, primeira educadora, se encontra à margem do processo revolucionário? Como fazer do lar do explorado, do oprimido, uma célula do combate revolucionário, um centro difusor da nossa linha, um estímulo para o engajamento da família, quando a mulher permanece apática a este processo, indiferente à sociedade que está sendo criada e surda ao apelo do Povo?

Dizer-se que a mulher não sente a necessidade de se

libertar, ou que muitas vezes é a FRELIMO, e não as mulheres, quem defende a emancipação da mulher, é um argumento sem peso, que não resiste à análise. As mulheres sentem essa dominação, sentem a necessidade de modificar a sua situação. O que existe é que a dominação exercida pela sociedade, asfixiando-lhes a iniciativa, impede-lhes freqüentemente de exprimirem as suas aspirações, impede-lhes de conceberem os métodos da sua luta. É a este nível que intervém a FRELIMO, vanguarda consciente das mulheres e homens de Moçambique, do Povo oprimido; ela formula a linha, indica os métodos de combate.

Devemos compreender o fenómeno para evitar os falsos debates, os debates inúteis.

c) O momento de desencadear a batalha

Surge ainda a questão de saber qual é o momento oportuno para desencadear a luta pela emancipação da mulher.

Não podemos limitar o processo revolucionário a certos aspectos, negligenciando outros, porque a Revolução seria bloqueada, seria destruída. As raízes do mal que desprezamos para arrancar mais tarde transformar-se-iam em raízes de cancro que nos destruiriam, invadindo o corpo inteiro, antes de chegarmos a esse "mais tarde".

A FRELIMO, nas condições atuais, já não pode fazer a luta armada sem fazer a Revolução. A condição para o desenvolvimento da luta armada é atingir as raízes da exploração. A idéia de esperarmos para emancipar a mulher mais tarde é errônea, significa deixarmos as idéias reacionárias ganharem terreno para as combatermos quando estão fortes. É não combater o jacaré nas margens do rio, para o combatermos quando se encontra no meio da água.

A luta armada, agindo como cápsula incubadora, criou já as condições para que as massas estejam receptivas às idéias de progresso e revolução. Não desencadearmos a batalha quando as condições estão maduras é uma falta de visão política, um erro estratégico.

É esta ligação íntima e indissolúvel entre revolução e libertação da mulher que nos permite compreender também porque é que só agora surge esta Conferência, e não há 5 anos atrás por exemplo. Recuemos a uma outra experiência que vivemos: a LIFEMO. A LIFEMO criou-se em Mbeya, em Junho de 1966. Nessa reunião, onde só participaram praticamente

elementos marginais na luta, eles elegeram uma direção ignorante da luta e do País, e fixaram-se algumas tarefas, fora das perspectivas reais da luta. Poucos meses depois da Conferência da LIFEMO, da sua Direção só restavam os nomes. Como um fruto podre, a LIFEMO decompôs-se por si própria. Por quê?

Quando a LIFEMO se constituiu, em que fase se encontrava a FRELIMO, a revolução moçambicana e a mulher? A FRELIMO ainda não tinha estruturas sólidas, a sua linha não estava suficientemente compreendida e assumida, porque ainda não fora posta à prova pela luta. Os seus quadros e direção não estavam suficientemente temperados pela luta, não possuíam experiência.

Esta situação em que a linha, embora clara, não está assumida, em que as estruturas não são sólidas, a direção não é experiente e os quadros não estão temperados, bloqueava o aprofundamento da linha na prática. Não podíamos distinguir o fundamental do secundário, definir corretamente as nossas tarefas, dando prioridade ao principal. Assim encontrava-se ainda muito embrionário o processo de desenvolvimento da popularização da guerra, ponto de partida, nas nossas condições, para a transformação da luta em Revolução.

Podemos pois dizer que, no momento da criação da LIFEMO, o processo revolucionário ainda se encontrava na sua fase inicial. Neste quadro compreende-se a dificuldade de se travar a batalha pela emancipação da mulher. Ela é inseparável do desenvolvimento da Revolução.

Por consequência, para a LIFEMO, falar de emancipação da mulher era apenas um exercício verbal, vazio, uma imitação do que se fazia no mundo, uma moda superficial.

Assim era, porque nesse momento a mulher em geral não aparecia engajada na luta. E o que é mais importante ainda, as que estavam engajadas foram discriminadas, não foram convidadas a participar da Conferência. Sem engajamento, sem tarefa, a LIFEMO estava condenada a definhár, a tornar-se anêmica e morrer. E foi isto, precisamente, o que aconteceu.

Hoje existem realmente as condições para o desencadeamento vitorioso da batalha. A linha da FRELIMO foi assumida e aprofundou-se na prática, os nossos quadros ganham experiência, temperam-se na luta e assim o processo de purificação das nossas fileiras desencadeou-se. O processo revolucionário afirmou-se, a luta transformou-se já

em Revolução, a unidade nacional torna-se unidade ideológica.

A participação da mulher na luta armada, tarefa principal na nossa etapa histórica, permite-lhe materializar a nossa unidade e cria as condições para a transformação da sua consciência: sentir-se responsável, aceder ao engajamento consciente, assumir a análise, compreender que a sociedade é criada por nós.

Sopra pois o vento da Revolução, e com ele obrigatoriamente sopra o vento da emancipação da mulher. *O Comité Central da FRELIMO fez-nos içar as velas, o momento é favorável para navegarmos.*

2. OS FUNDAMENTOS DA ALIENAÇÃO DA MULHER

a) O sistema de exploração como ponto de partida

É evidente que se falamos de emancipação da mulher isso significa implicitamente que ela é oprimida, explorada. Importa compreendermos as bases dessa opressão, dessa exploração.

Começemos por dizer que a opressão da mulher é uma consequência da sua exploração, a opressão na sociedade é sempre o resultado da exploração imposta. O colonialismo não vos veio ocupar com o objetivo de nos prender, de nos chicotear ou dar palmatorias. Ele invadiu-nos, ele ocupou-nos com o objetivo de explorar as nossas riquezas, explorar o nosso trabalho. Para nos explorar, para suprimir a nossa resistência à exploração e impedir uma revolta contra ela, introduziu então o sistema de opressão. A opressão física, com os tribunais, a polícia, as forças armadas, as prisões, as torturas, os massacres. A opressão moral, com o obscurantismo, a superstição, a ignorância, destinados a destruir o espírito de iniciativa criadora, liquidar o sentido de justiça e crítica, reduzir a pessoa à passividade, à aceitação do estado de explorado e oprimido como coisa normal. Dentro do processo surge então a humilhação e o desprezo, porque aquele que explora e oprime tem tendência a humilhar e desprezar a vítima, considerá-la como naturalmente inferior. Aparece o racismo, forma suprema da humilhação e do desprezo.

O mecanismo da alienação da mulher é idêntico ao

mecanismo da alienação do homem colonizado na sociedade colonial, ou do trabalhador na sociedade capitalista.

A partir do momento em que a humanidade primitiva começou a produzir mais do que consumia, foram criadas as bases materiais para que no seio da sociedade surgisse uma camada que se iria apropriar dos frutos do trabalho da maioria. É esta apropriação do resultado do trabalho das massas por um punhado de elementos na sociedade que constitui a essência do sistema de exploração do homem pelo homem e o coração da contradição antagônica que há séculos divide a sociedade.

Logo que se desencadeou o processo de exploração, a mulher na sua generalidade, como o homem, foi submetida à dominação das camadas privilegiadas. A mulher é também um produtor, um trabalhador, mas com qualidades particulares. Possuir mulheres é possuir trabalhadores, trabalhadores gratuitos, trabalhadores cuja totalidade do esforço de trabalho pode ser apropriada sem resistência pelo esposo, que é amo e senhor. *Casar-se com muitas mulheres na sociedade de economia agrária torna-se um meio certo para acumular muitas riquezas.* O marido assegura-se de uma mão-de-obra gratuita, que não reclama nem se revolta contra a exploração.

Daí a importância da poligamia nas zonas rurais de economia agrária primitiva. *A sociedade, compreendendo que a mulher é uma fonte de riqueza, exige que um preço seja pago. Os pais requerem do futuro genro o pagamento dum preço, o "lobolo", para cederem a filha.* A mulher é comprada, herdada, como se fosse um bem material, uma fonte de riquezas.

Mas mais importante ainda: comparada com o escravo, por exemplo, que também é uma fonte de riquezas, que também é um trabalhador gratuito, a mulher oferece duas outras vantagens ao seu próprio: *é uma fonte de prazer*, e sobretudo é uma produtora de outros trabalhadores, uma produtora de novas fontes de riqueza.

Este último aspecto é particularmente significativo. Assim um marido terá na sociedade o direito de repudiar a mulher e de exigir a devolução do lobolo quando for estéril, ou o marido pensar que ela assim o é. Nota-se ainda que em muitas sociedades, conscientes do valor da força de trabalho dos filhos gerados pela mulher, se estabelece o princípio de que estes pertencem ao clã maternal, à família da mãe. Na

nostra sociedade é também corrente a prática dos filhos continuarem a pertencer à família da mãe, sobretudo enquanto o marido não tiver satisfeito a totalidade do lobolo, isto é, o preço da compra dessas riquezas. É este contexto que produz a sobrevalorização da fertilidade da mulher, a transformação da relação homem-mulher em mero ato de procriação.

Mas uma situação particular surgiu. O explorador, graças à sua dominação sobre as massas, adquiria vastas riquezas, enormes propriedades, manadas de gado, ouro, jóias, etc. Apesar das riquezas, como todo o homem, continuava mortal. Punha-se então o problema do destino dessas riquezas; por outras palavras, a questão da *herança* torna-se fundamental. *A mulher é a produtora dos herdeiros.*

Compreendemos assim que o ponto de partida da exploração da mulher e sua conseqüente opressão se encontra no sistema de propriedade privada dos meios de produção, no sistema de exploração do homem pelo homem.

b) Os mecanismos ideológicos e culturais da dominação

A sociedade da propriedade privada dos meios de produção, sociedade de exploração do homem, cria e impõe a ideologia e cultura que defenderão os seus valores, assegurarão a sua sobrevivência. A exploração econômica da mulher, a sua transformação em produtor sem direitos, a serviço do proprietário-esposo ou do proprietário-pai, exigem a elaboração da ideologia e cultura adequadas, a organização de um sistema de educação que as transmitam. É evidente que não se trata dum ato único e total, mas de um processo que foi elaborado e refinado durante os milênios em que a sociedade existe.

O obscurantismo é o ponto de partida do processo. Manter a mulher na ignorância, ou só educá-la o mínimo necessário, é o princípio geral. Em toda a parte vemos que o analfabetismo é sempre superior nas mulheres que, embora constituam a maioria da população, aparecem sempre como minoria nas escolas, nos cursos, nas universidades.

As civilizações mais desenvolvidas do passado, como hoje ainda na sociedade capitalista, sempre mantiveram a ciência como monopólio do homem, seu domínio exclusivo. Manter a mulher separada da ciência é impedi-la de descobrir que a sociedade é criada em função de certos interesses

precisos, e que por conseqüência é possível modificar a sociedade.

O obscurantismo, a ignorância, são irmãos gêmeos da superstição e os pais da passividade.

Todas as superstições, as religiões, sempre encontraram o terreno mais fértil no seio da mulher, porque esta se encontrava mergulhada na maior ignorância e obscurantismo. Na nossa sociedade os ritos e cerimônias aparecem como o veículo principal de transmissão dos conceitos da sociedade sobre a inferioridade da mulher, sobre a sua subserviência em relação ao homem. É a este nível ainda que se propagam numerosos mitos e superstições que se destinam objetivamente a destruir o espírito de iniciativa da mulher, e reduzi-la à passividade.

A própria educação familiar acentua e reforça estes diversos aspectos.

Desde criança a moça é educada de uma maneira diferente do rapaz, sendo-lhe inculcado um sentimento de *inferioridade*.

Nada disso é surpreendente: como dissemos, a sociedade exploradora fomenta a ideologia, a cultura, a educação que servem aos seus interesses. Ela faz isso com a mulher, como o faz com o colonizado ou o trabalhador nos países capitalistas. Todos eles são mantidos deliberadamente na ignorância, no obscurantismo e na superstição, com o objetivo de convencê-los a resignarem-se à sua situação, a inculcar-lhes o espírito de passividade e servilismo.

O racismo surge aqui: o colonizado é definido como ser humano de segunda categoria, em função da sua cor. A mulher é definida como ser humano inferior por causa do seu sexo. Nos países capitalistas da Europa dirão que a mulher é uma criatura com cabelos compridos e idéias curtas.

O processo de alienação mental atinge o ponto culminante quando o elemento explorado, reduzido à passividade total, já não consegue imaginar que possa existir uma possibilidade de libertação, e ele próprio se torna agente difusor da teoria da resignação e passividade. Devemos reconhecer que a dominação multi-secular da mulher a reduziu em grande parte a este estado de passividade, que a impede mesmo de compreender a sua condição.

c) A definição do antagonismo

Importa compreender corretamente a natureza da contradição ou das contradições que se encontram em jogo, pois só depois de as compreendermos estaremos em condições de definir os alvos do nosso ataque, conceber a estratégia e a tática adequadas ao nosso combate.

Vimos que o fundamento da dominação da mulher se encontrava no sistema de organização da vida econômica da sociedade: a propriedade privada dos meios de produção, que necessariamente conduz à exploração do homem pelo homem.

Quer isto dizer que, na sua essência, a contradição entre a mulher e a ordem social, para além das condições específicas da sua situação, é a contradição entre ela e a exploração do homem pelo homem, entre ela e a propriedade privada dos meios de produção. Por outras palavras, essa contradição é a mesma que existe entre as massas populares trabalhadoras e a ordem social exploradora.

Sejamos claros neste ponto: a contradição antagônica não é entre a mulher e o homem, mas sim entre a mulher e a ordem social, entre todos os explorados, mulheres e homens, e a ordem social. É esta situação de explorada que explica a sua ausência de todas as tarefas de concepção e decisão no seio da sociedade, que a exclui da elaboração das concepções que organizam a vida econômica, social, cultural e política, mesmo quando os seus interesses estão diretamente afetados.

É este o aspecto principal da contradição: a sua exclusão da esfera de decisão da sociedade. Esta contradição só pode ser resolvida pela Revolução porque só a Revolução constrói os alicerces da sociedade exploradora e reconstrói a sociedade em bases novas, que libertam a iniciativa da mulher, a integram como ser responsável na sociedade e a associam à elaboração das decisões.

Por conseqüência, da mesma maneira que não pode haver Revolução sem libertação da mulher, a luta pela emancipação da mulher não pode triunfar sem vitória da Revolução.

Devemos ainda dizer que os fundamentos ideológicos e culturais da sociedade exploradora, que mantém dominada a mulher, são destruídos pelo progresso da Revolução ideológica e cultural, que impõe à sociedade *novos valores, novos métodos, novo conteúdo da educação e cultura*.

Mas além desta contradição antagônica entre a mulher e

a ordem social, surgem ainda, como reflexo, outras contradições, que, com caráter secundário, opõem a mulher ao homem.

O sistema de casamento, a autoridade marital fundada exclusivamente no sexo, a freqüente brutalidade do marido, a sua recusa sistemática em tratar a mulher como seu igual, constituem fontes de atritos e contradições. Por vezes mesmo, em certos casos limites, estas contradições secundárias, porque não resolvidas corretamente, agudizam-se e resultam em consequências graves; como o divórcio.

Mas não são estes fatos, por mais graves que possam ser, que alteram a natureza da contradição.

Importa sublinhar este aspecto porque na nossa época presenciamos, sobretudo no mundo capitalista, uma ofensiva ideológica que, sob a camuflagem de luta de libertação da mulher, pretende transformar em antagônica a contradição com o homem, dividindo assim homens e mulheres — explorados — para impedir que combatam a sociedade exploradora. Na realidade, para além da demagogia que encobre a sua natureza real, esta ofensiva ideológica é uma ofensiva da sociedade capitalista para confundir as mulheres, desviar a sua atenção do alvo verdadeiro.

No nosso seio aparecem pequenas manifestações desta ofensiva ideológica. Ouvimos aqui e ali mulheres murmurarem contra os homens, como se fosse a diferença dos sexos a causa da sua exploração, como se os homens fossem uns monstros sádicos que tiram o seu prazer da opressão da mulher.

Homens e mulheres são produtos e vítimas da sociedade exploradora que os criou e educou. É contra ela essencialmente que mulheres e homens unidos devem combater.

A nossa experiência prática tem provado que os progressos obtidos na libertação da mulher resultam dos sucessos obtidos no nosso combate comum contra o colonialismo e imperialismo, contra a exploração do homem pelo homem, pela construção da nova sociedade.

3. QUESTÕES ESTRATÉGICAS E TÁTICAS

a) *As linhas de força da nossa ação*

O combate pela emancipação da mulher exige uma clarificação das nossas idéias, como ponto de partida. Esta clarificação impõe-se tanto mais quanto pululam concepções erradas sobre a emancipação da mulher.

Há quem conceba a emancipação como uma igualdade mecânica entre o homem e a mulher. Esta concepção vulgar manifesta-se muitas vezes no nosso seio. A emancipação seria, então, a mulher e o homem fazerem exatamente as mesmas coisas, dividirem mecanicamente as tarefas no lar. “Se hoje lavei os pratos, amanhã você os lavará quer você esteja ou não ocupado, quer tenha ou não tempo”. Se na FRELIMO ainda não há mulheres tratoristas ou motoristas é necessário imediatamente que haja, sem ter em conta as condições objetivas e subjetivas. A emancipação concebida mecanicamente leva, como vemos por exemplo nos países capitalistas, a reclamações e atitudes que deturpam inteiramente o sentido da emancipação da mulher. A mulher emancipada é a que bebe, é a que fuma, é a que usa calças e mini-saias, a que se dedica à promiscuidade sexual, a que recusa ter filhos, etc.

Outros, identificam a emancipação com a acumulação de diplomas..., aparecendo em particular o diploma universitário como um certificado de emancipação.

Há ainda quem considere que a emancipação consiste em aceder-se a um certo nível econômico, social, cultural.

Todas estas concepções são erradas e superficiais. Nenhuma delas atinge o coração da contradição nem propõe uma linha que verdadeiramente emancipe a mulher.

A emancipação exige uma ação em vários níveis essenciais.

Importa primeiro traçar a linha de ação política. *A mulher para se emancipar necessita de um engajamento político consciente.* O que significa isto em termos práticos para o ponto que abordamos?

Significa primeiramente que a linha deve ser traçada por uma *organização* política revolucionária que, assumindo a totalidade dos interesses das massas populares exploradas,

as conduza na batalha contra a sociedade velha. Só esta organização está em condições de formular a estratégia global do combate libertador. Isto quer dizer concretamente, no nosso caso, que a mulher para se libertar deve assumir e viver criativamente a linha política da FRELIMO. Fora disto ela lançar-se-á em combates estéreis, secundários, que a esgotarão inutilmente e sem sucesso.

Assumir e viver a linha exige o engajamento nas tarefas traçadas pela Organização. Como a *planta para se desenvolver necessita de se enraizar na terra, a linha enraíza-se na prática revolucionária*. É a prática revolucionária que destrói a sociedade exploradora, é ela que desencadeia o combate interno, faz desmoronar as concepções erradas que trazemos, é ela que liberta o nosso sentido crítico e iniciativa criadora.

Exige-se neste contexto que a mulher se mobilize para o combate interno e para o combate das massas, e que ela se organize. Assim poderá assumir a linha política para desencadear a ofensiva. Ela deve engajar-se na batalha da educação política das novas gerações, na batalha da mobilização e organização das massas em grande escala. Assim o seu engajamento na luta de libertação tornar-se-á um ato concreto, levá-la-á a participar nas decisões que afetam o destino da Nação.

Surge ainda a necessidade do engajamento nas tarefas da *produção*.

A libertação das forças produtivas, o desencadeamento do processo de desenvolvimento económico conduzirão ao aprofundamento ideológico, tornarão mais sólido o conhecimento da realidade: a sociedade e a natureza.

Um terceiro aspecto é o da *educação científica e cultural*. A base científica e cultural permite à mulher aceder a uma concepção correta das suas relações com a natureza e a sociedade, destruindo assim os mitos gerados pelo obscurantismo que a oprimem mentalmente e a privam de iniciativa.

Assim progressivamente a mulher acederá a todos os níveis de concepção, decisão e execução, na organização da vida das crianças e hospitais, das escolas e fábricas, do exército e da diplomacia, da arte, ciência e cultura, etc.

Aqui devemos ainda salientar que o conjunto destas necessidades não são exclusivos da mulher, porque o homem também, como ela, aparece alienado, ainda que sob formas diferentes.

Resta um aspecto final: o das relações entre o homem e a mulher, especificamente a concepção nova sobre o *casa* e o *lar*. Vemos já claramente o que não podem ser essas relações. Até hoje elas foram fundadas na pretensa superioridade do homem sobre a mulher, com o objetivo de satisfazer o egoísmo do homem.

Devemos dizer — o que é novo na sociedade — que a relação familiar, a relação homem-mulher, deve ser fundada exclusivamente no amor. Não falamos aqui das concepções românticas e banais do amor, que pouco mais são que excitação emocional e idealizações sobre a vida real. Para nós *o amor só pode existir entre seres livres e iguais*, que possuem um ideal e engajamento comum, ao serviço das massas e da Revolução. É sobre esta base que se edifica a identidade moral e afetiva que constitui o amor. Precisamos pois descobrir esta nova dimensão, até hoje desconhecida no nosso País.

b) A organização da mulher

Dentro do princípio de mobilizar, organizar e unir todas as forças para o combate, o Comitê Central, satisfazendo as aspirações da consciência crescente da mulher moçambicana, decidiu constituir a Organização da Mulher Moçambicana.

A Organização da Mulher Moçambicana é uma estrutura de enquadramento e orientação da mulher moçambicana em geral, na batalha pela emancipação da mulher e pela Moçambicana.

A sua tarefa central, além da anterior, é a de mobilizar a opinião internacional a favor da nossa luta, e exprimir a solidariedade da mulher e do Povo Moçambicano para com a luta libertadora e revolucionária das mulheres e dos Povos do mundo inteiro. Um combate, particularmente, impõe-se à Organização: manter sempre agudo o sentido real da emancipação, reforçar a luta ideológica contra as tentativas de desvirtuar a luta da mulher e de isolá-la da Revolução. É a adesão firme à linha, compreendida, assumida e vivida no detalhe do quotidiano, que fornecerá à Organização e à mulher

o sentido necessário de vigilância, para detectar no embrião a menor ofensiva ideológica reacionária.

Estejamos seguros de que os inimigos colonialistas, como outras forças reacionárias e conservadoras, reagirão contra esta Conferência e seus resultados e esforçar-se-ão em transformar as decisões em letra morta. Companheiros nossos, ainda presos a concepções erradas, terão dificuldade em compreender o sentido profundo do combate da mulher e criarão diversos obstáculos.

Mas os obstáculos maiores *serão criados pela própria mulher*, pelo seu hábito de *dependência*, pela sua *passividade*, pelo peso que traz da velha sociedade.

Impõe-se unir as mulheres. A unidade é a arma fundamental do combate, a força motriz. A linha política da FRELIMO é a vossa plataforma de unidade, mas contra ela se erguem o tribalismo, o regionalismo, o racismo.

O tribalismo e o regionalismo impedem-vos de assumir a grandeza do nosso País e da luta, não permitem compreender a complexidade da vossa Pátria, e sobretudo dispersam as vossas forças.

O racismo é uma atitude reacionária. O inimigo não tem cor. O racismo tem como função, no nosso caso e em qualquer combate, dificultar a definição do verdadeiro alvo, criar confusão para dividir as forças revolucionárias e progressistas nacionais, enfraquecê-las e levá-las ao aniquilamento pelo inimigo comum explorador. O nosso combate fica isolado do combate mundial das forças progressistas contra a exploração do homem pelo homem.

Estes germes inimigos no nosso seio não são destruídos por palavras ou fórmulas mágicas. É necessário desencadear no seio da mulher o combate ideológico que lhe faça conhecer claramente os males dessas concepções reacionárias. Paralelamente, um outro esforço de explicação deve ser feito para levar a mulher a compreender que a sua experiência de sofrimento, de exploração e de opressão, em Cabo Delgado e Gaza, em Niassa e Inhambane, em Tete e no Maputo, na Zambézia e Manica e Sofala e em Nampula, é a mesma. Todas trazem os mesmos calos, todas conheceram a mesma miséria, o mesmo sofrimento, a mesma algema, a mesma viuvez, a mesma orfandade, as mesmas lágrimas provocadas pelo colonialismo, pela exploração.

Descobriremos as feridas e cicatrizes mútuas une-nos, mas a unidade concretiza-se sobretudo no esforço comum, nos laços criados pelo trabalho coletivo, pelo estudo coletivo, pelo combate interno coletivo, pela *crítica e auto-crítica*, pela *ação contra o colonialismo*.

Devemos ainda aprender das experiências das nossas irmãs do mundo inteiro, dos povos do mundo inteiro. Isso ajudar-nos-á a compreender que não existem raças ou povos que sejam exploradores, opressores. Não há povos racistas, não há povos colonialistas. *Abrindo-nos ao estudo das experiências dos outros, não só nos beneficiaremos de lições úteis, como ainda compreenderemos que todos os países, todos os povos, todas as raças, travam o mesmo combate que nós: o combate contra os colonialistas e imperialistas, que não têm Pátria, o combate contra os exploradores, que não têm raça.* Agindo assim saberemos ver como a luta da mulher moçambicana e do nosso Povo é a luta de toda a humanidade, e compreenderemos o calor da solidariedade que nos une.

Para reforçarmos a nossa unidade, para desenvolvermos a nossa unidade, convém ainda cultivar entre nós um espírito de *relações humanas harmoniosas, relações fraternais*. Precisamos abandonar o hábito pernicioso de só encontrarmos identidade com aquelas que vêm da mesma povoação que nós, ou falam a nossa língua, ou têm a mesma cultura e tradições, o mesmo nível educacional. Encontremos identidade, encontremos irmãs, saibamos dar a nossa amizade e carinho, a nossa ajuda e fraternidade a todas aquelas que como nós são exploradas e oprimidas, conosco estão no grande combate da libertação da mulher, da Pátria e do Povo trabalhador.

Este conjunto de tarefas é sagrado para a Organização da Mulher Moçambicana, porque pesa sobre a mulher a responsabilidade de formar novas gerações, livres do tribalismo, do regionalismo e do racismo, livres da mentalidade arcaica de oprimir a mulher ou aceitar passivamente a opressão, livres da superstição, imbuídas do nosso espírito de classe e de sentimento internacionalista.

Importa ainda considerar a necessidade de lutar contra certas atitudes subjetivas, muito negativas. *Muitas camaradas consideram o seu engajamento como transitório, enquanto forem solteiras*, e têm a tendência de se desligarem das tarefas revolucionárias quando se casam. O regresso à

povoação é considerado normal, e ser esposa torna-se a tarefa da mulher. Esta atitude é em numerosos casos encorajada pelos próprios maridos, que continuam a conceber *a mulher como propriedade privada*, como dependente de si, existente em função de si e ligada a si quase como uma bagagem, de que ele dispõe a seu prazer e que deve acompanhá-lo em cada deslocação. Isto está em conflito com as exigências da luta de libertação e do combate da mulher pela sua emancipação.

Devemos mobilizar todas as mulheres para sentirem a necessidade de participar numa tarefa concreta, sentirem-se responsáveis e agentes ativos da transformação da sociedade. Nesse quadro, as mulheres casadas em especial devem preocupar-se em dar um exemplo positivo às mais jovens e solteiras, e mostrar-lhes na prática que o casamento é um estímulo para o prosseguimento das tarefas revolucionárias.

c) *As estruturas da Organização da Mulher Moçambicana*

Para poder funcionar, levar a cabo a sua tarefa de enquadrar e conduzir a mulher na luta pela sua emancipação e engajá-la cada vez mais nas tarefas da Revolução, a Organização da Mulher Moçambicana necessita de estruturas adequadas. Estamos seguros de que a participação de muitas camaradas engajadas nos diferentes setores da luta, a experiência que elas acumularam e que aqui sintetizarão, o conhecimento que têm das dificuldades e necessidades existentes, permitirão a esta Conferência definir as bases das estruturas a serem criadas e o seu funcionamento.

Algumas questões surgem no entanto: quem deve ser membro da Organização da Mulher Moçambicana? Como deve funcionar e quais as suas relações com o Destacamento Feminino? Qual o seu lugar dentro da FRELIMO em geral?

Dissemos que a tarefa da Organização da Mulher Moçambicana é engajar toda a mulher moçambicana no combate pela emancipação e pela Revolução. Assim ela deve realizar a frente mais larga possível, mobilizar e organizar e unir todas as mulheres que até este momento se mantiveram à margem do processo de transformação da nova sociedade, jovens e velhas, solteiras e casadas, instruídas e não instruídas, militantes e não-militantes. A Organização da Mulher Moçambicana deve organizar a mulher moçambicana onde quer que ela se encontre, nos locais de trabalho, nas escolas, nos hospitais, nos destacamentos, nas cooperativas,

nos berçários, deve organizar a mulher na base, em cada círculo, em cada povoação.

A Organização da Mulher Moçambicana aparece como um novo braço da FRELIMO para atingir e engajar os setores femininos que até hoje não atingimos e não engajamos devidamente.

Mas para conduzir este processo requiere-se uma direção experiente que tenha compreendido e assumido a linha, que a tenha vivido no processo do engajamento nas tarefas quotidianas da Revolução. Require-se para isso que os membros da direção tenham uma preparação e experiência político-militar, base indispensável para poderem compreender a complexidade da situação e poderem continuamente ver com clareza o caminho a seguir.

O Destacamento Feminino, porque engaja a mulher na tarefa principal da fase presente — o combate direto contra o inimigo colonialista e imperialista — é a estrutura de vanguarda da participação da mulher na luta, a estrutura que desempenha neste momento um papel extremamente ativo na transformação da sociedade. Por isso, ele constitui o núcleo motor da Organização da Mulher Moçambicana, a sua principal fonte de quadros.

No entanto, o Destacamento Feminino não é a Organização da Mulher Moçambicana e esta não é o Destacamento Feminino. O Destacamento Feminino é uma parte integrante do nosso exército, das Forças Populares de Libertação de Moçambique, é um corpo político armado. A Organização da Mulher Moçambicana, em contrapartida, engaja todas as mulheres, das que até hoje se encontram à margem da luta até àquelas que são combatentes na frente da Saúde, da Educação da Produção, do Exército, etc.

Entre os dois setores as relações são de complementaridade e ajuda mútua, o Destacamento Feminino aparecendo como uma força motriz, uma fonte de quadros, a Organização da Mulher Moçambicana como uma força mobilizadora que faz crescer a nossa base, que fornecerá novas forças ao Destacamento Feminino.

• Para que a Organização da Mulher Moçambicana esteja em condições de assumir e realizar as importantes tarefas que lhe são confiadas pela FRELIMO, o Comitê Central da FRELIMO decidiu organizar um curso de preparação de quadros femininos, a realizar sob a direção do Comitê Executivo.

Integrada na FRELIMO, alimentando-se da linha política revolucionária da FRELIMO, agindo como um membro do corpo harmonioso da nossa família revolucionária, no quadro das estruturas da FRELIMO, a Organização da Mulher Moçambicana levará a cabo a difícil tarefa que o povo, a mulher e a Revolução lhe incumbem.

Camaradas.

Iniciam-se os trabalhos da Primeira Conferência da Mulher Moçambicana.

Milhões de mulheres moçambicanas, que durante séculos viveram oprimidas, aguardam com ansiedade e esperança a aurora de Liberdade que aqui vai nascer. O Povo Moçambicano, a revolução moçambicana, necessitam do vosso engajamento, do vosso combate.

Para a luta vocês dispõem da arma decisiva que é a linha política da FRELIMO, a linha sobre a emancipação da mulher.

Queremos de novo salientar os aspectos mais importantes das nossas concepções.

A exploração da Mulher é um aspecto do sistema geral de exploração do homem pelo homem. É esta exploração que cria as condições de alienação da mulher, a reduz à passividade e a exclui da esfera da tomada de decisões da sociedade. Assim, as contradições antagônicas que existem são entre a mulher e a ordem social exploradora. Estas contradições são as mesmas que opõem a totalidade das massas exploradas do nosso país e do mundo às classes exploradoras.

Só a Revolução é capaz de resolver definitivamente esta contradição, porque só ela incarna os interesses das massas exploradas, as mobiliza, organiza e une para o combate, só ela é capaz de destruir a ordem social antiga. É a Revolução que instala no poder as massas exploradas, as massas que viviam oprimidas e eram forçadas à passividade.

A luta armada do nosso Povo contra o colonialismo e o imperialismo é o ponto fundamental de partida da Revolução Moçambicana, o momento em que se desencadeia o processo libertador da terra, das mulheres e dos homens.

A luta armada que se populariza na nossa Pátria age como uma estufa que amadurece as condições para se iniciar e se enraizar o processo revolucionário na nossa Pátria.

A experiência multi-secular de exploração e sofrimento das mulheres e homens de Moçambique, a descoberta da liberdade criada pelo poder popular nas zonas sob o nosso controle, tornaram o nosso povo receptivo às idéias de progresso e Revolução.

As condições são propícias para a ofensiva na frente da libertação da mulher, momento importante do combate revolucionário.

Sabemos já qual deve ser a nossa estratégia e tática neste combate, em que não só teremos que lutar contra o inimigo colonialista mas também teremos de enfrentar a oposição suscitada pelas concepções erradas, que se enraizaram na consciência das mulheres e homens.

É fundamental que a mulher se encontre engajada na FRELIMO, pois só a FRELIMO está em condições de assumir a totalidade dos interesses das massas exploradas da nossa Pátria e assim formular a linha correta de combate.

A Organização da Mulher Moçambicana que se constitui surge na estrutura da FRELIMO como um novo braço da nossa Revolução que deve atingir as largas massas de mulheres que até agora se conservaram à margem do processo de transformação que tem lugar na nossa Pátria. É a Organização da Mulher Moçambicana que deve trazer para a luta pela emancipação da Mulher e para a luta revolucionária nacional os milhões de mulheres do nosso país.

A nossa luta não é uma luta isolada. O combate da Mulher moçambicana, o combate do Povo moçambicano, é uma parte integrante da frente mundial da luta contra o colonialismo e imperialismo, contra a exploração do homem pelo homem, pela construção duma ordem social popular.

Por isso mesmo sentimos como nossa a luta das nossas irmãs e irmãos de Angola que, sob a direção do MPLA, já há 12 anos combatem o colonialismo português e o imperialismo.

Como nossa sentimos também a luta das nossas irmãs e irmãos da Guiné-Bissau e Cabo Verde, que, dirigidos pelo PAIGC, desde 1963 combatem o colonialismo português e o imperialismo.

Por isso mesmo nos sentimos igualmente enlutados pelo recente assassinato do nosso Camarada Amílcar Cabral, Secretário-Geral do PAIGC. Este crime bárbaro, tal como o assassinato do nosso primeiro Presidente, o Camarada Eduardo Chivambo Mondlane, é uma tentativa de bloquear a

marcha revolucionária dos nossos povos. Essa tentativa fracassou em Moçambique, e fracassará na Guiné-Bissau.

O combate pela consolidação da independência e pelo desenvolvimento revolucionário da Tanzânia, da Zâmbia, da Somália, do Congo, da Guiné, de toda a África, é o nosso combate, é o combate pela consolidação da nossa retaguarda estratégica.

A recente vitória dos Povos heróicos do Vietnã e da Indochina é um grande estímulo para o nosso combate. As mulheres e os homens do Vietnã, dum pequeno país, dum país economicamente atrasado, conseguiram derrotar a maior e mais cruel potência imperialista do mundo, os Estados Unidos da América do Norte.

Sentimo-nos encorajados pelos sucessos alcançados pelas nossas irmãs e irmãos dos países socialistas, que constroem a nova sociedade, a sociedade da liberdade e do progresso da mulher e do homem.

A luta difícil das nossas companheiras e companheiros da África do Sul, do Zimbábue, da Namíbia, é uma contribuição para a nossa luta, um combate na mesma trincheira em que nos encontramos.

As mulheres e os homens de Moçambique felicitam o povo português pela intensificação da luta em Portugal contra a guerra colonial e o fascismo. A abertura da quarta frente de combate contra o colonialismo português consolida, mesmo em Portugal, a amizade e a solidariedade dos nossos Povos.

Saudamos todos os povos, saudamos as mulheres e os homens de todos os Continentes que, anonimamente, como nós combatem para construir a nova sociedade. A todos dizemos que a luta do nosso povo se intensificará, a nossa revolução consolidar-se-á e triunfará, contribuindo assim para a vitória comum.

Viva a 1.ª Conferência da Mulher Moçambicana!
Viva a luta pela emancipação da mulher!
Viva a revolução moçambicana!
Viva o combate do povo moçambicano unido do Rovuma ao Maputo!
Viva a Organização da Mulher Moçambicana!
Viva a FRELIMO!

A LUTA CONTINUA! INDEPENDÊNCIA OU MORTE, VENCEREMOS!

A questão da mulher (1904)

Paul Lafargue

O burguês pensava e pensa ainda que a mulher deve ficar em casa e consagrar a sua atividade à direção dos trabalhos domésticos, tratando do marido, concebendo e criando os filhos. Já Xenofonte, no despertar da burguesia na sociedade antiga, traçara as linhas gerais de suas idéias sobre a mulher. Mas durante os séculos, se estas idéias podiam parecer justas, correspondendo a condições econômicas vigorantes, tornam-se mera sobrevivência teórica quando desaparecem essas condições.

O enquadramento da mulher na vida doméstica pressupõe a absorção de funções múltiplas, abrangendo todas as suas energias. Entretanto os mais importantes desses trabalhos domésticos — fiação da lã e do linho, tricô, feitura do pão, costura, etc., — são hoje executados pela indústria capitalista. Segundo essa concepção, o homem deve suprir todas as necessidades da casa; na burguesia, porém, o casamento é mais uma associação de capitais que uma união de pessoas, e freqüentemente o dote material da mulher é superior ao do marido, e os filhos são forçados tantas vezes a ganhar seus meios de existência no comércio, nas administrações das estradas de ferro, nos bancos, no ensino, nos correios, etc.; outras vezes, a jovem casada continua trabalhando fora, além de trabalhar em casa, a fim de completar o deficiente orçamento permitido pelo salário do marido.

As jovens e as mulheres da pequena burguesia, bem como as da classe proletária, passam assim a fazer

concorrência aos seus próprios pais, irmãos e maridos. Este antagonismo econômico, antes impedido pela burguesia através do enclausuramento da mulher no lar, tende a generalizar-se e a intensificar-se à medida que a produção capitalista se desenvolve; e assim atinge o campo das profissões liberais — medicina, advocacia, literatura, jornalismo, ciências, etc., — em que o homem se tinha reservado o monopólio, até aí julgado eterno. Os operários, como sempre, são os primeiros a sentir as conseqüências lógicas da participação da mulher na produção social, substituindo o antigo conceito de artesã — a mulher exclusivamente doméstica — por um novo conceito — a mulher agora será companheira de todas as suas lutas econômicas e políticas pela melhoria de salários e emancipação do trabalho.

A burguesia não compreendeu ainda que há muito o seu ideal mudou e que deve remodelar esse ideal para o adaptar às novas condições do meio social; todavia, desde a primeira metade do século XIX, as damas da burguesia começaram a protestar contra a interiorização familiar, tanto mais que os bens do dote podiam colocá-las em pé de igualdade com os maridos: elas insurgiram-se contra a escravatura doméstica e a vida parcimoniosa a que estavam condenadas, e igualmente contra as restrições de atividade intelectual que lhes eram impostas; algumas foram ao ponto de reclamar o amor livre, filiando nas idéias socialistas que preconizavam a emancipação da mulher. Os filósofos e os moralistas acreditaram ingenuamente que elas arrastariam um movimento feminista e opuseram o interesse sagrado da família, que não podia subsistir — diziam eles — sem o ajustamento aos afazeres domésticos, colocando botões em camisas, serzindo meias, etc.; que a mulher deve se resignar à sua ingrata obscuridade, deixando para o homem a liberdade de empregar suas brilhantes e superiores faculdades; estes mesmos, que rechaçavam as burguesas revoltadas quanto ao culto da família, cantavam loas à indústria capitalista, que arrastava a mulher do lar e do berço dos filhos para os trabalhos forçados da fábrica, em detrimento da família proletária.

As damas burguesas mofavam das prédicas tão imbecis quanto moralistas destes graves Tartufos e continuaram seu caminho, atingindo a meta ambicionada; como a patrícia da

Roma antiga e a aristocrata do século XVIII, desembaraçaram-se da vida doméstica e da amamentação dos filhos, descarregando esse trabalho sobre mulheres mercenárias, e começaram a consagrar-se à toalete, para serem os manequins mais luxuosos do mundo capitalista, a fim de impulsionar o comércio. As jovens e as damas da plutocracia americana atingiram os últimos limites desta sorte de emancipação, metamorfoseando seus pais e maridos em acumuladores de milhões, que elas esbanjam levianamente. A toalete não esgota toda a atividade das madames do capitalismo, elas entretêm-se a crivar de golpes o contrato de casamento, mostrando independência e supondo melhorar a raça. O *Manifesto comunista* acentua que numerosos processos de adultério e separação de corpos e bens são incontestáveis testemunhos de quanto respeito inspiram aos burgueses de ambos os sexos os laços sagrados do casamento, que os licenciosos socialistas querem desunir.

Quando as jovens e as mulheres da pequena burguesia, forçadas a ganhar a sua subsistência e a ajudar os recursos da família, começaram a trabalhar nos armazéns, nas administrações, nos correios e nas profissões liberais, os burgueses foram tomados de inquietação por causa de seus meios de existência já de si reduzidos; a concorrência feminina ia reduzi-los mais ainda. Os intelectuais, que tomavam a defesa dos machos, acreditaram ser prudente não recomeçar os sermões dos moralistas, pois estavam lamentavelmente comprometidos com os burgueses ricos; então apelaram à ciência, tentando demonstrar por razões irrefutáveis e absolutamente científicas, que a mulher não pode sair das ocupações domésticas sem violar as leis da natureza e da história. Provaram à sua inteira vontade que a mulher é um ser inferior, incapaz de receber uma cultura intelectual superior e de fornecer a soma de atenção, de energia e de agilidade que reclamam as profissões em que ela deseja entrar em concorrência com o homem. O seu cérebro, menos volumoso, menos pesado e menos complexo que o do homem, é um “cérebro de criança”; os seus músculos menos desenvolvidos não têm força de ataque e de resistência, os seus ossos do ante-braço, a bacia e o fémur, enfim todo o seu sistema ósseo, muscular e nervoso não lhe permitem outra espécie de trabalho que não seja o doméstico. A natureza designou-a por todos os órgãos para servir do homem como o

velho Deus dos Juizes e dos cristãos haviam amaldiçoado a raça de Cam para a escravidão.

A história trazia a sua retumbante confirmação a estas verdades ultra-científicas; os filósofos e os historiadores afirmavam que ela ensinava o fato de, em todos os tempos e todos os lugares, a mulher estar subordinada ao homem e limitada às atividades da casa; se tal acontecera no passado, outra coisa não poderia acontecer no futuro, afirmava positivamente o profundíssimo filósofo burguês Augusto Comte. Lombroso, o ilustre farsante, desfere-lhe o maior pontapé e assegura seriamente que a estatística social proclamava a inferioridade da mulher, pois que o número de criminosos entre as mulheres era inferior ao de criminosos entre os homens; ainda argumentando com números, teria de juntar a estatística da loucura, a qual na mulher é inferior. Conclui-se pois que sob os pontos de vista moral, anatômico e fisiológico, a estatística social e histórica demonstra sempre que a mulher só está apta a desempenhar funções domésticas.

.....

A produção capitalista que se apoderou da maioria dos trabalhos anteriormente realizados pela mulher no lar, incorporou ao seu exército de assalariados, na fábrica, no armazém, na agência ou na escola, as mulheres e as jovens da classe operária e da pequena burguesia, ampliando o mercado. A sua necessidade de capacidades intelectuais fez pôr de lado o venerando axioma da moral masculina: *ler, escrever e contar — eis o único saber que compete à mulher*; tornou-se imprescindível o ensino às crianças dos dois sexos de rudimentos das ciências. O primeiro passo estava dado; não se podia interditar as universidades ao sexo feminino. E estas demonstraram que o cérebro feminino, classificado pelos intelectuais como um “cérebro de criança”, era tão dotado como o cérebro masculino para assimilar todo o ensino científico. As ciências abstratas (matemática, geometria, mecânica, etc.), as primeiras cujo ensino foi proporcionado às mulheres, foram também as primeiras em que elas puderam dar à medida de suas capacidades intelectuais; elas se dedicam agora às ciências experimentais (fisiologia, física, química, mecânica aplicada, etc.) e na

América e na Europa surgiu uma legião de mulheres que marcham ao lado dos homens, não obstante a inferioridade das condições de desenvolvimento físico e moral em que elas vivem desde a primeira infância.

O capitalismo não desviou a mulher do lar para a produção social com o intuito de a emancipar, mas sim com o de a explorar ainda mais ferozmente do que explora o homem. A mulher, espoliada pelo capital, suporta as misérias do trabalhador livre e carrega ainda por cima as cicatrizes do passado. Sua miséria econômica se agravou; em vez de ser alimentada pelo pai ou pelo marido, deve ganhar seus meios de existência, e sob o pretexto de que ela tem menos necessidades que o homem, o seu trabalho é menos remunerado, e após o trabalho diário na oficina, na agência ou na escola, tem que fazer em casa os trabalhos domésticos. A maternidade, trabalho sagrado, a mais alta das funções sociais, transforma-se na sociedade capitalista numa fonte de horribéis misérias econômicas e fisiológicas. A intolerável condição da mulher é um perigo para a reprodução da espécie.

Mas esta esmagadora e dolorosa situação anuncia o fim de sua servidão, que começou com a propriedade privada e só pode acabar quando a propriedade privada acabar também. A humanidade civilizada, sob a pressão da produção mecânica, caminha para uma sociedade baseada na propriedade comum, na qual a mulher libertada dos grilhões econômicos, jurídicos e morais que a limitam, poderá desenvolver livremente suas faculdades físicas e intelectuais, como no tempo do comunismo selvagem.

Os selvagens, para interditarem a promiscuidade primitiva e restringir sucessivamente o círculo das relações sexuais, não encontraram outro meio senão o de separar os sexos; e há razões para supor que foram as mulheres que tomaram a iniciativa desta separação, que a especialização das funções consolida e acentua. Essa separação manifesta-se socialmente por cerimônias religiosas e línguas secretas particulares de cada sexo, e até por lutas¹; e após haver

¹ A. W. Howit, que observou entre os australianos uma espécie de totemismo sexual, diz ser freqüente a luta entre homens e mulheres dum mesmo clã, quando um animal que serve de tótem a um sexo é morto por um indivíduo do outro sexo. (Nota de Lafargue).

tomado um caráter de violento antagonismo, conduz a uma brutal dependência da mulher, a qual subsiste ainda, embora se atenuie gradualmente à medida que evolui o antagonismo entre os dois sexos no campo econômico. Mas o antagonismo moderno não leva a uma vitória de um ou outro sexo, porque é apenas um dos fenômenos da luta do Trabalho contra o Capital, que trará a solução da emancipação da classe operária, na qual se englobam as mulheres e os homens.

A técnica da produção que tende a suprimir a especialização dos empregos e das funções e a substituir o esforço muscular pela atenção e habilidade intelectual, e que, quanto mais se aperfeiçoa, mais confunde e molda a mulher e o homem no trabalho social, impedirá o retorno das condições que nas nações selvagens e bárbaras tinham mantido a separação dos sexos. A propriedade comum fará desaparecer o antagonismo econômico da civilização.

Porém, se é possível antever o fim da servidão feminina e do antagonismo dos sexos e conceber para a espécie humana uma era de incomparável progresso corporal e intelectual, quando for reproduzida por mulheres e homens de uma alta cultura muscular e cerebral, não é possível prever, por enquanto, as relações sexuais entre mulheres e homens livres e iguais, que não estarão reunidos ou separados. Mas a julgar pelo passado e pelo presente, como a paixão genésica é mais violenta e mais contínua entre os homens do que entre as mulheres — fenômeno comum entre os machos e as fêmeas de toda a série animal — serão os homens obrigados a exibir todas as suas qualidades físicas e intelectuais para suas conquistas amorosas. A seleção sexual, como demonstrou Darwin, desempenha um papel importante no desenvolvimento das espécies animais; mas, salvo raras exceções, deixou de se manifestar nas raças indo-européias há cerca de três mil anos; e é natural que, futuramente, venha a ser um dos mais enérgicos fatores do aperfeiçoamento humano.

A maternidade e o amor permitirão à mulher a reconquista da posição superior que ela ocupava nas sociedades primitivas, cuja recordação foi conservada por lendas e mitos das antigas religiões.

A Família e o Estado Socialista

Alexandra Kollontai

1. A Família e o trabalho assalariado da mulher.

Conservar-se-á a família no Estado comunista? Será esta a mesma e com a missão que tem hoje? Eis aqui uma questão que atormenta a mulher da classe operária, e do mesmo modo os seus companheiros, os homens. Nestes últimos tempos este problema ocupa particularmente os espíritos no mundo dos operários, e isto não deve surpreender-nos, já que a vida muda ante os nossos olhos; vêem-se desaparecer a pouco e pouco os antigos costumes; toda a existência da família proletária organiza-se de modo novo; de modo insólito e estranho, afirmam alguns. Todavia, o que mais fez refletir a mulher nas presentes contingências é que o divórcio foi facilitado na Rússia dos Sovietes. Com efeito, em virtude do decreto dos comissários do povo de 18 de Dezembro de 1917, o divórcio deixou de ser um luxo, apenas acessível aos ricos; para o futuro, a mulher operária não deverá solicitar durante meses, ou durante anos, um passaporte separado para reconquistar a sua independência e afastar-se de um marido bruto ou bêbado, que a enche de pancada. Para o futuro, o divórcio far-se-á no espaço de uma semana ou, no máximo, duas semanas. Mas precisamente esta facilidade de divórcio, tão abençoado pelas mulheres infelizes no matrimônio, é o que espanta as demais, especialmente as que estão habituadas a considerar o marido como seu único sustento na vida, e que não compreendem que a mulher deve acostumar-se a procurar e encontrar o seu sustento em outra parte, não na pessoa do homem, mas na coletividade, no Estado.

Não se deve dissimular a verdade: a família normal do passado, em que o homem era tudo e a mulher não era nada — já que ela não tinha nem vontade, nem dinheiro, nem tempo por si mesma — essa família está se modificando dia a dia, e podemos afirmar que já passou. Mas isto não deve espantar-nos. Seja por erro, seja por ignorância, estamos dispostos a fingir que à nossa volta tudo continua imóvel, quando na realidade tudo muda. “Foi sempre assim e assim continuará.” Não há nada tão errado como este provérbio. Basta ler como

viviam os homens no passado e logo nos damos conta de que tudo está submetido a mudanças e que não há nada fixo e invariável, quer se fale dos costumes, quer das organizações políticas. E a família, nas diversas épocas da humanidade, mudou várias vezes de forma, e no passado foi muito diferente do que estamos habituados a ver hoje. Houve algum tempo em que se conhecia somente uma forma de família: a família genética, quer dizer, aquela que tinha como chefe uma velha mãe, à volta da qual se agrupavam os filhos, os netos, os bisnetos para trabalharem juntos. Noutra época conheceu-se a família patriarcal, presidida pelo pai-patrono, cuja vontade era lei para os demais membros da família. Todavia, também nos nossos dias se podem ver em algumas aldeias estas famílias camponesas. Com efeito, ali os costumes e leis da família não são os mesmos que os do operário da cidade; nas aldeias afastadas dos grandes centros ainda se encontram muitos costumes que já desapareceram nas famílias do proletariado urbano. A forma da família e os seus usos variam segundo os povos. Há povos (por exemplo, os turcos, os árabes, os persas, etc.) onde a lei admite que um só marido tenha várias mulheres. Houve, e há ainda, povos onde o uso tolera absolutamente o contrário, quer dizer, que uma mulher tenha vários maridos. E, ao contrário do costume habitual do homem dos nossos dias, que exige que a jovem permaneça virgem até ao seu matrimônio legítimo, havia povos em que a mulher se vangloriava de ter muitos amantes e usava nos braços e nas pernas tantos anéis quantos amantes possuía... Certos costumes que nos admirariam e que consideraríamos como imorais estão consagrados noutros países, que, pelo contrário, consideram como *pecado* as leis e os costumes que regem o nosso país. Por isso, não nos devemos espantar com a idéia de que a família está se modificando, ao vermos que desaparecem pouco a pouco os vestígios do passado, que já se tornam inúteis, e finalmente, porque entre o homem e a mulher se estabelecem novas relações. Só devemos perguntar: o que acabou nos costumes da nossa família e quais são, nas relações entre o operário e a operária, entre o camponês e a camponesa, os direitos e os deveres respectivos, que se harmonizariam melhor com as condições de existência da Rússia nova, da Rússia trabalhadora, isto é, da nossa atual Rússia soviética. Só se conservará o que convier; todo o resto, todas as coisas velhas e inúteis legadas pela maldita época da

escravatura e dominação, que foi a dos latifundiários e dos capitalistas, tudo isto será varrido, junto com a classe dos proprietários, com esses inimigos declarados do proletariado e até dos pobres...

A família, na sua forma atual, não é outra coisa senão uma das ruínas do passado. Sólida, encerrada em si mesma e indissolúvel, já que se considera como tal o matrimônio abençoado pelo pope⁽¹⁾, era também necessário que assim fosse para todos os membros. Se a família não tivesse existido, quem teria alimentado, vestido e educado as crianças e quem as teria guiado através da vida? A sorte do órfão era no passado a pior de todas as sortes. Na família a que estamos acostumados, o marido trabalha e mantém a mulher e os filhos, enquanto a mulher se ocupa da casa e educa os filhos, de acordo com o que pensa desta missão. Mas, desde o século passado esta forma tradicional da família destrói-se progressivamente em todos os países onde impera o capitalismo, onde aumenta rapidamente o número de fábricas, de oficinas e de outras empresas capitalistas que fazem trabalhar os operários. Os costumes e usos familiares transformaram-se ao mesmo tempo que as condições gerais de vida. O que em primeiro lugar contribuiu para transformar de modo radical os usos da família foi, sem dúvida, a difusão universal do trabalho assalariado da mulher. No passado, só o homem foi considerado como o amparo da família. Mas nos últimos cinquenta ou sessenta anos vê-se na Rússia (nos outros países o mesmo, fenómeno produziu-se um pouco antes) que o regime capitalista obriga a mulher a procurar um trabalho remunerado fora da família, fora da sua casa. O salário do homem, o sustento, é já insuficiente para as necessidades da família, e a mulher, por sua vez, viu-se obrigada a trabalhar para ganhar dinheiro; também a mãe tinha que entrar pelas portas das fábricas ou das oficinas. E ano após ano vê-se aumentar o número de mulheres da classe operária que desertam de casa, quer para engrossar as fileiras das operárias, nas fábricas, quer para servir como jornaleiras, lavadeiras, domésticas, etc. Segundo um cálculo efetuado antes da guerra mundial, contaram-se nos Estados da Europa e da América sessenta milhões de mulheres que ganhavam a vida com um trabalho independente. Durante a guerra esta cifra aumentou consideravelmente. Quase metade destas mulheres são casadas e por aqui se vê qual deve ser a vida da família, quando a esposa e

1 Padre da igreja ortodoxa russa.

mãe vai para o trabalho e está fora de casa durante oito horas por dia, que com o trajeto chegam a dez. A casa está descuidada, necessariamente; os filhos crescem descuidados pela vigilância materna, abandonados a si mesmos e expostos aos perigos da rua, onde passam a maior parte do tempo. A mulher, a mãe operária, sua sangue para cumprir três tarefas ao mesmo tempo: trabalhar durante oito horas num estabelecimento, o mesmo que seu marido; depois, ocupar-se da casa, e finalmente, tratar dos filhos. O capitalismo pôs nos ombros da mulher uma carga que a esmaga; fez dela uma assalariada, sem ter diminuído o seu trabalho de dona de casa e de mãe. Assim, a mulher dobra-se sob o triplo peso insuportável, que lhe arranca amiúde um grito de dor e que, às vezes, também lhe faz verter lágrimas. O afã foi sempre a sorte da mulher, mas nunca houve sorte de mulher mais terrível e desesperada que a de milhões de operárias sob o jugo capitalista durante o florescimento da grande indústria...

Quanto mais se generaliza o trabalho assalariado da mulher tanto mais se decompõe a família. Que vida de família é aquela em que o marido e a mulher trabalham fora de casa, em que a mulher nem sequer tem tempo de preparar a comida dos seus! Que vida de família é a que o pai e a mãe podem passar alguns momentos com seus filhos! Em outros tempos a vida da família era muito diferente; a mãe, dona de casa, permanecia no lar, ocupando-se dele, e não cessava de cuidar dos filhos. Hoje, mal nasce o dia, ao primeiro apito da sirene da fábrica, a operária corre para o trabalho; e, quando vem, à noite, de novo ao apito da sirene, apressa-se em voltar para casa para preparar a comida da família e fazer os trabalhos de casa mais urgentes. Depois de ter dormido insuficientemente, volta no dia seguinte à sua jornada de operária; a vida da operária casada é um verdadeiro presídio! Não é de surpreender, por conseguinte, que em tais condições a família se desmembre e se decomponha cada vez mais. Vê-se desaparecer pouco a pouco tudo o que antes fazia sólida a vida da família e a colocava sobre bases estáveis. A família deixa de ser uma necessidade, tanto para os membros que a compõem como para o Estado. A antiga forma da família torna-se hoje um estorvo.

Que fazia tão forte a família no passado? Em primeiro lugar, o fato de que o marido-pai mantinha a família; em segundo lugar, que o lar comum era necessário para todos os

membros da família, e finalmente, a educação dos filhos por parte dos pais. Que fica hoje de tudo isto? Dissemos já que o marido deixou de ser o único amparo da família. Neste sentido, a operária é igual ao homem; aprendeu a ganhar a vida para si mesma e até, às vezes, para o marido e filhos. Fica a casa e a educação, assim como a criação dos filhos de tenra idade. Vejamos mais de perto se a família não está também em condições de ser aliviada destas tarefas.

2. Os trabalhos domésticos deixam de ser necessários.

Em outros tempos, toda a vida da mulher das classes pobres, na cidade e no campo, decorria no seio da família. A mulher não sabia de nada que fosse além da porta, e, certamente, também não queria saber mais. Mas em casa tinha as ocupações mais variadas, mais úteis, mais necessárias, não só para a família, mas também para o próprio Estado. A mulher fazia tudo o que está fazendo agora em sua casa qualquer operária e camponesa, quer dizer, cozinhava, lavava e remendava a roupa, limpava a casa, mas não fazia apenas isto, pois também tinha que realizar muitas outras ocupações, das quais a mulher de hoje está aliviada. Fiava a lã e o linho, tecia a tela e o pano, fazia meias e rendas, defumava ou salgava a carne, fabricava bebidas caseiras e até as velas para iluminação. O que é que não fazia a mulher de outros tempos? Eis aqui de que modo passavam a vida as nossas mães e avós. Também na nossa época, nas aldeias isoladas, longe das estradas de ferro e dos grandes rios, podem encontrar-se alguns lugares onde esta maneira de viver dos velhos tempos se conserva em toda a sua pureza, onde a dona de casa efetua aqueles trabalhos de que já não tratam as operárias das cidades.

Na época das nossas avós, todo este trabalho doméstico era essencialmente necessário e útil, visto que dele dependia o bem-estar da família; quanto mais resistia à fadiga a dona-de-casa, tanto melhor se vivia naquela casa, com maior comodidade e em melhores condições. Até o Estado tirava benefício desta atividade da mulher, já que, efetivamente, a mulher não se limitava a preparar a comida diretamente consumida pela família, mas as suas mãos preparavam múltiplos produtos, como a tela, o fio, a manteiga, etc., quer dizer, artigos que podiam vender no mercado e que, por

consequente, constituíam mercadorias e valores.

É certo que na época das nossas avós e bisavós o seu trabalho não foi valorizado em dinheiro. Mas cada homem, fosse camponês ou operário, procurava como esposa a mulher "das mãos de ouro", como se diz ainda entre o povo, porque apenas os recursos do homem sem "o trabalho doméstico" da mulher teriam sido insuficientes para manter a futura família. Mas quanto a este ponto, os interesses do Estado e da nação coincidiam com os do marido; quanto mais provas de atividade deu a mulher no seio da família, tanto maior número de produtos resultava (seda, couro, lã), e o resto destes produtos era vendido no mercado vizinho; por conseguinte, a prosperidade econômica do país, considerado no seu conjunto, aumentou também por este meio.

Mas o capitalismo mudou completamente este modo de existência. Tudo o que se fazia antes no seio da família, foi fabricado em grandes quantidades nas fábricas. A máquina substituiu os dedos hábeis da mulher. Que dona de casa se ocuparia atualmente a fazer velas, fiar lã, tecer tela? Todos estes produtos podem ser comprados. No passado, todas as moças aprendiam a fazer meias. Hoje em dia vê-se uma jovem operária que faça as suas próprias meias? Antes de mais nada, não haveria tempo para isso: o tempo é dinheiro e ninguém quer gastá-lo de modo improdutivo, sem daí tirar certo benefício. Hoje em dia toda a operária tem mais interesse em comprar as meias feitas. Já é raro que uma operária ponha os pepinos no vinagre, ou prepare conservas, visto que o lojista vizinho os vende. Ainda que o que se prepara nas fábricas seja de qualidade inferior ao que foi preparado pelas donas de casa, devemos confessar que a operária não tem tempo, nem força para se ocupar tão intensamente da sua casa. É, antes de tudo, uma assalariada, que, devido ao seu trabalho remunerado, se vê obrigada a descuidar o lar. Seja como for, fica o fato de que a família contemporânea se emancipa pouco a pouco de todos aqueles trabalhos domésticos, sem os quais as nossas mães não poderiam sequer fingir uma família. O que no passado foi preparado em família é fabricado hoje pelo trabalho comum dos operários e das operárias.

Hoje em dia, a família consome, contudo, mas já não produz. Os trabalhos essenciais da dona-de-casa reduzem-se a três coisas: serviço de limpeza (limpar o chão, sacudir o pó,

acender o fogo, encher os candeeiros, etc.), cozinha (preparação das refeições), lavar, remendar e engomar a roupa.

São trabalhos penosos e esgotantes, que absorvem todo o tempo e toda a força da operária, que, além disto, tem que trabalhar durante oito horas na fábrica. Mas é verdade também que o trabalho das nossas avós compreendia uma tarefa muito maior. Mas, ao contrário do trabalho fornecido pelas nossas avós, o trabalho atual da mulher deixou de ser necessário para o Estado do ponto de vista da economia nacional. Estes trabalhos já não são valores novos e não contribuem para a prosperidade geral do país.

A dona-de-casa pode passar todo o dia, de manhã à noite, limpando a sua pobre habitação, a lavar e engomar a roupa, consumindo as forças sem cessar, para ter em ordem os seus vestidos usados; poderá preparar os melhores pratos que for possível com as modestas provisões de que dispõe; todo o seu trabalho resultará, contudo, improdutivo, e quando chegar à noite, não ficará qualquer vestígio material do seu trabalho e as suas mãos incansáveis não construirão nada que constitua valor no mercado comercial. A dona-de-casa poderia viver durante mil anos e o mundo marcharia sempre igual: teria sempre que limpar o pó, o marido voltaria para casa todas as noites com fome e os filhos sujariam mais uma vez os seus vestidos. O trabalho da dona-de-casa torna-se cada vez mais inútil e improdutivo.

A casa individual está em perigo e está para ser substituída cada vez mais pela casa coletiva. Em breve, a operária já não poderá tratar da sua casa; na sociedade comunista de amanhã, este trabalho será realizado por uma categoria especial de operárias, que apenas farão isso. As mulheres dos ricos emanciparam-se há muito tempo destas fadigas aborrecidas e ingratas. Por que continuará a operária a ser submetida a este trabalho? Na Rússia dos Soviéticos, a vida das operárias deve ser cercada das mesmas comodidades, da mesma luz, a mesma higiene e da mesma beleza de que se cercaram até agora as mulheres ricas. Numa sociedade comunista, a operária não deverá ocupar as suas horas de ócio, demasiado raras, cozinhando já que na sociedade comunista haverá restaurantes populares e cozinhas centrais, onde todos poderão ir tomar as suas refeições. Já no regime capitalista se começaram a criar estas instituições. Com efeito, desde há meio século, em todas as

grandes cidades da Europa aumentava consideravelmente o número de restaurantes e cafés. Mas, enquanto que no regime capitalista só as pessoas cujo bolso estava cheio de dinheiro podiam se dar ao luxo de fazer as suas refeições nos restaurantes, na sociedade comunista todos poderão ir comer nos restaurantes. O mesmo acontecerá quanto à lavagem da roupa e a outros trabalhos que ainda hoje são domésticos; a operária já não será obrigada a estenuar-se no tanque nem cansar os olhos remendando a roupa. A operária levará todas as semanas as suas roupas às lavanderias centrais e quando for buscá-las encontrará tudo lavado e engomado; será uma preocupação a menos para a operária. Por outro lado, laboratórios especiais para a reparação dos utensílios domésticos permitirão à operária guardar as suas horas de ócio para leituras instrutivas, para distrações sadias, em vez de passá-las, como estão fazendo agora, em trabalhos ingratos. Entretanto, os últimos trabalhos domésticos que se conservam ainda a cargo das nossas dona-de-casa estão em vias de desaparecer no regime comunista triunfante. E, certamente, a operária não chorará por isso. A sociedade comunista não despedaçará o jugo doméstico da mulher senão para lhe tornar a vida mais livre, mais rica, mais completa e mais agradável.

3. A educação dos filhos cabe ao Estado.

Mas então o que restará da família quando todos os trabalhos da casa desaparecerem? Os filhos. Mas também quanto a este problema o Estado proletário virá em socorro da família, substituindo-a: a sociedade encarregar-se-á, gradualmente, de tudo o que antes incumbia aos pais. Já no regime capitalista a instrução da criança tinha deixado de estar a cargo dos pais: as crianças estudavam nas escolas. Quando a criança chegou à idade de ir para a escola os pais respiraram; desde esse momento o desenvolvimento intelectual do filho deixou de ser preocupação sua. Mas com isto não acabaram todas as obrigações da família para com as crianças; ficou ainda o problema da alimentação, do calçado, do vestuário e de fazer deles operários hábeis e honrados, que mais tarde estejam em condições de viver por si mesmos, e sejam o amparo da velhice do pai e da mãe. Na realidade, a família operária raramente conseguia cumprir integralmente todas estas obrigações para com os filhos e os salários

demasiado módicos apenas lhe bastavam para dar às crianças alimentos suficientes; a falta de tempo disponível impediam o pai e a mãe de consagrar à educação dos filhos todo o tempo que era necessário. A família era obrigada a educar os filhos; mas educava-os na realidade? A rua é que educa os filhos dos proletários; eles ignoram a doçura da vida em família, doçura de que, contudo, gozaram os nossos pais e mães.

Além disso, os salários baixos dos pais, a falta de segurança e, também a fome, obrigam a que, aos dez anos apenas, a criança proletária se torne, por sua vez, um operário independente. Pois bem, o rapaz ou a moça mal começam a ganhar, sentem-se donos dos seus destinos, de forma que os conselhos ou as ordens dos pais deixam de ter influência sobre eles; a autoridade dos pais enfraquece e os filhos já não lhes obedecem. Do mesmo modo que desaparecem um a um os trabalhos domésticos da família, assim se vêem desaparecer todas as obrigações a respeito das crianças. Estas obrigações, alimentação e educação, cumpre-as a sociedade em vez dos pais. Para a família proletária, em regime capitalista, os filhos eram freqüentemente um peso, uma carga insuportável.

Também, quanto a este problema, a sociedade comunista ajudará os pais. Na Rússia soviética e a cargo do comissariado da Instrução Pública e da Previdência Social, muito se realiza com o propósito de facilitar à família a tarefa da educação e da alimentação das crianças. Creches, escolas infantis, colônias e casas para crianças doentes, restaurantes, refeições gratuitas nas escolas; distribuição de manuais, de roupas e de calçado aos alunos. Acaso, isto não demonstra que a infância sai dos quadros da família e se transfere dos ombros dos pais para os da coletividade?

O cuidado das crianças, no que diz respeito aos pais, consistia de três partes principais: a que compreendia o cuidado propriamente dito dos pequenos; a que se referia à educação da criança e, finalmente a que dizia respeito à sua instrução. No que toca ao ensino das crianças, nas escolas primárias e mais tarde nos Institutos e nas Universidades, já na sociedade capitalista é tarefa do Estado. As necessidades da classe operária, as suas condições de vida, impunham imperiosamente, até na sociedade capitalista, a criação de todo um sistema de educação para as crianças, como campos de jogos, escolas infantis, casas para garotos, etc. Quanto

mais conscientes dos seus direitos eram os operários e quanto melhor estava organizado o Estado, tanto mais disposta a aliviar a família do cuidado das crianças se mostrava a sociedade. Mas a sociedade burguesa temia favorecer demasiado os interesses da classe operária e contribuir, nesta medida, para a decomposição da família. Os capitalistas não ignoraram que a antiga família — com a mulher escrava e o homem responsável pela manutenção do bem-estar dos seus — é o melhor meio para entravar o esforço proletário de libertação e para debilitar o espírito revolucionário do operário e da operária. O pensamento da família inclina as costas do operário e o faz transigir com o capital. O que seriam capazes de fazer um pai ou uma mãe quando os seus filhos têm fome? Pois bem, ao contrário da sociedade capitalista que não soube transformar a educação da juventude em uma obra verdadeiramente social, em uma obra do Estado, a sociedade comunista considera a educação social das jovens gerações como a própria base das suas leis e dos seus costumes, como a pedra angular do novo edifício. Não é a antiga família, mesquinha e egoísta, com as disputas entre os pais, com a exclusiva preocupação dos seus, que deve formar o homem da sociedade de amanhã; deve ser formado por novas obras socialistas como campos de esportes, jardins, etc., onde a criança passará a maior parte do dia e onde educadores competentes farão deles comunistas conscientes da grandeza desta proclamação sagrada: “solidariedade, companheirismo, ajuda recíproca, devoção à coletividade”. Mas, uma vez retirada a educação e o ensino, que ficará das obrigações da família para com a criança, sobretudo depois desta se ver também liberta da maior parte das preocupações materiais que se referem àquele, exceto no que diz respeito ao cuidado com um bebê de tenra idade, quando necessita ainda do seio materno ou, quando os seus passos ainda vacilam e tem que agarrar-se à saia da mãe? Mas o Estado proletário intervém até nessa idade, se a mãe necessita dessa intervenção, e já não haverá mães solteiras abandonadas com os filhos nos braços. O Estado dos operários assume a tarefa de assegurar a subsistência de cada mãe, seja casada legalmente ou não, enquanto ela der o peito ao filho; fundará maternidades em todas as cidades, criará em todas as cidades e até nas aldeias asilos de infância e outras instituições similares, permitindo assim à mulher

servir utilmente ao Estado e ser mãe ao mesmo tempo.

E as mães operárias não tenham receio: a sociedade comunista não se dispõe a tirar a criança dos pais nem arrancar o bebê do colo da mãe; nem tão pouco tem a intenção de destruir a todo o custo a família, ou coisa que o valha. Que vemos hoje? A antiga família decompõe-se, liberta-se pouco a pouco de todos os trabalhos domésticos que antes eram os pilares da família, como família. A casa? Também ela deixou de ser uma necessidade. Os filhos? Os pais proletários não estão em condições de tratá-los cuidadosamente; não podem assegurar-lhes a subsistência nem a educação. Esta é uma situação em que sofrem de igual modo os pais e filhos. A sociedade comunista vai, pois, ao operário e à operária e diz-lhe: “Sois jovens e amai-vos. Todos têm direito à felicidade. Vivei, pois, a vossa vida. Não vos afasteis da felicidade, não tenhais medo do matrimônio, que na sociedade capitalista era, certamente, um grilhão para os operários. Sobretudo não temais — já que sois jovens e saudáveis — dar à pátria novos operários, novos cidadãos. A sociedade dos operários necessita de novas forças para o trabalho e saúda o aparecimento de cada nova criança. Nem sequer deveis preocupar-vos com o futuro do vosso filho: não terá fome nem frio, nem será infeliz; não será abandonado ao seu destino, como teria ocorrido no regime capitalista.” Na sociedade operária, mal nasce a criança, são-lhe assegurados alimentos e cuidados pormenorizados. A criança será alimentada, educada, instruída pela pátria comunista; mas esta não tirará a criança àqueles pais que queiram participar na educação do seu filho. A sociedade comunista encarregar-se-á do ônus que compreende a educação dos filhos, mas deixará as alegrias e satisfações dos pais, àqueles que se mostram aptos para entender estes sentimentos. Pode chamar-se a isto destruição da família por meios violentos, ou separação forçada da criança da sua mãe? Deve dizer-se antes: já passou o tempo da família antiga e isto não é devido ao Estado comunista; deve-se à ação das novas condições de vida. A família deixa de ser necessária para o Estado como o foi no passado; hoje, pelo contrário, a família reserva a mulher para um trabalho profundo e muito mais sério. Mas nem a família é já necessária para os seus próprios membros, já que a tarefa da educação das crianças que lhe incumbia antes, passa cada vez mais para a coletividade. Mas sobre as ruínas da antiga família ver-

se-á surgir em breve uma forma nova, que compreenderá novas relações entre o homem e a mulher, que será uma união de afeto, de companheirismo, a união dos membros iguais da sociedade comunista, ambos livres, ambos independentes, ambos trabalhadores. Já não haverá escravatura doméstica da mulher. Já não haverá desigualdade no seio da família. A mulher não deverá ter medo de ficar sem apoio, com os filhos nos braços se o marido a abandonar. Na sociedade comunista a mulher não depende do marido, mas do seu trabalho. O marido não a mantém, mas sim os seus próprios braços trabalhadores. Não terá angústia o futuro dos filhos, já que o Estado proletário se encarrega deles. Ver-se-á o matrimônio liberto do lado material, de toda a conveniência, essa odiosa chaga na vida da família dos nossos dias. O matrimônio transforma-se, assim, numa associação sublime de duas almas que se amam, que têm confiança uma na outra, numa associação que promete a cada operário e a cada operária a satisfação mais completa que pode caber a um ser consciente de si mesmo e da vida que o rodeia. A união livre, mais forte no espírito de companheirismo que a inspira, em vez da escravatura conjugal do passado: eis o que trará ao homem e à mulher a sociedade comunista de amanhã. Pois bem, enquanto forem transformadas as condições de trabalho, e for aumentada a segurança material das operárias e visto que o matrimônio celebrado na igreja — que, de palavra era indissolúvel, mas de fato não era mais que um engano —, desde que este matrimônio haja dado lugar à união livre e sincera do homem e da mulher, amantes e companheiros, ver-se-á desaparecer ao mesmo tempo aquela outra chaga vergonhosa, aquele outro mal horroroso que desonra a humanidade e que perde a operária que tem fome: a prostituição.

Este mal devemos-lo ao regime econômico vigente, à instuição da propriedade privada. Uma vez abolida esta, o tráfico de mulheres desaparece também.

Então, que as mulheres da classe operária não se lamentem, ao ver que a família atual está condenada a desaparecer. Farão melhor se saudarem com alegria a aurora da nova sociedade que as libertará da escravidão doméstica, que lhes aliviará o peso da maternidade, e em que se verá cessar, finalmente, a mais terrível das maldições que pesa sobre a mulher e que se chama prostituição. A mulher, que é

chamada a lutar pela grande obra de redenção dos operários, deve compreender que na nova sociedade não poderá existir a divisão anterior: “Estes são os meus filhos e para eles vai toda a minha solicitude material, todos os meus afetos. Aqueles são os filhos da minha vizinha e não me importam. Basta-me os meus.” Para o futuro a mãe operária, consciente da sua tarefa social, deve elevar-se a ponto de não fazer diferença entre “o meu e o teu”, deve recordar que não há mais que “os nossos” filhos, os da sociedade comunista, comuns a todos os operários.

O Estado proletário necessita de uma nova forma de relações entre os sexos. O afeto restringido e exclusivo da mãe pelo seu filho deve engrandecer e abranger todos os filhos da grande família proletária. Em vez do matrimônio indissolúvel, baseado na escravatura da mulher, ver-se-á nascer a união livre e forte do amor mútuo dos membros da sociedade trabalhadora, iguais em direitos e deveres. Em vez da família individual e egoísta, surgirá a grande família universal operária, onde todos os trabalhadores, homens e mulheres, serão antes de tudo irmãos e companheiros. Estas serão as relações entre o homem e a mulher na sociedade comunista de amanhã. Estas novas relações assegurarão à humanidade todos os prazeres do amor livre, enobrecido pela verdadeira igualdade social dos sexos, prazeres que eram ignorados na sociedade mercantil do regime capitalista.

A Mulher Albanesa e a sua completa emancipação

Vlto Kapo

Membro do Comitê Central do
Partido do Trabalho de Albânia e
presidente do Conselho geral da
União das Mulheres da Albânia.

Tornou-se quase uma “*moda*” em todos os países do mundo falar da emancipação da mulher. Porém, toda “*moda*” é imposta por alguns motivos imperativos de uma determinada sociedade e de um determinado momento.

Na atualidade, quando em todas as partes do mundo as mulheres tomam cada vez mais consciência do seu papel na vida do país, quando estas, através de protestos e de diversas formas da luta de classes, exigem o reconhecimento dos seus direitos, quando nos autênticos países socialistas se vê claramente o lugar que a mulher ocupa, o modo como se valorizam as suas capacidades e as condições que lhe criaram para demonstrar estas capacidades, incluindo os setores sociais que pretendem representar a *democracia* ou o *socialismo* e seus sociólogos e demagogos que supostamente defendem os direitos do homem, não podem deixar de falar sobre a emancipação da mulher. Como conclusão, observamos atualmente este fenômeno geral: fala-se da completa emancipação da mulher tanto nos países onde se estabeleceram as relações socialistas, como nos países onde imperam as relações feudais, capitalistas e social-imperialistas.

Alguns circunscrevem a emancipação da mulher só à proclamação na legislação social dos direitos da mulher, outros fazem alvoroço sobre as *possibilidades* que a

sociedade de classes antagônicas lhe criou para participar nos círculos sociais, na imprensa, nas manifestações, sair de sua casa para passear, entrar num café, participar de um acampamento; inclusive exaltam a chamada *base das liberdades*: a liberdade sexual. Outros falam pelos cotovelos das *grandes possibilidades* que a sociedade capitalista moderna lhe criou enchendo o mercado de artigos eletrodomésticos, ou industrializando algumas necessidades, mais imediatas tais como alimentos, limpeza, confecções, etc.

Naturalmente que algumas destas condições constituem só um aspecto particular do grande problema da emancipação da mulher, mas também neste sentido se deve analisar quem é que na verdade tira proveito destas facilidades. Sem dúvida, algumas das facilidades mencionadas acima, não têm nenhuma relação com este problema e só tendem a desviar a atenção das mulheres jovens e adultas dos problemas fundamentais da sua emancipação. Na realidade, têm por objetivo desviar as mulheres para uma vida frívola, para a degenerescência, sobretudo naquele período de vida em que se desenvolvem as suas energias e o seu espírito revolucionário é mais elevado e quando a união das aspirações das mulheres com a causa do proletariado do país constituiria um sério perigo para a mesma sociedade capitalista.

As mulheres da Albânia têm consciência de que, apesar das grandes conquistas alcançadas, há ainda muito o que fazer para elevar o nível educacional, cultural e ideológico da mulher e de toda a sociedade. É necessário empregar novos esforços para elevar o nível de industrialização do país, para que a sociedade assuma um maior número de tarefas que, por tradição, têm sido exigidas sobretudo à mulher, tais como os afazeres domésticos ou a educação dos filhos. Mas as mulheres na Albânia asseguraram a base fundamental que garante a sua completa emancipação: o poder da ditadura do proletariado que instaurou, e aperfeiçoa cada vez mais, as relações socialistas de produção. Assim, tendo assegurado estas vitórias, surge-lhes um futuro luminoso. Sabem muito bem que a sociedade socialista não pode construir-se de imediato, bastando-lhe proclamar o seu programa, mas que é necessário edificá-la gradualmente e abrindo, de maneira consciente, o caminho para a aplicação das leis objetivas que atuam nela; também a completa emancipação da mulher, como

exigência primordial da sociedade socialista, se realizará gradualmente no quadro desta sociedade, nas condições concretas do nosso país, aplicando com fidelidade o marxismo-leninismo. Donde se deduz, que o caminho para a completa emancipação da mulher albanesa, não obstante ter, como é lógico, a sua originalidade, é um caminho seguro. Não é um fenómeno local, como pretendem considerá-lo alguns que temem o exemplo concreto da Albânia que deu uma verdadeira solução a este problema, mas sim, uma aplicação criadora da ciência marxista-leninista.

O marxismo-leninismo, e a nossa experiência, demonstraram que existem problemas básicos, cuja solução é imprescindível para toda a sociedade que luta pela completa emancipação da mulher. Assim, por exemplo, não se pode falar de emancipação da mulher, numa sociedade onde predominam a opressão e a exploração, onde não existe a liberdade para todo o povo, onde existe opressão nacional, etc. Não basta falar de liberdade, igualdade e emancipação da mulher, onde existem contradições antagônicas que corroem a sociedade de classes, mas também se tem de lutar ativamente e relacionar esta luta com os problemas fundamentais da época. O Partido do Trabalho da Albânia iniciou a luta pela emancipação da mulher com a luta de libertação nacional e social. A luta de libertação nacional com a participação da mulher foi decisiva para a libertação do povo e, por conseguinte, também da mulher.

Acaso se poderá afirmar que em todos os países onde se conquistou a independência nacional, se criaram as condições reais para avançar até à completa emancipação da mulher? Naturalmente que não. Na sociedade dividida em classes, onde uma minoria, a classe exploradora, se enriquece às custas do trabalho, do suor e do sangue da maioria, numa sociedade onde uma classe enriquece e nada no luxo, enquanto a outra é explorada *até à medula* e não têm garantidos nem o trabalho nem o pão para seus filhos, de que liberdades humanas se pode falar? Inclusive se deixássemos de lado as outras formas de opressão de que é vítima a mulher em particular, que também tem origem nesta mesma exploração, isto já é suficiente para que a mulher não seja livre. Por esta razão, outra condição imprescindível para a completa emancipação da mulher é a liquidação da exploração capitalista, das classes antagônicas e da propriedade privada.

Só a instauração da propriedade social dos meios de produção e das relações socialistas em toda a vida do país, abre vastos horizontes à completa emancipação da mulher. Só a revolução socialista poderá fazer esta histórica viragem. Ela foi feita e está sendo aprofundada cada vez mais pelo nosso povo. Nesta revolução em ascensão e em desenvolvimento, tem vindo participar ativamente a mulher albanesa, porque sabe que a sua contribuição ajuda a aprofundar a revolução que resolverá de uma vez para sempre os problemas que impedem a completa emancipação da mulher.

Vejamos concretamente, na realidade albanesa, como está sendo aplicada esta influência e dependência recíprocas. A revolução socialista desenvolve-se e aperfeiçoa-se continuamente em todos os aspectos da vida. Todos os campos de atividade necessitam das energias da mulher e não se podem desenvolver sem aproveitar essas energias e, ao mesmo tempo, todas as nossas realizações e vitórias contribuem para elevar o grau da sua emancipação.

No campo político, a instauração do Poder popular não se pode conceber sem a participação ativa da mulher. Inclusive não se pode chamar popular sem o papel e sem a grande contribuição de metade da população constituída por mulheres. O Poder popular na Albânia aboliu por lei toda a discriminação da mulher. Esta foi proclamada e considerada com direitos iguais ao homem em todos os campos da vida. A democracia socialista e a linha de massas que se aplica no nosso país para dar solução a todos os problemas, não se podem conceber sem a participação da mulher nas reuniões, no controle das massas, nas confrontações e em todos os outros campos de atividade. Através do direito de sufrágio universal, das liberdades de expressão e de imprensa, e em muitas outras formas, as mulheres mantêm sempre uma posição ativa sem a qual a nossa democracia não seria completa. Os fatos provam que o papel da mulher na solução dos grandes problemas políticos do país e a sua ativa participação nos órgãos eleitos e representativos têm crescido sempre. Enquanto que em 1946 as mulheres deputadas à Assembléia Nacional, órgão supremo representativo do nosso Estado, constituíam 3,6% do total dos deputados, em 1966 o seu número alcançou os 16,6% e em 1970 os 27,2%. Também

nos conselhos populares, a todos os níveis, as mulheres constituíam 36,7% dos membros eleitos enquanto que nas eleições de 1970 esta percentagem aumentou para 45,8%. Assim, também, os 33,8% dos eleitos para juizes e assistentes de juizes são mulheres.

No nosso país existem muitos outros índices significativos que testemunham o preponderante papel que desempenham as amplas massas femininas na solução de importantes problemas que preocupam o país. Basta mencionar o fato de que no debate popular que se desenvolveu acerca do histórico discurso do camarada Enver Hoxha: "*As massas constroem o socialismo, o Partido as fará tomar consciência*" milhares de mulheres operárias, cooperativistas e intelectuais fizeram ouvir a sua voz apresentando sugestões e propostas e formulando críticas úteis do estilo e do método de administração à revolucionarização da produção da produção, do trabalho dos operários, etc. As mulheres do nosso país, conscientes do seu grande papel, encontram-se cada vez mais nas primeiras fileiras da luta pelo novo e pelo revolucionário, porque sabem que todo o progresso no nosso país acelerará a conquista das vitórias que todo o nosso povo e as mulheres em particular o desejam profundamente.

A democracia socialista necessita da participação ativa e eficaz das amplas massas femininas, porque através dela aumentam cada vez mais as suas capacidades e o seu papel. Assim, no nosso país, a atividade política não só não é monopólio dos homens, como nenhum problema político pode ser resolvido sem a aprovação e a participação de grandes massas femininas.

No campo da economia, a abolição da propriedade privada sobre os meios de produção, foi a maior conquista alcançada depois do triunfo da Luta de Libertação Nacional, porque desta maneira se pôs fim à origem de todos os males, sobretudo para a mulher. Antes da libertação, a Albânia era um país com acentuadas características feudais. A sua economia baseava-se principalmente na pequena propriedade artesanal e doméstica e numa agricultura quase primitiva. Nestas condições, o trabalho da mulher no lar, como escrava do marido, obrigada a

ocupar-se de todos os afazeres domésticos, e a trabalhar quase 18 horas por dia, era muito agonizante; não obstante isto ela tinha que ser submissa ao marido que se gabava de ser *fonte do seu sustento*.

Como consequência da abolição da propriedade privada sobre os meios de produção, assentaram-se as bases no trabalho produtivo e social de todos os homens aptos para o trabalho e criaram-se novas relações sociais, incluindo também as da esfera familiar. De má vontade também os conservadores e os patriarcas, que consideravam a mulher como instrumento pessoal, não tendo todavia uma idéia clara desta exigência imprescindível do socialismo e da libertação da sociedade, tiveram que aceitar que as mulheres participassem no trabalho social-produtivo. Isto aconteceu como reflexo da lei do socialismo segundo a qual "*Quem não trabalha não come*", graças à realização de reformas de caráter socialista que desenvolvem a propriedade comum, alargam continuamente a sua própria esfera de ação. Como resultado de tudo isto, o número de mulheres ativas na cidade chegou a 167.621 e no campo a 189.081 que é quase igual à metade da população ativa do país, de 668 que havia em 1938.

A participação no trabalho produtivo e social, o estabelecimento do salário equivalente ao trabalho e o trato particular em defesa da mulher trabalhadora, sancionadas pelas leis da sociedade socialista, promoveram a participação das amplas massas femininas no trabalho produtivo e social. A mulher não só se libertou economicamente e afastou por completo todo o tipo de discriminação, como também no trabalho e através dele, encontrou aquilo que lhe faltava desde há longos séculos: a vida coletiva, a possibilidade de preparar-se sob o ponto de vista político, educativo, cultural, técnico e profissional, a possibilidade de demonstrar não só as suas autênticas capacidades físicas, como também intelectuais, morais e espirituais para trabalhar, gozando os mesmos direitos que o homem. Como resultado das novas condições criadas pela sociedade socialista, a participação da mulher no trabalho produtivo e social, que no passado era uma carga pesada, no presente transformou-se numa das maiores conquistas alcançadas pelas mulheres na Albânia. A libertação política e econômica, provocou enormes mudanças na vida da mulher e de toda a nossa sociedade, seja em relação à atitude crítica perante a tradição, os costumes e as

leis não escritas que regem a vida quotidiana dos indivíduos, sobretudo na família e na atividade fora da esfera do trabalho social, no que respeita ao ensino, à cultura, à ciência, à técnica, etc.

É conhecido o fato de que as condições de trabalho e de vida determinam em grande escala também o modo de pensar dos homens. Como resultado da criação da propriedade comum sobre os meios de produção e do esforço coletivo para aumentar a produção social, no nosso país começaram a surgir novas relações entre os homens. Desapareceram as relações de opressão e exploração e o conceito reacionário de que "*o homem é o lobo do homem*" e estabeleceram-se em todas as esferas da vida relações fraternas de ajuda e de respeito mútuos. Começaram a formar-se novos conceitos não só sobre o lugar e o papel da mulher no trabalho, na escola, e na sociedade, como também na família. Como é lógico, todo este trabalho não foi abandonado à espontaneidade. A sociedade desenvolveu um vasto trabalho para que, a par da revolução política e econômica se aprofundasse também a revolução ideológica e cultural. Pois, também a nossa experiência prática comprovou que, por mais que mudem os conceitos dos indivíduos sobre a vida e o trabalho educativo, se não forem criadas as condições concretas materiais, estes conceitos não poderão ter um amplo campo de ação. Esta verdade tem grande importância para todo o campo da atividade humana, mas de maneira particular para a completa emancipação da mulher. Sabe-se que historicamente, a mulher se converteu em escrava como resultado do estabelecimento da propriedade privada. Esta fonte de desigualdade foi eliminada na Albânia, pois sem dúvida, com o decorrer dos séculos uma forte tradição, tinha criado raízes em relação ao tratamento e à atitude em relação à mulher. No passado era considerada um ser inferior, destinada somente a cuidar dos filhos, da igreja e da cozinha. Este conceito, foi abandonado graças a participação da mulher no trabalho produtivo e social. Mas como se apresentava a situação na família? Na família a situação era mais difícil. No passado, no nosso país, freqüentemente a mulher jovem era considerada como uma mercadoria de compra e venda que os pais entregavam ao melhor comprador. Em alguns casos, era considerada como meio de enlace diplomático entre os clãs, que servia para fortalecer e consolidar a sua capacidade defensiva, e certas

vezes como besta de carga. Esta atitude era mais acentuada sobretudo no campo, enquanto na cidade, as mulheres jovens e adultas eram consideradas, assim como nos demais países burgueses, como meios para aumentar os capitais das famílias. Somente no seio da classe trabalhadora existiam sólidos vínculos matrimoniais. Nestas condições, a jovem estava quase completamente nas mãos, ou de seus pais, ou de seu marido. Carecia quase completamente de personalidade. Estas eram as condições específicas da Albânia, quando o nosso Partido, iluminado pelo marxismo-leninismo, soube encontrar o caminho para libertar a mulher desta condição degradante e garantir-lhe direitos iguais aos de todos os cidadãos. O trabalho produtivo e social, o desenvolvimento do ensino e da cultura, a intensa vida política das mulheres e de todas as nossas massas trabalhadoras, contribuíram enormemente para a destruição dos conceitos retrógrados sobre a mulher. Mas o fator que desfechou o golpe decisivo nestes conceitos, sobretudo no campo, foi a conclusão da coletivização da agricultura. Neste período, o nosso Partido lançou a palavra de ordem: *"O principal problema atual da mulher é a luta de classes no campo da ideologia"*. Nas novas condições criadas, o Partido alertou a consciência das massas, exortando-as a trabalhar pela completa emancipação da mulher não obstante ter desenvolvido desde a sua fundação um prudente e inteligente trabalho a fim de dar solução a este importante e agudo problema social. Quer dizer, uma solução definitiva, baseada na ciência marxista-leninista, do problema da mulher.

Alguns dos chamados movimentos femininos mundiais, incluindo também a Federação Democrática Internacional de Mulheres, que fazem alarde, por tudo e por nada, de estarem lutando pela emancipação da mulher, lançam freqüentemente palavras de ordem tais como: *"A luta pela completa emancipação da mulher, é uma luta de conceitos"*. Circunscrever assim esta luta, num momento em que não foram solucionados os problemas fundamentais da emancipação da mulher, como demonstrámos antes, significa apoiar a opressão e a exploração das classes reacionárias no Poder, neutralizar a luta das mulheres e colocá-las num beco sem saída, para que estas não possam encontrar o verdadeiro caminho científico da solução.

Como resultado da revolução ideológica e cultural, do trabalho e da luta que com base nos ensinamentos do nosso Partido e do seu dirigente, o camarada Enver Hoxha pela completa emancipação da mulher, podemos afirmar que acumulamos uma experiência particular, uma experiência albanesa. Empreendemos o nosso caminho de desenvolvimento com 94% de mulheres analfabetas. Declaramos guerra ao analfabetismo e através de uma vasta rede de escolas de cultura geral e profissionais, conseguimos que, não só as mulheres jovens como também as adultas, cursem estas escolas. Presentemente na Albânia uma em cada três pessoas estuda, milhares de mulheres, jovens e adultas, incorporaram-se no sistema de estudo e de trabalho e 43% dos quadros médios e superiores são mulheres. Para abrir amplas perspectivas à emancipação da mulher, o Estado socialista desde o princípio criou condições especiais favoráveis para que as mulheres pudessem freqüentar escolas. Deu-se prioridade a jovens na concessão de bolsas e às mulheres trabalhadoras encurtou-se, em maior medida que dos homens, a jornada de trabalho, sem nenhuma redução de salário.

Nesse sentido, conquistamos muitos êxitos, mas as mulheres da Albânia estão conscientes de que, por causa do grande atraso herdado do passado, quanto ao nível educacional, cultural, técnico e profissional, existe um desnível em relação aos homens. Este desnível é uma condição objetiva que permite até certo ponto a sobrevivência do conceito sobre as *limitadas capacidades da mulher*. Esta é uma frente contra a qual no presente toda a nossa sociedade dirigiu as suas atenções para eliminar este desnível e alcançar a igualdade não só formal, mas também real. Outra frente difícil para nós, foi, e continua a ser, o aprofundamento da democracia socialista e o estabelecimento das normas socialistas de igualdade, amor e respeito mútuos no seio da família. Na Albânia, a instituição familiar, foi e é uma das mais puras, pois o patriarcalismo e o conservantismo haviam deixado profundas raízes nela. Na atualidade, não só se está abolindo fisicamente a família patriarcal, passando em geral de um lar integrado de muitos conjuges a um só, como

também se está repudiando o conceito arcaico do poder do *pater familias* e estabelecendo gradualmente uma igualdade autêntica entre os membros da família para as mulheres e os jovens.

No presente, a luta da nossa sociedade tende a assegurar enlaces matrimoniais fundados no amor dando um rude golpe aos matrimônios impostos que se contraíam no passado. Em geral, os jovens guiam-se por motivos nobres de amor e respeito mútuos, pelo amor à Pátria e a fidelidade ao socialismo, que criam a base e a garantia para uma sã família socialista. No nosso país, são já anacrônicos os baixos motivos do passado quando os matrimônios se contraíam na base dos mesquinhos interesses materiais, de linhagem e outros.

A nossa sociedade jamais permaneceu indiferente perante as relações familiares, mas ao mesmo tempo, dedicou grande atenção à preservação do seu caráter íntimo. Nenhuma sociedade permanece indiferente, cada uma influi nestas relações de uma forma ou de outra, com normas morais ou legais. Mas enquanto nós declaramos abertamente a nossa intervenção, declaramos que nos esforçamos por estabelecer relações de igualdade, amor e ajuda mútuos, as sociedades com classes antagônicas, não se atrevem a declarar que pregam, estimulam ou defendem as relações de opressão e exploração.

Na realidade, no âmbito da família subsistem dificuldades que mantêm o desnível entre o homem e a mulher. Isto, entre outras coisas, ocorre também porque apesar de tudo não se criaram todas as condições materiais para libertar a família dos afazeres domésticos e porque frequentemente as mulheres, por causa dos velhos conceitos, continuam a ser as únicas que realizam estas tarefas. Neste sentido, toda a nossa sociedade luta por socializar os afazeres domésticos, aumentando o número de creches e jardins de infância, refeitórios, lavanderias, aumentando os artigos de vasto consumo e sobretudo os eletrodomésticos, etc. Ao mesmo tempo lutamos para que em todas as esferas da vida triunfe o novo conceito de que os afazeres domésticos devem considerar-se tarefas de todos os membros da família.

A elevação do nível educativo das mulheres, a contínua socialização dos afazeres domésticos e o aprofundamento da democracia na família, eliminarão sem deixar lugar a dúvidas os desníveis que existem no nosso país nas relações entre as mulheres e os homens e darão a possibilidade às mulheres de manifestar as suas inesgotáveis energias e o seu talento e de afirmar assim a sua personalidade em todas as esferas da vida. Desta maneira, se farão mais sólidas as relações realmente socialistas entre os homens, fundadas na completa liberdade e igualdade. O caminho da completa emancipação da mulher albanesa, é uma das obras mais grandiosas realizadas na Albânia em um período histórico relativamente breve.

A libertação da mulher na China

Soong Ching-Ling

A História provou que o Movimento de Libertação da Mulher na China — conquista da igualdade de estatutos entre a mulher e o homem — começou com a revolução democrática, mas só será completado na revolução socialista.

O que é a revolução democrática? É uma revolução para o derrubamento da dominação feudal da classe dos senhores de terras, uma revolução em que tomam parte largas massas do povo, sob a direção de um partido político. Na China, teve início em 1911, quando a monarquia foi derrubada, o imperador — o maior proprietário do país — foi destronado e a aristocracia derrotada. Mas esta revolução continuou incompleta até 1949, quando, por essa altura, a terra de todos os grandes proprietários foi confiscada. Os camponeses e os proprietários constituíam classes opostas entre si. Os primeiros participaram no movimento revolucionário de 1927, e só após um longo período de luta de classes conseguiram derrubar os proprietários.

Que tem a ver a derrubada da classe dos senhores de terras com o Movimento de Libertação da Mulher? Na Primavera de 1927, o nosso grande dirigente Presidente Mao Tsé-tung explicou isso claramente: *“A autoridade política dos proprietários é o principal suporte de todos os outros sistemas de autoridade. Com a sua derrubada a autoridade do clã, a*

autoridade religiosa e a autoridade marital começam a vacilar. (...) Entre os camponeses pobres a autoridade marital foi sempre mais fraca, uma vez que a necessidade econômica obrigava as mulheres a realizar um maior trabalho físico que as mulheres das classes mais ricas, o que lhes dava um maior direito à palavra e um maior poder de decisão nos assuntos familiares. Nos últimos anos, com a ruína crescente da economia rural, a base de dominação dos homens sobre as mulheres foi ainda mais enfraquecida. Recentemente, com o desencadeamento do movimento camponês, em muitas localidades as mulheres passaram a organizar-se em associações rurais. Chegou o momento de levantarem a cabeça, e a autoridade marital torna-se mais fraca de dia para dia. Numa palavra, o conjunto da ideologia e o sistema feudal-patriarcal está vacilando com o desenvolvimento do poder dos camponeses”⁽¹⁾. Não será preciso dizer que, antes da revolução democrática, as mulheres na China eram oprimidas e exploradas das mais diversas maneiras. As mulheres das classes mais ricas e mesmo a maioria nas classes mais pobres ocupavam-se exclusivamente das suas casas e não exerciam qualquer profissão social. As mulheres trabalhadoras, especialmente as domésticas, recebiam salários muito baixos. Na verdade, eram raras as mulheres que possuíam qualquer independência econômica! Ao mesmo tempo havia muito poucas moças matriculadas nas escolas. As mulheres diplomadas, na sua grande maioria, voltavam para casa. Só muito poucas ficavam como professoras em escolas primárias e em escolas médias femininas.

A evolução do Movimento de Libertação da Mulher seguia de perto o avanço da revolução democrática. A situação da mulher na China foi melhorada em 1930, nas vésperas da guerra contra a agressão japonesa. Nessa época havia já faculdades e mesmo escolas médias onde era adotada a coeducação. Um grande número de diplomadas foram empregadas como professoras, médicas e enfermeiras. No entanto, a maior parte das diplomadas das escolas e colégios das Missões cristãs não seguiram nenhuma profissão, permanecendo junto das suas famílias, para se tornarem *vasos sociais*, que era o apelido que nessa altura se

¹ Relatório sobre uma investigação feita no Hunan a respeito do Movimento Camponês (Março de 1927).

dava àquelas que se ocupavam com passatempos mundanos, não tendo qualquer profissão própria. Estas mulheres, casadas ou solteiras, libertadas das regras de comportamento da sociedade feudal, tornaram-se brinquedos mundanos e parasitas burguesas. Nessa época, havia muitas mulheres que trabalhavam nas indústrias têxteis, mas estavam submetidas à exploração capitalista, recebendo salários baixos e vivendo na miséria.

No final da guerra contra a agressão e ocupação japonesas, o povo chinês sob a direção do Partido Comunista da China intensificou o movimento revolucionário. Assim, muitas mulheres lançaram-se em todos os campos da luta revolucionária e algumas delas ingressaram nos serviços militares. Conquistaram a sua independência econômica. As que eram membros do Partido dedicavam-se ao trabalho de propaganda nas aldeias e nas fábricas. Muitas delas eram diplomadas de escolas médias. Realizando as suas tarefas, as mulheres conquistavam a igualdade de estatuto em relação aos homens. Foram muito ativas no movimento de reforma agrária e ajudaram a pôr fim à propriedade da terra pelos grandes proprietários. Dedicavam-se zelosamente às suas várias tarefas e cumpriam com espírito de abnegação as ordens do Partido. Foi sobre as bases desta revolução democrática que o povo chinês pôde iniciar a atual revolução socialista.

Em Outubro de 1949, após a derrota do exército japonês, a derrubada da ditadura de Chiang Kai-Chek e a expulsão dos agentes estrangeiros do imperialismo, foi proclamada a República Popular da China e concluída a nossa revolução democrática. A partir desta altura, começou a nossa revolução socialista. Logo no início deste regime, tanto o cargo de Ministro da Justiça como o de Ministro da Saúde Pública foram ocupados por mulheres. Muitas outras mulheres entraram para serviços governamentais, tanto em Pequim como nas províncias. Muitos lugares de quadros da administração de vários serviços públicos eram preenchidos por mulheres.

Nestes últimos vinte anos, alistou-se no exército, na marinha e na força aérea um número cada vez maior de mulheres. Ingressam voluntariamente para estes serviços, depois de terem passado num exame de aptidão física. Cada vez mais mulheres se dirigem para os trabalhos agrícolas, pastoris, minas, metalurgia, hidráulica,

comunicações, transportes, indústrias, comércio, venda a varejo e muitos outros serviços públicos. A partir de 1966, primeiro ano da nossa Revolução Cultural, que é uma parte da revolução socialista, o número de mulheres médicas e enfermeiras aumentou enormemente. Neste últimos anos, em algumas grandes cidades, todas as mulheres saudáveis com menos de 45 anos de idade têm dado trabalho na produção, no comércio, nas comunicações, nos transportes e em outros serviços para o povo. Diplomadas de escolas médias, moças e rapazes, têm sido designados para trabalhar nas fábricas, nos campos e nas lojas. Tudo o que os homens podem fazer nestes serviços, também o podem fazer as mulheres. De um modo geral, toda a mulher que pode trabalhar, pode ocupar o seu lugar na frente da produção, segundo o princípio de salário igual para o trabalho igual. A grande maioria das mulheres chinesas alcançam agora a sua independência econômica.

Porém, se nos perguntarem se o Movimento de Libertação da Mulher na China já chegou ao fim, responderemos categoricamente que não. É certo que o sistema de dominação dos senhores de terras foi abolido há cerca de vinte anos, mas muitos aspectos da ideologia feudal-patriarcal ainda subsistem entre os camponeses, ou mais propriamente, entre os agricultores individuais. Esta ideologia ainda cria problemas nas áreas rurais e em algumas das cidades pequenas. Só quando a ideologia feudal-patriarcal for extirpada é que a igualdade sexual poderá ser estabelecida.

Para construir uma grande sociedade socialista, é preciso que as largas massas de mulheres estejam empenhadas na atividade produtiva. Tal como os homens, as mulheres devem receber um salário igual para trabalho igual na produção. Hoje, no nosso país, há muitas comunas populares onde as mulheres recebem um salário inferior ao dos homens, por um trabalho igual na produção. Em certas aldeias, as idéias patriarcais ainda têm alguma influência. A frequência escolar dos rapazes é proporcionalmente mais elevada que a das moças. Os pais precisam das moças para fazer trabalhos domésticos. Alguns pensam mesmo que, uma vez que as moças muito possivelmente entrarão para outra família, não compensa mandá-las para a escola. Além disso, quando as moças estão noivas, seus pais muitas vezes pedem uma certa quantia em dinheiro ou diversos artigos aos pais do futuro marido. Deste modo, a liberdade de casamento é prejudicada.

Finalmente, dado que os agricultores individuais desejam aumentar a capacidade de trabalho na família, esperam sempre o nascimento de um rapaz, enquanto que o nascimento de uma menina é recebido com desapontamento. Este desejo de ter pelo menos um rapaz exerce um efeito desfavorável sobre o controle de nascimentos e a planificação familiar. Uma mulher com muitos filhos para cuidar, naturalmente acha difícil participar na produção. Outra coisa que constitui um estorvo para as operárias é a sua absorção pelas tarefas domésticas. Isto impede muitas mulheres de participarem completa e livremente nos serviços públicos.

Tendo em conta a situação atual, não é difícil compreender que a autêntica igualdade entre os sexos só poderá ser realizada, e o Movimento de Libertação da Mulher finalizado, quando, dirigido por um partido político Marxista-Leninista, estiver completado o processo de transformação de toda a sociedade, quando a classe ou as classes exploradoras forem exterminadas, e quando a ideologia feudal-patriarcal e outras ideologias das classes exploradoras, forem completamente extirpadas.

PEKING REVIEW, N.º 6 (11 de Fevereiro de 1972)

A mulher vietnamita ontem e hoje

Mai Thi Tu

Um luminoso dia de Primavera. Sobre o dique que margeia os arrozais da aldeia, uma mocinha caminha, sorrindo às plantas de arroz verdejantes: faz a sua visita quotidiana ao campo.

*Balança os braços, compassando a caminhada
Como um barco cavalgando vagas e ventos
Com a proa orgulhosa, navegando para novos horizontes...*

(Em plena Primavera, poema de To Huu)

Assim são as moças vietnamitas, nova geração de mulheres felizes e confiantes, seguras de si, corajosas. Como parecem longe os tempos das suas antepassadas, sombras apagadas e trêmulas. No entanto, apenas uns vinte anos separam as duas gerações. O passado para as mulheres vietnamitas está muito próximo; as que têm mais de quarenta anos guardam ainda recordações bem vivas.

A MULHER NA SOCIEDADE FEUDAL

1. A “gota de chuva”

Desde a mais tenra infância, a menina, nos braços de sua mãe, ouvia-a cantar estes versos doces e tristes das antigas embaladeiras:

*A mulher é parecida com uma gota de chuva
Caia ela num palácio ou na lama dos arrozais*

(canção popular)

É esta a imagem da sorte incerta das mulheres na antiga sociedade, na qual o seu destino se encontrava nas mãos dos outros, inteiramente dependentes da vontade dos outros.

A ideologia feudal inculcou durante séculos a idéia de que a mulher, criatura débil e incapaz, deve viver sob a proteção do homem. “A gente reles, e a mulher, dizia Confúcio, são ignorantes, animados de maus instintos, difíceis de educar”. Esta “criatura débil, incapaz” não era mais do que uma força de produção importante, e o macho todo poderoso dispunha dela como de um bom instrumento para todos os trabalhos. Como a “gente reles”, a mulher servia, às mil maravilhas, para o trabalho de produção que as classes dirigentes, preguiçosas, desprezavam. Para as manter nesta condição, todo um sistema de princípios morais lhes pregavam a submissão total e, sob inspiração do confucionismo, foram instaurados um Código moral e uma legislação de grande rigor para a mulher.

Desde o seu nascimento, a menina era acolhida friamente pelo pai, porque não podia continuar a linhagem e perpetuar o patrimônio familiar. “Dez moças não valem um rapaz” dizia-se. A moça pessoalmente nada possuía. Com a mãe, ela trabalhava duro para prover às necessidades da família e não tinha parte na herança.

*A estrela polar está no zênite
Eu envelheço dia a dia para enriquecer meu pai
A herança dividir-se-á
Não sou mais que uma moça.*

(canção popular)

“A moral proíbe-a de abrir a porta do seu quarto. A sua única ocupação é a cozinha.” (Confúcio. Livro dos Ritos). Afastada da instrução e do mandarinato, ela era moldada por uma disciplina que tolhia os seus pensamentos, sentimentos e atos no quadro estreito das “Três Obediências”. Obedecer totalmente a seu pai, submeter-se docilmente a seu marido, e, na morte deste, seguir o seu filho⁽¹⁾.

Na juventude, não podia sentir livremente. A moral confuciana condenava a liberdade do casamento. “Rapazes e moças não podem namorar” ordenavam os antigos moralistas. A moça não podia desposar quem amasse, mas deveria aceitar aquele que seus pais escolhessem para ela, “sentar-se onde os pais lhe mandassem”. Nas minorias nacionais, acima da autoridade paterna, reinava uma outra força que arruinava o amor dos jovens: era a dos mágicos que prediziam a felicidade ou a desgraça dos casais e ainda, aprovavam ou condenavam as suas uniões. Quantas moças não choraram toda a vida o seu amor destruído.

Sob o fausto enganador de uma cerimônia solene, o casamento não passava de uma sórdida negociata concluída entre duas famílias. Trocava-se a moça por dinheiro, jóias e outras mercadorias sob a forma de presentes de casamento obrigatórios, fixador por lei. O Código Hong Duc (séc. XV) instituiu uma tabela de presentes de casamento para as diversas classes da sociedade, das pessoas mais pobres do povo aos grandes mandarins da Corte. Entre as minorias nacionais como os Muong, por exemplo, o rapaz devia entregar

aos pais da moça um búfalo para substituir a força de produção que lhes iria faltar. A lei reprovava todo o casamento em que não houvesse presentes. Nos casos de “união ilegal” a casada era punida com 50 vergastadas (segundo Phan Huy Chu, autor da Cronologia das Dinastias). Os rapazes pobres deveriam permanecer solteiros toda a vida, por falta de dinheiro necessário para financiar o casamento. Os choros e lamentações das moças casadas à força constituíam um tema lírico para a literatura.

*O caminho da minha vida está juncado de espinhos
Meus pais ávidos por dinheiro forçaram-me ao casamento
Triste amor, funesto destino
O espelho entenece-se quando me contemplo nele.
Minhas jóias perdem a cor quando as ponho.*

(canção popular)

Sendo o casamento um negócio, a moça era vendida àquele que pagasse melhor preço, sem distinção de idade. Podia ver-se freqüentemente casamentos de velhos com meninhas às quais se perguntava: (É seu pai ou seu marido?...)

Na sociedade feudal, a exploração da mão-de-obra feminina, revestia a forma de poligamia e do casamento precoce, consagrados pelo direito. Um rico escolhia de bom grado como esposa para o seu filho, uma moça muito mais velha do que ele que se encarregava dos trabalhos domésticos e da gestão dos bens. Era menos caro do que alugar uma criada. O maridinho tornava-se homem e desposaria outras mulheres. A pobre moça acabava os seus dias como velha serva abandonada. Os proprietários das terras compravam concubinas quer por luxúria quer para fins utilitários e econômicos. Por uma determinada quantia, dada aos camponeses pobres caídos na miséria, por uma dívida ou rendas não pagas a tempo, apoderavam-se sem dificuldade de moças, muitas vezes cobiçadas pela sua beleza. Estas tornavam-se “escravas” ligadas à vida do seu ignóbil explorador.

A mulher casada estava submetida à autoridade absoluta do chefe de família. Se o marido podia desposar várias mulheres à sua vontade, a sua esposa tinha que lhe ser fiel. A esposa infiel era condenada a ser “supliciada pelos elefantes”

¹ A comparar com os 3 K do ocidente: *Kinder* (criança), *Kitche* (cozinha), *Kirche* (igreja).

ou ser exposta na praça pública com “a cabeça raspada e coberta de cal”. Nenhuma punição era infligida a um marido volúvel.

Menor toda a vida, a mulher não tinha nenhum direito sobre o patrimônio familiar e sobre os seus filhos, não podia mesmo dispor da sua pessoa. Instrumento de trabalho, era também instrumento de procriação, destinada a dar ao seu marido crianças a quem ele poderia legar os seus bens. Ele tinha o direito de a repudiar se ela fosse estéril.

A condição da concubina era ainda mais humilhante. Era considerada ao mesmo nível dos filhos da primeira mulher. Os seus próprios filhos deviam chamar-lhe “Irmã Mais Velha” enquanto, tratavam a primeira mulher de seu pai por “Venerável Mãe”. A concubina deixava até de ter nome. As pessoas da família chamavam-na pelo seu número de ordem: “segunda irmã”, “terceira irmã”, etc... na lista das concubinas de seu marido.

A vida em família pesava duramente sobre a mulher. O chefe de uma família feudal não trabalhava, mas dava as suas ordens a um verdadeiro exército de mulheres, concubinas, servas, filhas. Podia bater-lhes se não fosse servido segundo os seus desejos. O letrado que preparava os concursos para o mandarinato, ocupado na leitura dos livros santos para se iniciar no seu futuro papel de “pai e mãe do povo” vivia, literalmente, do trabalho da sua mulher. Esta ocupava-se dos trabalhos dos campos, fazia um pequeno comércio, tecia, ocupava-se dos trabalhos da casa, educava as crianças; levava uma verdadeira vida de forçado, enquanto, que o marido não fazia absolutamente nada.

*A mãe voltou tarde do mercado
Para as crianças comprou um bolo de arroz
As pobres choraram, choraram...
Nem um pouco de água para lavar os filhos
O marido à sombra do dia descansa
Manhã e tarde fuma, e masca tabaco*

(canção popular)

A mulher devia também pagar com o seu trabalho as obrigações impostas pelos costumes da aldeia ou pela lei: o imposto pessoal de seu marido, a compra de um título na hierarquia comunal..., numa palavra, todo um conjunto de despesas e quotizações criado pela classe dominante para explorar o povo.

Depois da morte do marido, a lei moral obrigava a mulher a ficar fiel toda a sua vida à memória do defunto. A viúva que tornasse a casar era infamada. Perdia o direito de usufruir de uma parte dos bens que tinha contribuído para criar. Perdia a tutela dos filhos que eram confiados a um tio paterno. As viúvas deveriam sacrificar a sua vida, a sua felicidade, para que não fossem deserdadas e separadas dos seus filhos, e ainda mais pela pressão moral que pesaria sobre elas toda a vida.

Quando a sociedade feudal vietnamita entrou em decadência a partir do séc. XVII, minada pelas contradições internas, a condição da mulher piorou ainda mais.

Os reis e senhores feudais chafurdavam na luxúria e na corrupção. Mandarins, tiranos locais, abusavam do poder para esmagar o povo e despojá-lo dos seus bens. A desordem, a insegurança reinavam por toda a parte. Indivíduos do mais baixo estofo pilhavam, faziam contrabando de títulos e de mulheres para o serviço de senhores e mandarins depravados e concussionários que tinham arrancado a sua máscara de hipócrita beatitude.

O recrutamento anual de moças para o harém real tomava grande amplitude. Centenas delas eram arrancadas às suas famílias, perdidas para sempre por seus pais. Pobres “gotas de chuva” que caíam em palácios, sim, mas que destino as esperava? Uma vida enclausurada, exposta aos caprichos e ao sadismo dos monarcas. Os Anais relatam que quando da morte de Le Huyen Tong, um dos últimos reis da dinastia Le (séc. XVIII) trezentas jovens odaliscas ficaram, até ao fim da sua vida, guardando o seu túmulo.

As guerras fratricidas entre os senhores feudais, as operações contínuas de repressão contra as insurreições dos camponeses arruinados, semeavam por todo o lado miséria e luto. As canções populares da época contam os sofrimentos das mulheres que acompanhavam o marido, recrutado à força:

*A cegonha chafurda nos rios
Transportando arroz, acompanha seu marido soluçando⁽¹⁾*

¹ As mulheres dos conscritos acompanhavam os seus maridos, transportando a sua ração alimentar até ao local de concentração.

Esta sociedade feudal no declínio viu nascer no seu seio os primeiros germes do capitalismo. O dinheiro tornou-se pouco a pouco todo-poderoso. A mulher, tornada mercadoria, era humilhada, arrastada pela lama. Não é por acaso que a heroína de um clássico da literatura vietnamita, Kieu, era uma bela moça, dotada de muitos talentos, mas que uma sociedade cruel forçara a vender-se, a seguir uma vida cheia de sofrimentos e infelicidades. Perante o túmulo de uma cortesã, Kieu exclamou:

*Trágica... é a sorte de todas as mulheres
O destino criador mostra-se ingrato
Porquê tanta crueldade
Os nossos verdes anos gastam-se, as nossas faces
[rosadas fanam-se
Viva, esta mulher era a mulher de todos
No reino dos mortos, sua alma erra ao abandono⁽²⁾.*

2. Lindas Tradições

É falsa todavia a afirmação de que a mulher vietnamita se resignava sob o regime feudal a ser um manequim sem alma. Sobretudo a mulher do povo, trabalhadora e combativa tinha sabido destruir o estreito quadro que lhe era imposto.

A mulher era entre as massas trabalhadoras, uma força de trabalho importante e, em alguns casos, a principal força. A antiga economia agrícola, arreigada, submetida às contingências do clima, exigia uma luta dura e tenaz contra a natureza madrasta. A camponesa vietnamita ocupava-se, juntamente com o marido, em assegurar a sobrevivência da família. Esta cena familiar nas nossas aldeias “O marido trabalha, a mulher planta o arroz” concretizava a igualdade da mulher com o homem na produção. Neste sentido, ela supera o homem pela paciência e aplicação ao trabalho que lhe são características.

Entre o povo, a luta pela vida quotidiana e a partilha de sofrimentos comuns, eliminavam a idéia de superioridade inata do homem sobre a mulher e reforçavam o afeto mútuo que unia o casal. O seu amor fiel despontou do trabalho e da luta e resistia a todas as provas. Porque se “tinham sofrido as

agruras da vida, enfrentavam juntos a fome e o frio”. A esposa fiel, profundamente ligada ao seu marido, dizia-lhe:

*Se é preciso subir as montanhas seguir-te-ei
Iremos, apoiando-nos um no outro
Colheremos frutos selvagens para nos alimentarmos*

(canção popular)

O amor desinteressado que dedicava ao marido e aos filhos enchia a sua vida. Por eles, podia enfrentar todas as dificuldades, sacrificar tudo, mesmo a sua própria felicidade. Contentava-se com uma vida modesta, apagada, inteiramente dedicada aos seus, uma vida de trabalho contínuo e penoso sem se lamentar. Obrigada a viver em duras condições, tinha plena consciência das suas responsabilidades para com a família. Se sobrevinha alguma desgraça, dando provas de um grande autodomínio, junto ao marido e por vezes sozinha, esforçava-se por salvar a família, fosse qual fosse o preço a pagar.

Nas classes populares, a mulher era efetivamente tratada na vida familiar em pé de igualdade. O marido partia para longe, para as plantações, ou para a guerra, guardando no fundo do coração a imagem da esposa corajosa que:

*“dia e noite sozinha
regava as plantas à beira do caminho”.*

A pátria era atacada, e a mulher assumia a pesada responsabilidade da produção e dos encargos da família. Suportava corajosamente a dor da separação e era pródiga em dar coragem ao que partia:

*“Parte, cumpre os teus deveres de soldado
Eu fico, a casa não será abandonada”.*

(canção popular)

Se o inimigo atacava as terras e as aldeias, sabia defender com as suas próprias mãos o fruto do seu trabalho. Daí o refrão bastante antigo: “Quando o inimigo entra em casa, a mulher deve combater”.

² Kieu, tradução de Nguyen Khac Vien, 1965.

Uma tradição de heroísmo e rébeldia da mulher formou-se assim ao longo da história da luta do povo vietnamita contra a invasão estrangeira. No ano 40 do século I, as duas irmãs Trung Trac e Trung Nhi dirigiram uma insurreição geral contra a dominação feudal chinesa. Com a sua luta vitoriosa, Trung Trac “vingou o marido assassinado, pagou a sua dívida para com a pátria”. Estas primeiras heroínas nacionais deram início ao combate contra a agressão estrangeira às gerações de mulheres que lhes sucederam.

Em 248, Trieu Thi Trinh, uma camponesa do Thanh Hoa, de 23 anos, dizia ao irmão: “Eu desejava cavalgar o vento, dominar as vagas ferozes, decapitar as baleias do oceano, expulsar o inimigo do país para salvar o nosso povo da escravatura. Não me poderei resignar ao vulgar destino das mulheres: baixar a cabeça, dobrar a espinha e fazer-me concubina do homem”. Com seu irmão, à frente de milhares de camponeses, pôs em fuga os governadores chineses. Depois de 6 meses de heróica luta contra o inimigo, que tinha recebido poderosos reforços, suicidou-se, preferindo a morte à escravatura.

A luta patriótica das duas irmãs Trung e de Trieu Thi Trinh testemunha a grande contribuição da mulher para a história do nosso povo e das suas capacidades.

Como é que reagiu a mulher vietnamita, trabalhadora e valente, contra a triste sorte que a sociedade feudal lhe reservava?

Tomou parte na luta das massas trabalhadoras contra a opressão e exploração feudais. A sua voz levantava-se contra o jugo da escravatura nas canções populares, uma das armas dos explorados no antigo regime. A preponderância do homem é posta em causa:

*Com três sapecas compramos uma fornada de homens
Fechamo-los numa gaiola e entregamo-los às formigas
Uma única mulher vale 300 sapecas⁽¹⁾
Para a receber, estendamos uma esteira de flores*

(canção popular)

Mais ardente e audacioso era o seu interesse pelos direitos da mulher. Tinha plena consciência do direito de dispor dos seus próprios sentimentos. Nos quadros da vida

1 Sapeca — moeda chinesa.

rural e do trabalho em comum, o amor são, natural, liberto dos entraves feudais, florescia a despeito do puritanismo oficial. A moça declarava-se sem nenhum respeito pelos moralistas:

*A nossos pais, guardamos fidelidade e respeito
Mas para nós dois guardamos o nosso amor.*

(canção popular)

Apesar do obscurantismo imposto às mulheres, muitas delas, possuídas pela firme vontade de se instruírem, destacaram-se nos estudos e na literatura, através do seu próprio esforço. Disfarçavam-se por vezes de rapazes para seguirem cursos proibidos para as moças.

A poetisa Doan Thi Diem, autora da “Queixa da esposa do guerreiro”, era uma reputada professora cujos numerosos alunos — homens certamente — fizeram brilhantemente os concursos de mandarinato e foram promovidos aos mais altos cargos da Corte. Ho Xuan Huong, uma mulher do povo, é célebre pelas suas poesias satíricas que fustigavam com mordacidade a poligamia, e denunciavam a hipócrita conveniência com que se mascarava a sociedade cruel e podre da sua época. As mulheres eram ainda os autores desconhecidos das canções populares onde protestavam contra a desigualdade e opressão dos sexos.

A luta da mulher pelos seus direitos desenrola-se paralelamente ao movimento camponês que eclodiu nos séc. XVIII e XIX, em potentes vagas contra as camadas feudais decadentes. A mulher deu, nesta luta, a sua cota de participação. É exemplo disso, Bui Thi Xuan, que ombreou com os generais da grande insurreição camponesa dos Tay Son, por volta dos fins do séc. XVIII. Contribuiu para a queda dos senhores Nguyen no Vietnam do Sul e para a reunificação do país que os senhores Trinh e Nguyen tinham dividido.

O movimento camponês dos séc. XVIII e XIX não conseguiu acabar com o feudalismo e estabelecer uma sociedade nova conforme as aspirações do povo em geral e da mulher em particular. Limitados pelas condições históricas que lhes não permitiam descobrir as origens da sua miséria e sofrimentos, e imaginar outras perspectivas que não fossem as de uma monarquia “esclarecida”, os camponeses revoltavam-se sempre que a sua situação se tornava absolutamente

insuportável. Mas faziam-no para substituir os antigos opressores, por todos amaldiçoados, por novos opressores que lhes tinham prometido mudanças. Neste círculo vicioso, a mulher vietnamita tal como o povo no seu conjunto, nunca podia libertar-se completamente do jugo feudal.

Não podia ter uma noção clara da condição feminina, das perspectivas e das vias da sua emancipação. Todavia, não abandonava a luta.

Quando, no século XIX, sobreveio a agressão dos Imperialistas franceses, numerosas mulheres vietnamitas responderam ao apelo da pátria. Seguindo o caminho traçado pelas suas antepassadas, combateram para defender a família e a pátria. Foi lançado um apelo às mulheres, que tinha por título o ditado: "Quando o inimigo entra em casa a mulher deve combater".

A mulher de Bachelier So, um dos líderes da resistência à agressão francesa, dirigiu a luta depois da morte de seu marido vítima de uma traição. Tal como Trung Trac, para "vingar o marido pagar a dívida para com a pátria", combateu o inimigo, conseguiu capturar o traidor; conduziu a resistência durante mais de um ano. Como a relação de forças era bastante desigual, ela expatriou-se, preferindo a vida de emigrada à de escrava no seu próprio país.

A mulher de De Tham, uma patriota que resistiu 25 anos (1888-1913), tomou parte ativa na direção do movimento.

A resistência contra a agressão francesa foi das mais heróicas, mas nas condições objetivas e subjetivas da época, apesar do seu ardente patriotismo, o nosso povo não podia vencer. Os dirigentes, a maior parte provenientes da classe feudal, limitados pelo seu ponto de vista e interesses de classe, não puderam sublevar as massas camponesas e empreender uma resistência de longa duração.

Como todo o povo, a mulher vietnamita conheceu um duplo jugo: feudal e colonial.

A ESCRAVA DO ESCRAVO

A mulher vietnamita, além da sorte comum a todo o colonizado, sofre ainda a milenária opressão do sexo. Tornou-se a "escrava do escravo".

Os colonialistas franceses encontraram uma ajuda ativa no antigo feudalismo para dominar um povo sempre pronto a quebrar as amarras. Os reis e mandarins mais reacionários, os notáveis locais tornaram-se lacaios zelosos para a administração colonial que mantinha de pé as velhas estruturas. A antiga legislação, e em particular o antigo estatuto a família, elaborados no séc. XIX, continuaram em vigor até Julho de 1931, quer dizer, meio século depois da instauração do regime colonial. Nesta altura, foi promulgado um Código civil para satisfazer alguns setores da população que se revoltavam contra o conluio entre feudais e colonos. Mas, segundo o relatório da Comissão encarregada de elaborar este código, esta tinha recebido ordens de não fazer "nenhum atentado às instituições fundamentais da sociedade anamita". A condição jurídica e social continuava sem qualquer modificação!

Na aldeia, por detrás das espessas hastes de bambu, a milenária organização comunal sobrevivia com os seus ritos e costumes. O camponês conseguia viver miseravelmente do que lhe restava depois de ter pago aos velhos e novos senhores as contribuições imobiliárias e pessoais⁽¹⁾, as rendas, os impostos das festas comunais, etc.. Na maior parte das vezes "a colheita acabada, a panela arranjada", não havendo o necessário para viver, o camponês "punha em praça a mulher e os filhos" — o direito do marido sobre a esposa era preservado como no antigo patriarcado.

Para fornecer, a baixo preço, a mão-de-obra à indústria colonialista, foi aplicada a política de empobrecimento dos camponeses: um abaixamento sistemático dos preços dos produtos agrícolas ia a par do aumento sistemático de impostos e taxas (de 1890 a 1896 os impostos diretos duplicaram, de 1896 a 1898 aumentaram em metade. O

1 Espécie de taxa pessoal, criada pelo Governo francês na Indochina em 1919, segundo a qual cada "indígena" teria de pagar 2,50 piastras, desde os 18 anos até aos 60.

imposto pessoal elevou-se de 0,14 para 2,50 piastras — 100 kg de arroz custavam 2,5 piastras). A agricultura bastante atrasada de magros rendimentos, era ainda ameaçada por inundações e secas freqüentes. A miséria era atroz: via-se por vezes camponeses andrajosos, puxando penosamente a charrua no lugar do boi que faltava. Mulher e marido trabalhavam o seu arrozal, já vendido aos proprietários. A percepção anual dos impostos era uma tragédia em cada aldeia. A mulher debatia-se entre vender tudo o que restava, mesmo os filhos, ou pedir dinheiro emprestado. O barulho do tambor ressoava, pressionando os inscritos (dos 18 aos 60 anos) a "pagar a sua dívida", enquanto na casa comunal, diante dos notáveis que as enchiam de injúrias, mães, esposas aterradas prosternavam-se chorando ao lado dos filhos, dos maridos amarrados aos postes: não possuíam o que quer que fosse para resgatar o imposto.

Em tempo de fome, as famílias de camponeses, abandonavam as aldeias aos milhares. Sobre os diques dos arrozais, sob o céu pálido da aurora, abrindo o êxodo, as mães transportavam nas costas magras, na ponta de uma vara, dois sacos contendo todos os haveres, seguidas da filha mais velha transportando nas costas o irmãozinho mais novo. Fugiam à fome e à miséria. Mas, por mais que procurassem outro refúgio iriam forçosamente cair nas mãos de outros proprietários ou mendigar nas cidades.

Estas camponesas, escoraçadas das suas terras, eram obrigadas a empregar-se nas empresas colonialistas. "O número de operárias e de jovens ocupava uma percentagem bastante grande, mais de 15% do total efetivo dos trabalhadores"⁽¹⁾. Trabalhavam em condições deploráveis. As operárias da mina de Caibau tinham que trabalhar 12 horas por dia. Se bem que produzissem tanto como os homens nas mesmas tarefas, não ganhavam senão metade ou dois terços dos salários masculinos. Nas minas de carvão de Honggai, em 1929-1930, o salário diário de um operário era de 0,20 a 0,40 piastras, enquanto o de uma operária de 0,20 a 0,28 piastras⁽²⁾. Muitas vezes, porém, ela não recebia o salário por inteiro. Os encarregados todos os dias descobriam os mínimos pretextos para descontar qualquer coisa no ordenado. Na fábrica de fiação e tecelagem de Nambinh, as

1 Visão da história do movimento operário e sindical do Vietnam (Hoang Quoc Viet).

2 Idem.

operárias eram despedidas sem receber qualquer indenização. As mulheres grávidas, para conservarem o lugar, deveriam esconder a gravidez, apertando fortemente a barriga, e muitas vezes as crianças morriam logo ao nascer! A recordação das plantações de borracha amendronta ainda as que conseguiram escapar a esse inferno. Os patrões franceses, dispunham de forças armadas, polícia, prisões particulares. Os maus tratos, as duras condições de trabalho, as zonas insalubres custaram a vida a um número considerável de operários das plantações.

As pobres camponesas, atraídas pelas falsas promessas dos recrutadores de pessoal, deixavam o lar, seguiam os maridos na esperança de conquistar uma vida mais feliz e não encontravam senão miséria e desolação:

*A plantação aprisiona-vos com destreza e larga-vos com
[dificuldade]*

O homem deixa lá a pele e a mulher os ossos

(canção popular)

As crises econômicas prejudicavam duramente as operárias, vítimas das reduções de salários e das dispensas em massa. Um grande número de entre elas era lançado na prostituição, na mendicância, e muitas vezes levadas ao suicídio. Os lupanares pululavam nas cidades.

A mulher burguesa e pequeno-burguesa não era poupada. A vida citadina fazia desabrochar inúmeras aspirações de felicidade individual, recalcadas durante séculos pelas leis do feudalismo. Todavia, o movimento feminista de tendência burguesa, dissociava a libertação da mulher da luta pela libertação nacional. As manobras dos colonialistas contribuíam para isso com *slogans* bem sonantes: liberdade individual, emancipação do jugo familiar, participação da mulher na vida social, igualdade de sexos, desviavam-na para atividades fúteis: reuniões mundanas, "soirées" dançantes, quermeses, casas de jogo... Numerosas cidadinas, atraídas por estas miragens da civilização capitalista, sucumbiam na depravação. O divórcio, o adultério entraram nos costumes das cidades, conseqüências de um casamento interesseiro em que o dote da moça, o título nobiliárquico, os canudos universitários do rapaz, estavam em jogo. Quantos dramas familiares numa sociedade ainda feudal e colonial, causados pelas idéias burguesas do amor e da família que atiravam a mulher contra o marido e engendravam uniões escandalosas!

Em todos os casos, a mulher era sempre a vítima. Nenhuma lei defendia a sua causa. As mães solteiras, os filhos naturais expunham-se ao desdém público forjado pelas convenções burguesas. Pelo contrário, os mandarins, os altos funcionários, dispunham do direito marital para oferecer as suas mulheres aos chefes franceses em troca de um empréstimo rápido.

Operária, camponesa ou burguesa, a mulher primava por ser rudemente maltratada.

“Em nenhuma parte está ao abrigo da brutalidade. Na cidade, em sua casa, no mercado ou no campo, por toda a parte está exposta aos maus tratos do administrador, do oficial, do polícia, do alfandegário, do empregado da estação. Não é raro ouvir um europeu tratar uma vietnamita de puta ou de macaca. Mesmo no centro de Saigon, cidade francesa, diz-se, os guardas europeus não hesitam em servir-se da matraca para fazer circular... Um alferes polígamo derrubou uma moça e vergastou-a porque ela não aceitou ser sua concubina. Um outro oficial violou uma mocinha em odiosas condições de sadismo. Julgado em tribunal criminal, foi absolvido porque a vítima era uma anamita”. (Nguyen Ai Quoc, *O Processo da colonização Francesa* — 1925).

A luta da mulher pela liberdade e igualdade tinha que se indentificar com a luta comum para a libertação nacional.

Sob a influência das idéias da democracia burguesa e seguindo a linha reformista da burguesia vietnamita, algumas esperavam alcançar pela via da exigência de pequenas reformas o acesso da mulher às atividades sociais, à liberdade do casamento, etc. Mas a censura, a suspensão, a prisão, ameaçavam a todo o momento as jornalistas que se pensavam livres. Algumas pensavam suprimir a desigualdade entre os sexos, escapar às humilhações dos colonizados, consagrando-se aos estudos. Mas os diplomas não serviam para nada. As administrações, fechavam-lhes as portas. Algumas, poucas, chegavam a exercer profissões ditas liberais, como a medicina ou a farmácia mas sofriam aí grande concorrência. Uma vez casadas, todavia, os pesados encargos domésticos aprisionavam-nas. E os anos de estudo ficavam perdidos.

As feministas pequeno-burguesas reduziam as causas da desigualdade e da servidão da mulher à sua dependência econômica. Sugeriam timidamente a iniciação da mulher em certas ocupações “conformes à sua feminilidade, que não pusessem em causa a sua missão de mãe” (Madame Dam Phuong, *A mulher e a família*, 1929). Esta missão sagrada de que falavam, outra coisa não era que a escravatura doméstica, os trabalhos arrasantes na família patriarcal, de que não ousavam estilhaçar os limites. E punham fora de questão o enfrentar algo que envolvesse maiores riscos, como era o caso da dominação estrangeira!

Outras, continuando a tradição de luta das suas antepassadas, seguiram o caminho do combate. No quadro dos primeiros anos da colonização francesa, as insurreições armadas dirigidas por intelectuais como Phan Dinh Phung (1886-1895), Tan thuat (1886-1887) ou o movimento camponês de Yen The (1892-1913) arrastaram numerosas mulheres na luta pela independência nacional. A misteriosa mulher do bote sobre os rios de Huong Khe, conhecida pelo nome de “Irmã Tam”, encarregava-se do transporte de armas para os guerrilheiros de Phan Dinh Phung. Quando da batalha de Badinh as guerrilheiras encarregavam-se de ativar a propaganda nas fileiras dos mercenários ao serviço dos colonos. A senhora Can, mulher de Hoang Hoa Tham, líder da insurreição camponesa de Yen the, ficou célebre como estrategista que infligiu grandes derrotas às tropas francesas.

Depois da primeira guerra mundial, a burguesia nascente e os intelectuais progressistas como Phan Boi Chau, Phan Chu Trinh, quiseram fazer eclodir uma revolução democrática burguesa. As mulheres responderam ao apelo patriótico, trabalharam como agentes de ligação, de propaganda por uma “revolução cultural e econômica do Vietname”. A revolução democrática sob a direção da burguesia falhou. A pequena burguesia urbana tentou retomar a plataforma deixada pela burguesia. O movimento revolucionário do “Partido Nacional do Vietnã” contou com numerosas militantes que interromperam os estudos, abandonaram o teto familiar para tomar parte na luta. O partido da pequena burguesia vietnamita não pôde promover uma revolução radical. Tendo laços econômicos com a burguesia e a classe feudal, os seus dirigentes não ousavam atentar contra a propriedade privada. No seu manifesto, não abordavam sequer as questões

operária e camponesa. Não souberam sequer mobilizar as massas trabalhadoras que sofriam a dupla exploração feudal e capitalista. De resto, instável, impaciente e inconstante este partido da pequena-burguesia desintegrou-se rapidamente depois da insurreição abortada de Yenbai (1930). Uma repressão sangrenta por parte dos colonialistas acabou por encerrar uma longa etapa de lutas pela soberania nacional, dirigidas lado a lado pelas classes feudal, camponesa, burguesa e pequeno-burguesa. Nestas lutas, um grande número de mulheres, pelos seus próprios esforços puderam ultrapassar os entraves da sociedade tradicional para combater lado a lado com os homens. Mas as suas atividades eram limitadas a pequenos grupos, de caráter espontâneo na maior parte das vezes. Não puderam lançar um movimento à escala nacional e, sobretudo, conseguir o apoio para a luta de todas as operárias e camponesas que constituem a maioria da população feminina.

Todavia, o povo vietnamita honra sempre a memória daquelas que foram as dignas sucessoras das duas irmãs Trung.

Na longa noite do colonialismo, a mulher vietnamita caminhou corajosamente ao lado do seu povo à procura de uma verdadeira via de libertação. Tal como o seu povo, conheceu bastante bem as experiências dolorosas, mas não houve nenhuma dificuldade que a fizesse parar a meio caminho na sua odisséia heróica.

SOB A BANDEIRA DA CLASSE OPERÁRIA

Em 1930, o aparecimento do Partido Comunista da Indochina (tornado em 1951 o Partido dos Trabalhadores do Vietnam) marcou uma virada decisiva na luta pela libertação nacional. Uma nova etapa se abre para a mulher vietnamita. Desde a sua criação, o P.C.I., à luz do marxismo-leninismo, soube considerar as mulheres como uma grande força revolucionária, e estas, desde o princípio, participaram ativamente na luta.

As mais conscientes sabiam, por experiência, que as revoluções anteriores, burguesa ou pequeno-burguesa, não souberam conduzir uma luta decidida contra os colonialistas e os proprietários. Participaram de modo resolutivo na revolução

nacional democrática dirigida pela classe operária que visava a liquidação do domínio estrangeiro, assim como de todas as formas de exploração e de desigualdade, compreendendo o antagonismo dos sexos e a escravatura das mulheres.

Por outro lado, o partido da classe operária sabia que toda a revolução feita sem a participação da mulher não poderá triunfar. O Partido Comunista da Indochina considerava, pois, o problema da mulher como parte integrante do problema da libertação e da emancipação da classe. As teses políticas do Partido, adotadas no primeiro plenário do Comitê Central (Outubro de 1930) puseram a questão da luta pela igualdade dos sexos nas dez principais tarefas da revolução. No Plenário seguinte (Março de 1931), o C.C., afirmou unanimemente que: “a mulher vietnamita é a mais martirizada da sociedade. É por isso que, uma vez impregnada das idéias revolucionárias, participará com entusiasmo e resolução nas lutas” (extrato da resolução do plenário do C.C. de Março de 1931). Uma das mais importantes organizações de massa do Partido, a União das Mulheres para a emancipação (pré-organização da União das Mulheres Vietnamitas), criada no início da fundação do Partido (3-2-1930), reúne operárias, camponesas, trabalhadoras em geral. Intelectuais da pequena burguesia urbana, e da burguesia nacional, animadas de um sincero patriotismo, alimentando um ódio profundo contra os colonialistas, abraçaram também a causa da revolução. Toda esta nova geração de mulheres acolheu com emoção o apelo do camarada Nguyen Ai Quoc — atualmente o presidente Ho Chi Minh — lançado por ocasião da fundação do P.C.I., dirigido aos “irmãos e irmãs explorados e oprimidos”, exortando-os sem distinção de sexo a aderir ao Partido e a lutar para “realizar a igualdade dos sexos!”. Viu-se aparecer uma figura nova, a militante revolucionária que, temperada pela luta, esclarecida pelas idéias marxistas, soube captar as outras mulheres, e pôr em prática as belas tradições de diligência, de valentia e de devoção de todas elas para participar na Revolução de Agosto (1945) na resistência contra os colonialistas franceses (1945-1954), na resistência atual contra a agressão americana, e na edificação do socialismo.

1. Uma Mulher Nova

Pouco a pouco, a ideologia feudal ou burguesa apagou-se perante a verdade do marxismo que fez cair as sólidas cadeias morais e metafísicas da prisão onde estava encerrada a

mulher durante séculos. O ideal revolucionário estimulou nela as faculdades adormecidas. Pôde fazer rebentar progressivamente as cadeias das antigas regras morais, ultrapassar os preconceitos da antiga sociedade, resistir às ameaças e torturas do inimigo, muitas vezes sacrificando a própria vida.

Nesta vida militante, é por vezes doloroso o confronto entre a causa comum para o futuro de todos e o amor maternal. Quantas mulheres, perseguidas pelo inimigo, tiveram de abandonar o marido, os filhos, a fim de continuar a atividade revolucionária. O ditado popular "quando o inimigo entra na sua casa, as mulheres devem combater" vem então ao seu espírito com toda a clareza. Com fundamento na experiência, numa concepção revolucionária da vida, elas sabem que todo o sonho de felicidade pessoal é ilusório enquanto a pátria estiver escravizada, enquanto a antiga sociedade pesar sobre a sua vida com todo o peso das suas injustiças. Lutar faz parte integrante da felicidade, e o sacrifício toma um sentido único. Ultrapassando a dor, estas mulheres continuavam a combater, porque só a luta garantirá a felicidade dos seus filhos.

Durante o período de atividade clandestina, a voz do partido chamou as patriotas que sofriam com as humilhações dos sem-pátria e com a infelicidade do seu povo. A primeira entre todas as mulheres foi Minh Khai, uma estudante de Vinh que abandonou a família para se dedicar totalmente à Revolução. A repressão do inimigo perseguiu-as selvagememente, mas elas acabavam sempre por se infiltrar nas fábricas, nos mercados, nos bairros operários para despertar a consciência nacional e atizar o fogo da luta. Uma militante foi presa durante uma das suas missões. Os torturadores não obtiveram dela qualquer revelação sobre a sua identidade. Às perguntas acompanhadas de dolorosas torturas: "Onde estão os teus camaradas? Quem é o teu marido? Onde estão os teus filhos?" ela respondia com o mutismo sem nunca vacilar. E morreu. Na parede da sua cela, os carrascos puderam ler uma quadra que ela escrevera com o seu próprio sangue:

*Mulher de faces rosadas, eis-me aqui com vocês homens,
Sobre os meus ombros, pesa o ódio que nos é comum.
A prisão é a minha escola, os prisioneiros, os meus*

*[camaradas,
"Espada" é o nome de meu filho mais novo, "Espingarda"
[o do meu marido.*

O ideal revolucionário modificou assim as antigas formas de pensar e de comportamento. Insuflou à mulher o espírito de responsabilidade que lhe fez descobrir que não pode conquistar a verdadeira igualdade com o homem, senão na luta comum pela libertação da pátria e edificação de uma sociedade nova. Os sentimentos de família, o apego ao pedaço de terra, limitados e rebaixados pelo regime de propriedade privada, encontram-se dilatados e enobrecidos. A antiga alegação, inspirada na ideologia feudal "quando as muralhas se desmoronam o problema é do rei, a viúva não tem qualquer razão para se preocupar!" deixou de ter sentido. Para esta militante, o marido, os filhos estavam identificados com a "espada" e a "espingarda" símbolos do combate que ela utilizava para conduzir o seu povo à felicidade e à liberdade.

A mulher vietnamita, sobretudo a das classes trabalhadoras, tendo sofrido muito sob o antigo regime, compreendeu facilmente o marxismo-leninismo que acordou a sua consciência de classe e consolidou a sua fé na vitória final da revolução. Comprometeu-se na luta conscientemente, sem hesitar, com uma fé indomável.

Por volta de 1941, 1942, foi construído um *maquis*⁽¹⁾ no Viet Bac, região montanhosa do Vietnã do Norte. Jovens camponeses de todas as regiões organizaram-se em grupos de guerrilheiros para "combater os franceses, expulsar os japoneses" (apelo da Frente Viet Minh). A seção feminina de guerrilha do lago de Babe (província de Bac Kan), composta por montanhesas, tornou-se célebre pelas expedições para proteção da sua aldeia libertada e pelos ataques contínuos contra as guarnições francesas ou fantoches dos arredores. A camarada Ha Que (hoje membro do C.C. do Partido, vice-presidente da União das Mulheres Vietnamitas) foi uma das principais combatentes do grupo de auto-defesa composto por membros dos mais fiéis e resolutos das organizações de massas do Partido (Juventude, Camponeses e Mulheres). Simples combatente, depois chefe de seção, tornou-se aos 21 anos membro do Comitê provincial do Partido em Thaibinh. Assumiu a sua direção quando todos os camaradas foram presos e ela própria perseguida pela polícia colonial. Aos 23 anos dirigiu a vitoriosa insurreição armada de Yen The⁽²⁾ que

1 Campo de guerrilha.

2 Uma grande comarca da província de Bac Giang, antiga base de atividade da insurreição camponesa de Hoa Tham (1892-1911).

culminou com o derrubamento do poder fantoche do chefe de Bacgiang.

A jovem Revolução, nos seus primeiros dias, vivia no seio da massa que a alimentava, a protegia contra a repressão. Mães, camponesas, mulheres da montanha, identificando o seu patriotismo com o amor maternal, ajudavam ativamente os quadros do Partido a edificar bases de atividade, serviam-lhes de agentes de ligação, forneciam-lhes víveres, ao mesmo tempo que viviam na mais profunda miséria. Muitas vezes aceitavam morrer em vez de denunciar fosse quem fosse. Numa aldeia do delta do Mekong, uma patrulha francesa surpreendeu uma velha a cozinhar arroz numa grande panela sobre cinza ainda quente. "Este arroz é com certeza para os guerrilheiros! Onde estão eles?" berrou um sargento brandindo a baioneta. Choveram coronhadas sobre a velhota. Ela respondeu: "Eu sou uma pobre velha, não posso pegar numa espingarda, mas os meus filhos, que são centenas, em todos os cantos do país matar-vos-ão a todos, piratas! Eu não tenho medo de morrer!" E caiu sob os golpes do inimigo!

Depois de 15 anos de luta (1930-1945) a Revolução de Agosto viu simples camponeses ou operárias tomar a chefia da insurreição armada nos distritos ou comarcas: por toda a parte, do Norte ao Sul, participaram na derrubada do poder colonialista e na instauração do Governo do povo. Mas os colonialistas franceses voltaram. Destruíram aldeias inteiras, fizeram massacres em massa, esperando tornar a impor o jugo da escravatura ao povo do Vietnam.

A União das Mulheres do Vietnam, no seu congresso nacional em 1948, realizado numa zona libertada do Viet Bac, declarou: "É apenas pela luta travada lado a lado, com o apoio do povo, para escorraçar os colonialistas franceses que a mulher vietnamita pode salvaguardar a independência nacional e os seus legítimos direitos, conquistar as condições favoráveis para poder ocupar o seu lugar de cidadã, de esposa e de mãe".

A mulher vietnamita, trabalhadora e aplicada, que trabalhava sem descanso para alimentar a família, dispndia agora os seus esforços para assegurar a produção, a fim de servir a resistência nacional. Uma palavra de ordem foi

lançada: "Que as mulheres tomem o lugar dos homens em todos os postos da retaguarda". Durante nove anos, numerosas camponesas tomaram conta dos trabalhos agrícolas, mesmo daqueles que até aí tinham sido reservados aos homens. Nas zonas ocupadas, muitas desafiavam as balas e os canhões para trabalhar nos milhares de hectares de arrozais situados à volta dos postos inimigos. Em cada colheita, atravessavam perigosas "zonas brancas" onde espiões e soldados inimigos as tinham sempre sob mira. Uma parte desta produção ia engrossar as reservas da Resistência.

A tradição da luta pela libertação do país foi continuada dignamente pelas nossas camponesas que, no chão natal, ocupado pelo inimigo, se tinham levantado. A colheita destruída, as palhoças incendiadas, os pais, maridos, filhos, capturados ou mortos, e elas próprias as mais martirizadas: a luta pela independência nacional e pela sobrevivência é da responsabilidade de todos. Milhares de camponesas participaram na guerrilha que, dia e noite, infligia golpes no corpo expedicionário francês e no exército fantoche. No Vietnam do Norte até 1952, contavam-se 840.000 camponesas, no Vietnam do Sul, até 1950, 140.000. Uma heroína do exército do povo, a alferes Nguyen Thi Chien, era uma camponesa de 20 anos, quando conseguiu, sem armas, capturar um capitão francês. Presa, sobreviveu a torturas atrozes, evadiu-se, e continuou a dirigir a sua seção de milícia atacando postos inimigos. A seção de milícia Hoang Noang Ngan, em Hung Yen, recebeu a Medalha Militar pelas suas numerosas campanhas.

Outras mulheres ingressaram na luta política que consistia em campanhas de propaganda para desmoralizar as tropas inimigas. Mães e esposas barravam as estradas para fazer parar os caminhões inimigos que transportavam os filhos e os maridos recrutados à força. Na Primavera de 1954 no Vietnam do Norte, 170.000 soldados fantoches juntaram-se à resistência. Por toda a parte deserções em massa contribuíram rapidamente para o desmembramento total do exército inimigo.

O serviço de revitalização da frente era ainda em grande parte assegurado por mulheres. Tomaram parte em todas as campanhas. No decurso da grande campanha de Dien Bien Phu as camponesas da IV zona, as do Viet Bac, Tay Bac e as

das zonas ocupadas perfazendo ao todo 200.000 dias de trabalho, transportaram munições e víveres, limpavam as estradas, e cuidaram dos feridos. A imagem da esposa de outrora, infeliz e solitária, cuidando dos víveres para o marido que tem de ir para as guerras feudais, cede o lugar a filas de moças e mulheres que escalam montanhas, atravessam florestas, transportando para a frente a solicitude, o amor e a esperança da retaguarda.

As mães mais idosas, apesar da idade, procuravam também tornar-se úteis à Pátria. As Associações de Mães de combatentes multiplicavam-se por toda a parte. As nossas velhas mãezinhas, animadas de amor materno e de imenso patriotismo, ocupavam-se de todos os combatentes como se fossem os seus próprios filhos. Ajudavam na instalação das tropas, asseguravam o reabastecimento. Nas zonas ocupadas, escondiam os soldados e serviam-lhes de agentes de ligação. Muitas vezes tornadas suspeitas, presas e torturadas, nunca revelavam os esconderijos dos seus "filhos adotivos". Os guerrilheiros viviam e combatiam, envolvidos nesta solicitude maternal que concretizava o amor que o povo devotava ao seu exército, uma das forças inesgotáveis da guerra do povo...

Milhões de mulheres participaram assim diretamente na Resistência contra os colonialistas franceses. Simples e corajosas, "elas com as suas próprias mãos embelezaram o nosso belo país do Vietnam" (Hô Chi Minh).

Com a vitória da Resistência, as mulheres do Vietnam do Norte reconquistaram os seus direitos e os seus interesses. No Sul, a luta continua. A experiência de luta, adquirida durante a primeira Resistência, frutificou nas novas condições da resistência atual contra a agressão americana.

Sob o regime ferozmente reacionário do Vietnam do Sul, as mulheres são as vítimas mais perseguidas. Os imperialistas americanos e os traidores "dispararam sobre mulheres apinhadas. Viplaram e desventraram mesmo as meninas de 8 anos e velhas de 60, 70 anos. Todas usam o luto por seus pais, esposos, noivos, filhos, mortos pelo inimigo. Muitas entre elas guardarão para sempre na sua própria carne as sequelas das torturas atrozes dos americanos e dos traidores"⁽¹⁾. Torturas medievais são aplicadas às que lutam contra o regime. Em Quang Nam os agentes americanos cortaram as orelhas e os

seios da camponesa Tran Thi Van antes de a matar. Nas cidades, como resultado da política de pauperização e corrupção do neocolonialismo americano, 40.000 mulheres e moças vivem da prostituição (estatística de 1961). No campo, as tropas expedicionárias americanas arrasam os arrozais, destroem as colheitas com produtos químicos, incendiam habitações, queimam vivas crianças e velhos escondidos nos abrigos.

Os americanos e os traidores destruíram a felicidade de numerosas famílias. Quase 12 anos passaram, esposas e noivas ainda não tornaram a ver os que se reagruparam no Norte. Muitas são obrigadas a renegá-los sob pena de serem violadas pelos torturadores.

Obrigadas a escolher entre a morte e a luta, as mulheres do Vietnam do Sul optam pela única via, como toda a população. "O nosso único desejo é unir-nos numa organização, e com todo o povo, combater resolutamente para abolir o regime americano-fantoches". Este apelo lançado pela União das Mulheres para a Libertação (U.M.L.) uniu as mulheres de todas as camadas sociais na luta para expulsar os opressores americanos e fantoches. Por toda a parte, centenas, algumas vezes milhares e mesmos dezenas de milhares de mães, esposas e moças, sem qualquer arma, assaltam os escritórios dos chefes de posto, de província, os grupos de artilharia para protestar contra os crimes perpetrados pelas tropas expedicionárias americanas e fantoches. Muitas vezes são alvejadas. Em My Tho, em 17 de Dezembro de 1960, numa manifestação, Truong Thi Bay, de 16 anos, agitando uma bandeira marchava à frente. Caiu morta por uma bala. Nguyem Thi Be, de 18 anos, substituiu-a imediatamente. Be é ferida de morte. Uma terceira se pôs no seu lugar e foi morta por sua vez. Mas as manifestações continuaram a avançar; os soldados baixaram as armas. Cenas como esta repetem-se quotidianamente no Vietnam do Sul, ao longo de todos estes anos. Milhões de mulheres intervêm assim diretamente na batalha política e militar, contribuindo de forma decisiva na sabotagem, desmoralização da administração e derrota do exército fantoche. É o famoso "Exército de carrapatos" tão massacrado pelo comando estado-unidense.

1 Apelo da União das Mulheres para a Libertação do Vietnam do Sul — 24-4-1961.

As "Mães dos Combatentes" contribuem enormemente para a criação das forças armadas populares. Durante os anos negros que precederam as insurreições locais, esconderam guerrilheiros e militantes. Mamam Ba, em Bêntre, escondia num subterrâneo, um militante que o inimigo procurava. Louco de raiva, este prendeu-lhe o filho e torturou-o até à morte. Esta mãe continua a dizer ao militante: "Não te preocupes comigo. Esconde-te bem!". Quando as forças armadas foram criadas, elas trataram dos combatentes e dos guerrilheiros, cuidaram dos feridos e participaram diretamente no combate. Serve de exemplo uma mulher de Bêntre que fingindo vigiar o gado, armou uma emboscada a um grupo de soldados fantoches, que foram liquidados por uma rajada de metralhadora dos seus "filhos adotivos".

A luta nos campos e nas províncias alargou-se às cidades e reforçou a da população urbana. Estudantes, operárias, intelectuais e religiosas saíram para a rua para protestar contra os governadores fantoches, corruptos e déspotas e exigir a retirada imediata das tropas americanas.

Em plena Saigon, Nguyen Thi Tien, membro do grupo de auto-defesa, da cidade, fez explodir uma bomba no primeiro ataque à sede dos conselheiros americanos em 1963.

A guerra do povo, com as suas múltiplas formas, coordenando luta armada e luta política, é comandada por um grande número de mulheres de todas as classes sociais.

Esta guerra sem tréguas contra um inimigo poderoso e feroz fez com que se manifestassem nas mulheres grandes capacidades militares e políticas. Ta Thi Kieu, heroína do exército de libertação, dirigiu 101 lutas políticas, participou em 33 combates, 471 destruições de pontos estratégicos. a senhora Nguyen Thi Dinh foi a primeira mulher que assumiu o posto de comandante-chefe adjunto de um exército. Estas duas mulheres são unicamente as representantes de milhões de heroínas de qualquer idade para as quais os bombardeios se tornaram simples atos quotidianos.

Numa carta ao noivo que partiu para o Norte, uma moça contou-lhe as ameaças e as tentativas de sedução que teve de suportar. Terminou a carta com esta canção popular:

*"O peixe desaparece sem deixar pista no rio profundo,
Nossos destinos estão ligados, mesmo que tenha que
[esperar mil anos, eu espero-te]"*

O amor fiel desta noiva, a esperança dos reencontros, alarga-se, aprofunda-se numa fidelidade inquebrantável à pátria, numa confiança absoluta na reunificação do país, na vitória final do povo na sua luta contra os agressores. É por este futuro que noivas e jovens esposas ingressam na F.N.L., para combater.

O Comitê Central da Frente Nacional de Libertação conferiu às mulheres do Vietnã do Sul o título de "Heróicas, Indomáveis, Devotadas, À altura de todas as tarefas" que qualifica bem a vietnamita de hoje. É afinal a essência do heroísmo revolucionário que anima todo o povo vietnamita!.

*

As mulheres do Sul não lutam sós. Têm a seu lado as irmãs do Norte cujos pensamentos e ações de cada dia visam um duplo objetivo: "Pelo socialismo, pela libertação do Sul".

Logo depois da libertação, com toda a população, as mulheres lançaram-se na reconstrução do país. Sobre as ruínas de 10 anos de guerra, edificaram novas fábricas, novas obras hidráulicas. 3.810 mulheres contribuíram com 70.000 dias de trabalho para a construção da barragem Bai Thuong (província de Thanh Hoa). 80% da mão-de-obra no estaleiro hidráulico de Song Cau foram mulheres.

No campo, as camponesas trataram de dezenas de milhares de hectares de arrozais tornados incultos durante a Resistência, restauraram a produção agrícola em milhares de hectares de "zonas brancas". Depois de vencido o agressor, começaram imediatamente o combate contra as cheias e as secas, pela organização da produção agrícola.

Nas cidades, a União das Mulheres Vietnamitas, empreende a liquidação dos males sociais legados pelo antigo regime e pela guerra colonial. Em Hanói, o corpo expedicionário francês deixou 30.000 prostitutas. Com a ajuda dos ministérios do Trabalho e da Assistência Social, os quadros da U.M.V., organizaram-nas em grupos de trabalho, nas oficinas do Estado, onde aprenderam um sem número de profissões que lhes permitem ganhar dignamente a vida. Ressuscitadas, dedicam o seu trabalho à edificação de uma sociedade nova, onde o trabalho transforma e enobrece. O campo de Kim Dong foi fundado para recolher as crianças abandonadas, sem abrigo, pobres vítimas inocentes da guerra colonial. Aí, são reeducadas, guiadas na escolha de uma profissão que aprendem ao mesmo tempo que o programa de

instrução geral. Muitos se tornam operários especializados e técnicos.

O número de operárias, de 10.000 quando da libertação (1954), passou para 70.000 em 1961. O desenvolvimento da indústria e das construções de base no primeiro plano quinquenal (1961-1965), provocou um grande desenvolvimento da classe operária, fez aumentar as fileiras das operárias vietnamitas. Enquanto no campo, a cooperação agrícola abriu caminho a uma nova geração de camponesas. Em 1961, um ano depois do início da cooperação agrícola, aderiram logo 3.000.000 de camponesas, que no seio das cooperativas iriam viver uma vida nova que as transforma e liberta completamente.

"Edificar um Vietnã do Norte próspero e poderoso, é edificar uma base forte para a luta dos compatriotas do Sul". Esta diretriz mobilizou os esforços das mulheres que participam no grande movimento de união patriótica da população do Norte. A heroína da Agricultura, Nguyen Thi Khuong, — uma mulher da minoria Muong — esteve à cabeça do movimento de arroteamento das terras, do emprego do estrume e de aumento da criação de gado. A jovem Pham Thi Vach, heroína do trabalho, com a sua seção de milícia camponesa, transformou a sua aldeia miserável numa região próspera, pela construção do dique que protege as terras das cheias anuais do Rio Vermelho. O grupo de operárias 19-5 no estaleiro da refinaria de açúcar Van Diem lançou o movimento de emulação "alcançar e ultrapassar os homens", tornando-se numa equipe de vanguarda...

Depois de 5 de Agosto de 1964, o Pentágono ensaiou formas ultra-modernas de massacre: aviões supersônicos, bombas de estilhaços... Os pilotos dos Estados Unidos bombardearam sem discriminação hospitais, mercados, escolas, creches, querendo aterrorizar a população. A manobra da intimidação falhou. Toda a população reagiu contra estes ataques. Centenas de milhares de mulheres ingressaram nas milícias populares e tomaram diretamente parte na defesa anti-aérea. Esperavam calmamente os aviões em vôo picado para disparar sobre eles e as moças chegavam a abater aviões de reação ultra-modernos. Nos campos, mulheres muito jovens, trabalham com o fusil às costas, tomando imediatamente posição de combate, logo que é pressentido um avião.

Sob as bombas e os foguetes, as mulheres das sampanas asseguram sempre a travessia dos rios aos civis e militares. As camponesas das regiões montanhosas mais remotas, participaram na captura de pilotos americanos, lançados de pára-quedas na sua região. Vêem-se freqüentemente pilotos dos E.U.A., gigantes, armados até aos dentes, verdes de medo, renderem-se a jovens camponesas duas vezes menores que eles. Milhares de voluntárias deixam os campos, as fábricas, as escolas para ir reconstruir as estradas bombardeadas, as pontes demolidas, transportar os feridos.

Os bombardeios americanos ameaçam gravemente a segurança do país e a edificação socialista. Os homens partiram para o exército ou para outros trabalhos de defesa nacional. O trabalho produtivo fica essencialmente a cargo das mulheres. A União das Mulheres Vietnamitas, mobiliza os seus membros, incitando-os a "intensificar a produção e a assegurar a defesa, a porvir às necessidades da população e dos combatentes". Nas cooperativas agrícolas, as mulheres constituem 80% a 90% das forças de trabalho. Apesar das dificuldades causadas pelas bombas americanas, chegam a assegurar o arroz quotidiano dos membros da coletividade, a revitalização dos combatentes e a reforçar as reservas do Estado. Nas províncias de Than Hoa, Nghê An e Quang Binh-Vinh Linh, que os aviões atacam quase todos os dias, o rendimento das ceifas de 1965 ultrapassou largamente o de 1964. Nas fábricas e oficinas, as operárias adotaram a palavra de ordem: "Aperfeiçoar-se num ofício e conhecer muitos outros, para estarmos preparadas para substituir os companheiros quando são chamados à frente de combate".

Muitas mães encorajam os filhos a alistarem-se no exército, apesar de serem eles o seu único amparo. O amor de mãe ultrapassou os limites anteriores para se elevar a um espírito de sacrifício silencioso e sublime. Os jovens da casa de Van Tri foram mobilizados. O único filho da senhora Ke, que é viúva, figura na lista. Esta dá uma pequena festa para anunciar aos amigos a partida do filho. Uma pequena cerimônia foi celebrada em honra da alma dos antepassados, e depois ela própria o levou ao local de recrutamento. No regresso, a velha conta aos vizinhos, para se desculpar de ter os olhos ainda vermelhos: "Não é senão uma simples questão sentimental!". Ela queria dizer que é normal uma mãe sofrer ao ver-se separada de seu filho, mas cala todos os sentimentos pessoais frente ao grande problema que diz respeito a todo o

povo, a independência nacional, a salvaguarda da revolução.

Jovens esposas escreveram a sua assinatura sobre a ordem de recrutamento dos maridos. Na parede do Clube da Cooperativa Lai Yên (província de Hatay) podem ler-se os seguintes versos que uma mulher dedicou ao marido no exército:

*“Parte, e realiza altos feitos de armas
Da família, dos arrozais da aldeia, eu encarregar-me-ei.”*

É a velha canção da esposa acompanhando o marido na frente, mas o conteúdo mudou; ela fica na retaguarda, mas já não se ocupa apenas do jardim. Os arrozais da aldeia, a vida de centenas de fogos da sua cooperativa, a estreita união entre a frente e a retaguarda torna-se mais concreta pela estreita união entre ela e o esposo ausente: tudo isso solicita o seu afeto, devoção, abre-lhe desmesuradamente os horizontes.

Assim, pois, nesta época de luta pela libertação nacional, dirigida pelo partido da classe operária, as heroínas já não são meras individualidades, mas multiplicam-se cada dia nas massas tanto no Norte como no Sul.

2. A Emancipação da Mulher e a Herança do Passado

Em 1941, a camarada Minh Khai, condenada à morte pelos colonialistas franceses, legou às suas irmãs uma mensagem: “A Revolução é a única via para a nossa libertação”. A 1.^a e a 2.^a resistência mostraram já a verdade dessa mensagem. Só a luta revolucionária liberta as mulheres da escravidão. As outras etapas da revolução vietnamita realizadas no Norte contribuíram também para a sua completa emancipação e suscitaram o desenvolvimento das suas capacidades.

Já em 1953, a reforma agrária foi uma escola de formação de quadros femininos. No princípio da revolução anti-feudal, numerosas camponesas foram eleitas para os conselhos populares, para os comitês administrativos das aldeias e províncias. Foi preciso esperar pela vitória da resistência anti-colonialista para que a maturação rápida da mulher vietnamita se pudesse realizar, na edificação de um regime político e social de vanguarda.

A Constituição da República Democrática do Vietnam reconheceu no artigo 24.^o os direitos e interesses da mulher:

“A mulher na R.D.V., é igual em direitos ao homem, no ponto de vista político, econômico, cultural, social e familiar.

Para trabalho igual, ela tem direito a um salário igual. O Estado garante à mulher operária e funcionária o direito a férias de maternidade antes e depois do parto, com manutenção de salário.

O Estado protege os direitos da mãe e da criança, assegura a existência das maternidades, creches e jardins de infância.

O Estado protege o casamento e a família”.

Sob o novo regime, as mulheres são chamadas a assegurar diversas funções públicas: 66 na Assembléia Nacional — das quais uma vice-presidente do comitê permanente, 2 vice-ministros nos ministérios da Saúde e do Trabalho — 501 nos Conselhos populares, 38 nos Conselhos administrativos das províncias. Tanto a nível distrital, de bairro nas cidades, ou à escola comunal, a participação das mulheres nos postos diretivos é ainda maior (24.674 membros nos Conselhos populares das comunas, ou seja 16,7% do total). As presidentes de cooperativas, as chefes de brigadas de trabalho, cada vez mais numerosas, são eleitas pelas suas capacidades de gestão ou de trabalho produtivo.

Nos serviços públicos, o número de mulheres funcionárias atinge uma proporção elevada, sobretudo nos serviços sanitários e no ensino, que encorajam uma larga participação feminina. Nos ramos de atividade relativamente novos para a maioria das mulheres vietnamitas, como a indústria ligeira e a pesada, o número dos quadros técnicos, das engenheiras e operárias aumenta todos os anos: 44,94% na indústria ligeira, 23,4% na pesada (cifras do início de 1965).

Na agricultura, 144 engenheiras agrônomas, 395 quadros técnicos trabalham nas granjas e empresas do Estado de plantação e pecuária. As mulheres ocupam em média 60% das forças de trabalho das cooperativas agrícolas.

As mulheres das minorias nacionais que nunca abandonavam as suas montanhas e bosques, participam

agora em atividades sociais. Elas não hesitam em descer à planície para participar nas reuniões de conselho ou de comitê de que são membros.

A participação das mulheres nas empresas públicas e na administração aumenta com o desenvolvimento da edificação econômica e a organização do país, sobretudo com o 1.º plano quinquenal (1961-1965) que estabeleceu as primeiras bases do socialismo. Está aí a verdadeira emancipação da mulher, a que assegura a sua igualdade econômica e social, uma "igualdade efetiva e não apenas nominal". (Lenin)

No Vietnã do Norte, a emancipação da mulher levantou na sua realização concreta numerosas e complexas questões.

Depois de séculos de escravidão feudal e quase um século de colonialismo, a quase totalidade das mulheres das classes trabalhadoras e a maior parte das camadas intermediárias, eram analfabetas. Não tinham qualquer qualificação profissional. Esta pesada herança do passado, impediu-lhes o acesso aos diversos domínios da atividade pública que a nova legislação lhes abriu: elas não estavam preparadas para as suas novas funções.

A sobrevivência da ideologia feudal e burguesa, o desprezo pela mulher, a subestimação das suas capacidades, o complexo de inferioridade da própria mulher, a sua falta de auto-confiança, travaram o seu entusiasmo pelo progresso.

Na província de Haizuong, em 1960, quando a cooperação agrícola foi concluída, 1.150 mulheres foram eleitas para os comitês de gestão das cooperativas. É o resultado da aplicação das diretrizes do Partido: outorgar uma atenção particular à formação de quadros femininos e promover o seu aperfeiçoamento profissional. Todavia, esta cifra não atingiu a norma exigida (11% da participação feminina em vez dos 30%).

Por outro lado, encontraram-se os mesmos entraves à participação nos postos diretivos ou de gestão. O número de diretoras de escola era limitado, sobretudo no ensino dos 2.º e 3.º ciclos. O mesmo se passava com os chefes de equipe de fábrica e contramestres. Na manufatura do tabaco Thang long (Hanói), 80% dos quadros femininos e das operárias só faziam trabalhos secundários. As operárias especializadas eram raras. Entre os quadros e operários eleitos para cursos de aperfeiçoamento ou de gestão de fábrica, as operárias não constituíam mais de 15% do efetivo total.

Uma outra complicação surgiu, sobretudo no campo: depois de um certo tempo de serviço, os quadros femininos recentemente promovidos despediam-se em massa. No distrito de Tu Ky (Haizuong) 43 em 44 vice-presidentes de cooperativas, em Kim Thanh (Haizuong) 7 em 7 vice-presidentes recusaram continuar no seu posto. Em certas cooperativas os presidentes receberam, de um dia para o outro, os pedidos de demissão de todos os seus membros femininos dos comitês de gestão.

Que se passava então?

Estas mulheres perderam-se em múltiplas dificuldades. Não estavam à altura dos seus novos cargos, porque não tinham o nível de instrução indispensável. Certos quadros dirigentes não se esforçaram muito em aperfeiçoar as suas capacidades ainda limitadas. Havia ainda quem dissesse: "Veja só. Elegemos estas damas a título simbólico!".

Certamente que, esforços e paciência não lhes faltavam. Mas as difíceis tarefas caseiras, o pesado encargo das crianças, concorriam para desencorajá-las. Alguns maridos punham entraves às atividades sociais das mulheres, habituados a vê-las sempre às voltas com as pequenas tarefas caseiras.

Foram tomadas medidas a tempo para remediar estas insuficiências. Mas, nas organizações de base as tarefas de recuperação tardaram. Eram necessárias realidades ainda mais convincentes para chamar à razão os conservadores mais pertinentes.

3. Uma Luta Ideológica Perseverante e Medidas Eficazes

O 3.º Congresso nacional do Partido dos Trabalhadores, realizado em Setembro de 1960, venceu o papel importante da mulher na revolução socialista e na luta pela reunificação. Nesta nova etapa do desenvolvimento da Revolução vietnamita, o Partido dos Trabalhadores tem plena consciência das suas responsabilidades no que diz respeito ao problema da emancipação da mulher. Para isso:

É necessário ter um plano realista para as mulheres, fazê-las avançar do ponto de vista ideológico, elevar o seu nível cultural e técnico, ajudá-las a libertarem-se pouco a pouco do fardo dos encargos familiares, utilizar racionalmente a sua força de trabalho, a fim de que

possam participar cada vez mais na produção e nas atividades sociais e, por este caminho, desempenhar um papel cada vez mais importante na gestão da produção e do Estado”.

A industrialização socialista apela cada vez mais para um maior número de braços de homens para as novas empresas. Depois vem a agressão americana. O exército e os trabalhos de defesa mobilizam outros. As circunstâncias objetivas obrigam os mais reticentes a desejar as “reservas femininas” e a aplicar estritamente as diretivas do Partido.

Antes de tudo, é necessário “desenvolver uma luta perseverante contra a opressão e o desprezo pela mulher, reminiscências da antiga ideologia”.

A luta a travar não é nem simples nem fácil. O distrito de Thanh Thuy (província de Phu tho) distinguiu-se pelo sucesso alcançado na formação dos quadros femininos e no seu aperfeiçoamento profissional: atravessou uma verdadeira cri se antes de chegar a este feliz resultado.

Os membros do Comitê do Partido em Thanh Thuy não estavam todos de acordo quanto ao papel e às capacidades da mulher, no decurso de uma discussão sobre a formação dos quadros femininos no distrito. Chu van Loc, secretário do Comitê, propôs-lhes que fossem às comunas do distrito para aí fazerem um inquérito ao trabalho das mulheres. Este contato com as realidades, fê-los chegar às seguintes descobertas:

- as mulheres efetuaram mais dias de trabalho que os homens;
- as mulheres conhecem melhor que os homens a situação dos arrozais;
- as mulheres constituem 70% das forças de trabalho e conhecem estas forças melhor que os homens;
- as mulheres são mais aplicadas e mais trabalhadoras;
- as mulheres têm menos ocasiões para aprender que os homens e não são ajudadas nem apoiadas nas suas tarefas.

Na reunião seguinte, todos os membros do comitê adotaram por unanimidade decisões sobre a promoção dos quadros femininos.

Apresentadas numa reunião geral dos secretários comunais do Partido, estas decisões não foram aceitas. Alguém gritou: “Com mulheres no comando, será uma loucura!” — O camarada Chu van Loc, convocou então uma conferência sobre o papel e as capacidades da mulher numa comuna com a presença de 540 mulheres. Todos os secretários foram para ela convidados. Lá, ouviram as mulheres exporem as suas dificuldades e aspirações. Muitas delas criticaram certos quadros dirigentes sobre as suas idéias pré-concebidas, a sua falta de responsabilidade em relação ao trabalho das mulheres. Quando Chu van Loc pediu à conferência para apresentar mulheres capazes de assegurar a direção das comunas ou a gestão das cooperativas, designaram-se dez entre elas com observações concretas sobre as suas aptidões e a sua conduta. Um segundo inquérito numa outra comuna, dirigido pelos secretários, convenceu-os definitivamente.

Todas as células do Partido, nas cooperativas, nas comunas, são convidadas a fazer uma auto-crítica dos seus membros sobre as suas concepções errôneas, a sua falta de espírito de responsabilidade com respeito ao movimento feminino e à formação dos quadros femininos.

E viu-se Thanh Thuy corrigir os seus erros: por volta dos fins de 1965, as presidentes, as chefes de brigada, ocupavam 25% do total dos quadros. Em 12 entre 15 comunas, as mulheres asseguravam as funções de secretário do comitê Comunal do Partido, de presidente e vice-presidente do comitê administrativo, sem contar com um número cada vez maior de mulheres no posto de presidente de cooperativa.

Logo a seguir à publicação do 1.º plano quinquenal (1961-1965), no entusiasmo geral pela edificação socialista do país, esta luta ideológica foi travada nos diferentes domínios e contribuiu ativamente para a emancipação da mulher.

Por volta de 1960, foi promulgada a lei sobre o casamento e a família. Numa reunião dos quadros dirigentes do Partido, convocada pelo Comitê Central para a discussão do projeto desta lei, o Presidente Ho Chi Minh declarou: “A edificação do socialismo sem a emancipação completa da mulher, é uma edificação inacabada”. A lei sobre o casamento e a família

realizou esta última etapa: a libertação da mulher vietnamita da família feudal. Ela baseou-se em quatro princípios fundamentais: — casamento monogâmico — casamento livre — igualdade de sexo e proteção dos direitos da mulher — proteção dos direitos da criança.

Ela criou condições favoráveis para o desenvolvimento das capacidades da mulher e sua participação ainda maior na edificação da sociedade nova.

Esta lei na sua aplicação, foi uma verdadeira revolução, sobretudo no campo e nas minorias nacionais, onde subsistiam ainda o casamento precoce, a concubinação ou a poligamia. A abolição destes costumes retrógrados não podia obter-se por um simples ato administrativo. Era necessário para isso o concurso de uma propaganda tenaz, o desenvolvimento da educação e, sobretudo, uma luta perseverante das próprias mulheres: “ela não deve esperar passivamente um decreto do governo ou do Partido para a libertar, ela própria deve lutar pela sua liberdade”. (Ho Chi Minh)

Esta lei, libertando a mulher, visa também combater a ideologia feudal e burguesa que persiste ainda na concepção e no comportamento dos homens. As organizações de massa, tais como a Juventude, a União das Mulheres Vietnamitas e muitas vezes os tribunais, tiveram de intervir em casos de maus tratos ou abandono da esposa por um marido de idéias retrógradas.

O Partido dos Trabalhadores tomou medidas eficazes para elevar o nível cultural da mulher, facilitar a sua iniciação profissional para que ela pudesse alcançar o nível dos homens em qualquer domínio de atividade.

Em 1958, foi concluído o plano trienal para a liquidação total do analfabetismo. 90% das mulheres sabem agora ler e escrever. Foram criados cursos complementares para as operárias nas fábricas, dirigidos por estudantes do 3.º ciclo, e organizados em paralelo com equipes de trabalho. Duas noites por semana são obrigatoriamente reservadas a estes cursos. Para os quadros das cooperativas, presidentes, membros de comitê de gestão, chefes de brigada, o ensino complementar comporta um programa de técnica agrícola. Os cursos de

aperfeiçoamento profissional são organizados pelas secretárias coordenadoras, estatísticos das cooperativas, assegurados pela administração das províncias e dos distritos.

O ensino geral concede regalias especiais às moças, sobretudo as de família operária ou camponesa. As das minorias nacionais se beneficiam de favores particulares: bolsas, subsídio de alimentação e vestuário, largo prazo de idades entre as quais se pode frequentar qualquer curso. Para facilitar a admissão de operárias e camponesas nas Universidades, foi organizada uma escola de ensino complementar para as que ultrapassaram a idade de entrada nos cursos gerais. No decurso do seu serviço, os quadros femininos que se distinguem, são escolhidos para seguirem cursos nas Universidades, com manutenção do seu salário.

Depois de vários anos de esforços, a proporção de mulheres em numerosas atividades tornou-se cada vez mais elevada: 70% no ensino. 60,5% nos serviços de saúde. Particularmente, o número de intelectuais e de quadros profissionais saídos das massas aumenta em cada ano, criando-se assim uma *intelligentsia* feminina, ligada à revolução e ao trabalho produtivo. Esta ascensão a numerosas funções, um dos fatos mais marcantes da maturação da mulher, nem mesmo existia nos sonhos das suas antepassadas.

Nas cidades, sobretudo em Hanói e Haiphong, a União das Mulheres Vietnamitas organizou as donas de casa em grupos de artesanato (trabalhos em malha, objetos de vime, tecelagem, etc...) para as ajudar a viver uma vida independente e ao mesmo tempo aumentar as receitas da família. Depois da transformação socialista do comércio privado, as pequenas comerciantes, com a ajuda da U.M.V., participaram no trabalho produtivo. Em Hanói, uma grande manufatura de tecelagem, ajudada por esta organização, agrupa milhares de pequenas comerciantes da cidade para um trabalho produtivo.

A participação das mulheres nas atividades sociais, trouxe ao primeiro plano das preocupações do Estado, o problema dos encargos de família. Nas cidades, com a ajuda da população e com meios modestos organizaram-se em cada

bairro e em casas privadas, onde os proprietários cederam voluntariamente um dos seus quartos, escolas maternais e jardins de infância. As educadoras, as professoras, freqüentam todos os anos cursos de aperfeiçoamento organizados pelos serviços de ensino da cidade. Os pais quotizam-se para a manutenção dos locais, o pagamento às professoras e às educadoras. Mas, grande parte dos honorários é assegurada pelo departamento administrativo de cada zona.

As cantinas, os restaurantes, são ainda pouco numerosos relativamente às necessidades. Mas em cada bairro, grupos de “serviços” assegurados por donas de casa, ou antigas pequenas comerciantes ajudam as mulheres que trabalham a cozinhar o seu arroz, a consertar o vestuário, etc...

No campo, sobretudo na época de colheitas, os locais onde as crianças possam ficar em segurança, multiplicam-se em cada ano. A prática das refeições coletivas está ainda pouco difundida, porque os restos das refeições, a água da lavagem do arroz, constituem a alimentação dos animais que cada família possui. Mas, na época de colheitas, a prática de confiar as crianças, confiar o arroz para que a refeição seja preparada coletivamente, confiar as compras a equipes “ad hoc”, tende a tornar-se usual. Com estas organizações, as camponesas libertas dos trabalhos domésticos, podem acabar os trabalhos nos momentos mais ocupados do ano (plantações, colheitas.).

As mulheres libertas da servidão do passado, fruem plenamente o seu direito ao trabalho, aos estudos, participam nas atividades culturais. A assistência aos espetáculos, tanto na cidade como no campo, por parte de mulheres, e em particular por operárias e camponesas, é um acontecimento novo.

A agressão americana contra o Vietnã do Norte veio revelar, como as mulheres estão inteiramente aptas a assumir as suas novas responsabilidades.

*

Uma lenda vietnamita conta a história da “Senhora Nu Oa” que se esforçava para transportar pesados rochedos para reconstruir o céu destruído por um demônio. Trabalhou, trabalhou, — mas em vão. As dificuldades acabaram por fazê-la parar.

Esta imagem imprimia há séculos no espírito das nossas antepassadas um indelével derrotismo. Elas não se sentiam capazes de nada. Mas tudo isto pertence ao passado.

À nossa frente, o caminho está hoje completamente aberto. Na luta contra a agressão americana, pela unidade nacional e a edificação do socialismo, a mulher vietnamita tornou-se membro do pleno direito da sociedade, defende resolutamente o seu céu e a sua terra. Os modernos demônios, por muito ferozes que sejam, nunca mais poderão abatê-las.

A libertação da mulher, a luta de classes e a Revolução Socialista

J. Posadas

Secretário-geral da IV Internacional,
fundada por Leon Trotsky, em 1938.

A igualdade entre a mulher e o homem é uma necessidade da História, não uma conveniência econômica. São seres humanos. A divisão existente entre homem e mulher é um problema da natureza, mas os outros problemas são colocados pela sociedade. E na sociedade, a divisão entre homem e mulher, já não é mais um problema de sexos, mas sim de quem manda e de quem obedece. Transferiram-se para a mulher, para o casal, para o pai, para o filho, as mesmas relações que o sistema capitalista tem em relação ao proletariado, que são relações impostas inevitavelmente por quem manda. Libertar a mulher significa fazê-la participar e sentir-se com o mesmo direito, a mesma capacidade e objetividade do homem; não deixar que viva refugiada no temor ao sexo; ou servindo-se do sexo como um instrumento de relações, ou sentí-lo como um instrumento de poder, de jogo em relação ao homem, mas sentir que é um ser humano do sexo feminino, da mesma forma como o homem é do sexo masculino. A natureza os fez assim. A sociedade os unifica no sentimento, na necessidade, na capacidade e no respeito comum. O problema não é o de respeitar a mulher porque ela é mulher, e sim porque ela deve ser considerada igual ao homem; e que ela sinta isso.

Mas, quando a mulher não participa da luta social, desenvolve sentimentos sociais que, ao não estarem integrados na luta revolucionária, têm caráter pernicioso, porque, porque dedicam-se à disputa, a brigar com os outros, a enganar o marido ou a viver uma vida inativa. Desenvolve sentimentos sociais rancorosos em relação ao homem, em relação ao filho, em relação ao marido, em relação ao vizinho. Despreocupa-se com o problema das idéias e dedica-se a levar uma luta no seio do casal — tendo sentimentos de propriedade sobre o filho e vivendo uma vida separada, segregada da sociedade.

A burguesia se utiliza destas condições para manter fora do nível da luta, da participação na luta, uma força social que é igual à do homem, que não tem nenhuma diferença com o homem. A mulher tem menos força, relativamente. Hoje, na etapa em que se aperta um botão e a eletrônica faz o trabalho de mil pessoas, cada vez se suprimem mais essas diferenças. Já não há problemas de força, de capacidade. Inclusive os melhores cozinheiros já não são mulheres, são homens. E os melhores alfaiates não são mulheres, são homens. Os melhores empregados bancários, os gerentes, são mulheres. E os melhores dirigentes revolucionários no futuro serão mulheres. A maior mulher, que interveio na sociedade com o maior mérito na História, foi Rosa Luxemburgo.

A MULHER DEVE INTERVIR PLENAMENTE NA REVOLUÇÃO E NA SOCIEDADE.

A revolução dá base à mulher, permite que ela desenvolva suas qualidades humanas, sociais, revolucionárias. Ao intervir, seu pensamento desenvolve-se buscando colaborar com o progresso da História, sentindo-se parte que constrói a História, e não um objeto, um animal que tem um sexo e que cria filhos. Não se sente como fábrica de filhos, mas sim que foi assim que a natureza fez: é ela que tem o filho, mas o pai também tem o filho e deve aceitar a responsabilidade do filho.

Ela não abandona nenhuma de suas qualidades de mãe que comunica ao filho a ternura da vida e o sentimento comunista da vida, que deve ser o principal papel da mãe: comunicar ao filho o sentimento comunista, o carinho alegre comunista da vida. Todo o resto foi inventado na sociedade de classes e vem como resultado da propriedade privada.

A mulher incorpora-se e busca incorporar-se às lutas sociais para desenvolver-se como ser humano, em vez de desenvolver sentimentos individuais, abstraindo-se das lutas sociais. Quanto mais a mulher e as crianças intervêm nas revoluções mais se elevam, como foi na Revolução Russa. Na Revolução Russa todos intervieram! Por isso a novela mais lindas das últimas etapas é “A Mãe”, de Gorki. Não é a mais completa nem a mais importante do ponto de vista organizativo da revolução, mas é a mais comovedora, porque mostra uma etapa da História. Através da mãe, ela mostra como a mulher russa dispunha-se a intervir na revolução.

É preciso fazer com que a mulher intervenha na revolução. Ela tem tanta paixão, tanta veemência, tantas qualidades, tanta resolução quanto o homem. Se não as pode expressar agora é porque não a deixam intervir. Por que não teria essas qualidades? A mente da mulher não é inferior à do homem. É a sociedade que a discrimina. Não é falta de qualidades: ela as tem. Não as desenvolve porque não a deixam atuar. Então é preciso fazer com que ela atue. Desta forma, os sentimentos de rancor que tem como sexo contra o outro sexo desintegram-se e é ganha pela revolução, é ganha para intervir.

A diferença entre os sexos é estabelecida pelas relações sociais. É a propriedade privada, a vida comercial do sistema capitalista que determina que o sexo seja um problema. É a propriedade privada que faz com que a mulher use o sexo como um instrumento de combate, de sedução — que é parte do combate — e deixe de pensar. Então é uma carga para a sociedade e para a humanidade, porque é a briga: o homem tem que pensar em defender-se de sua mulher ou em viver brigando com sua mulher. Quanto mais unidade matrimonial haja — que por muitos anos continuará sendo a

forma celular de existência da sociedade —, quanto mais harmonia celular haja, mais a família será um instrumento poderoso que amanhã será superado, mas que hoje ainda pensa como família.

A família é uma organização conservadora, um centro de nucleamento celular mantido através do interesse de conservar o poder, da autoridade que se transmite entre pai, mãe e filho. Isso é verdade, mas a família hoje é também um veículo de progresso revolucionário. O desenvolvimento da revolução melhorou, mudou a relação na família. Não em todas, mas na maioria sim. Assim como na Igreja, no Exército, na Polícia, a influência da revolução transformou e rompeu o submetimento aos chefes, aos dirigentes e fez com que o soldado comum, o militar comum ou o policial comum sintam-se igual ao outro, também na família as condições internas estão se igualando. Não na hierarquia e na imposição econômica do pai sobre o filho, ou da lei que dá autoridade do pai sobre o filho, mas sim no consentimento e na reflexão mútua, cuja base essencial é a luta pelo progresso sindical, político, revolucionário. Isso existe em todo o mundo.

Nós buscamos desenvolver condições que permitam à mulher intervir como dirigente, como militante, como criadora em todos os sentidos, em todos os aspectos da vida, de modo que haja uma convergência entre a sua preocupação e a do homem. Então é uma preocupação de mentalidade de gênero humano onde pensa para o progresso da humanidade, ao invés de disputar com o homem. Elimina a implantação na família de relações daninhas, rancorosas, que são resultado do regime de propriedade privada. Isto não elimina a discórdia familiar, que não tem origem no homem nem na mulher: a existência dos sexos apenas acentua essa discórdia. Mas permite elevar e dar confiança e otimismo de unificar-se no combate, como se faz no setor em luta das famílias operárias, no processo atual da luta contra o capitalismo. Centraliza a mulher num sentimento comum de combate e permite então que ela se sinta inclinada a associar-se ao homem e permite ao homem ver na mulher uma parte de si mesmo. Homem e

mulher são parte de uma mesma natureza, divididos em sexos pela forma como esta se desenvolveu. Todo o resto vem como consequência das relações sociais.

A disputa da mulher com o homem, ou do homem com a mulher, a disputa entre os sexos, é parte da estrutura, da construção, do desenvolvimento de relações que a propriedade privada criou. É a divisão do trabalho estabelecida pela propriedade privada que faz com que a mulher pareça inferior, pois o homem era mais útil ao capitalismo na produção e este tinha interesse em manter a divisão. A mulher tinha que dedicar-se a fabricar filhos. Então havia um motivo natural de relegar a mulher a um plano inferior ao do homem. E o capitalismo desenvolveu essas idéias ao ponto de utilizar a mulher como um instrumento. Esta é a razão. Não há nada de natural nisso: Foram as relações sociais que o determinaram.

Depois o capitalismo organizou isso em leis, determinando juridicamente que a mulher seria inferior ao homem.

Nós defendemos a mulher não pelo sentimento de igualdade, que é correto, mas secundário. A defesa da mulher é uma necessidade histórica na qual entra, também, como uma parte, a igualdade. Do contrário, a mulher seria um instrumento que dedica parte de sua atividade social, mental, a combater o homem, a organizar seu inconsciente para a disputa com o homem, a organizar seu sexo, sua forma de expressão sensual para competir com o homem, impor-se, buscando sentir a satisfação de vencê-lo. A mulher não nasceu assim. Mas foi assim que se organizou a relação social do sistema de propriedade privada.

É preciso fazer com que a mulher intervenha na revolução. Os bolcheviques foram os primeiros que a fizeram participar orgânica e conscientemente. A participação da mulher na revolução tem certa semelhança com o campesinato que, genericamente, como setor, aspirava a propriedade da terra. O capitalismo se apoiava nele. A revolução russa inaugurou a etapa em que o campesinato é ganho por uma forma superior de existência, já não da propriedade da terra nem de viver apegado a isso. A revolução

na Indochina, como na China — porém mais na Indochina que na China, porque se dá a um nível superior e em etapas posteriores e superiores — mostrou que o campesinato já não vive a aspiração de substituir o patrão apoderando-se da terra. Ele quer viver dignamente, coisa que o capitalismo foi incapaz de lhe oferecer, porque o capitalismo o atirou no campo, separou-o da cidade, o isolou na solidão do campo, na solidão das parcelas individuais, da vida individual. E desse modo, germinavam em sua cabeça sentimentos individuais, mas com sentido retrógrado e conservador, que serviram depois tanto a Napoleão como a todas as pequenas revoluções, inclusive a do Perú. A revolução do Sudeste Asiático é a culminação de um processo que mostra que o campesinato já está ganhando pelo socialismo. Ganham-se etapas históricas, porque já não se trata de um problema de ganhar os camponeses, mas de organizá-los e ordená-los. Em relação à mulher é a mesma coisa.

A mulher precisa estar na direção dos sindicatos. A mulher deve ser delegada operária, representante de todo o meio em que esteja. Nós, os trotskistas-posadistas temos o grande orgulho histórico de termos sido os que incorporamos na Argentina a mulher à direção do sindicato. Quando organizamos e dirigimos as grandes greves, incorporamos a mulher ao sindicato; apesar de todas as dificuldades, de todas as acusações que fizeram, nós a incorporamos. Os bolcheviques foram os primeiros que incorporaram a mulher: no partido, à direção do país, ao resto do mundo. Mas na Argentina fomos os únicos. Antes, a mulher não participava. Hoje mesmo, na Itália, por exemplo, no Congresso de Delegados de Conselhos de fábrica de Rimini, realizado em 1974, entre os quatro mil delegados não havia nem sequer uma mulher. Nós criticamos este fato, o expusemos aos dirigentes sindicais e foi muito bem aceito. Ao mesmo tempo, na Itália, as mulheres fazem as manifestações mais veementes, mas mais ardentes e as mais resolutas. E participam com uma resolução muito grande. A mulher está buscando intervir. O processo mundial da revolução a impulsiona a intervir, a faz amadurecer. São as direções que a contêm. Chamam-na a protestar, a fazer manifestações, a sair às ruas com cartazes,

mas não querem que a mulher intervenha, que fale, que raciocine, ou que dirija. Não: colocam-na como um número, que pesa. O capitalismo se aproveita então da divisão matrimonial que a propriedade privada estabeleceu entre o homem e a mulher para impedir a concentração das forças proletárias entre homem e mulher.

É preciso desenvolver a compreensão de que se o proletariado não tem uma preocupação essencial para incorporar a mulher é porque suas direções se opõem. E impõem que a mulher se despreocupe desse problema, porque sua intervenção na luta é uma base de força, de aumento de concentração da capacidade de ação contra os burocratas, contra a política reformista, contra a capitulação frente ao capitalismo, contra a política de compenetração. A incorporação ativa da mulher na luta favorece e estimula as tendências revolucionárias. O proletariado sente mais força, mais segurança em sua casa, em seu bairro e já vem como uma estrutura superior para intervir. De certo modo, tem seu inconsciente organizado em forma de combatividade e de resolução, com muito mais disposição que em outras etapas.

É necessário considerar como muito importante a coesão harmoniosa que significa a intervenção da mulher nas lutas. Dá ao homem uma segurança enorme de eliminar a relação de sexos, a relação de imposição pelo sexo e eleva a relação humana, mesmo no regime capitalista. No conjunto da sociedade ainda não se pode agir de forma tão completa porque a sociedade capitalista impõe as relações através do interesse de quem manda. Então impede a coesão de um setor tão importante da classe como é a mulher, com o homem. Mas hoje a revolução compensa e harmoniza este deficit da História; o harmoniza na necessidade da luta revolucionária e não nas relações normais onde ainda permanece o "mistério" da relação entre a mulher e o homem, como se fossem relações misteriosas. Quanto mais aumenta a coesão do casal, entre a mulher e o homem nos sindicatos e nas fábricas, mais se eleva o comportamento de compreensão mútua, de respeito. Por enquanto se chama respeito, mas é compreensão e consciência mútua.

EXISTEM AS BASES HISTÓRICAS PARA A IGUALDADE ENTRE O HOMEM E A MULHER COMO GENERO HUMANO

A propriedade privada, e hoje o capitalismo, desenvolveram a mulher como um instrumento do homem. A mulher desenvolveu-se como tal e utiliza isso como um elemento de negociação, de atração, de dispersão, de imposição. A revolução vai compensar isto. Em todas as revoluções aumenta a coesão entre os homens e as mulheres de forma notável, como demonstram a China e Cuba. Aumenta de forma muito notável a participação da mulher e diminuem todas as condições, as expressões, os resultados de degeneração e de corrupção que há nos Estados capitalistas, e que não existem nos Estados operários. Isso, pela própria estrutura e pelo funcionamento do Estado operário, que leva o ser humano a sentir-se elevado acima das relações diárias. Então se vê a mulher de forma superior.

Na mulher, o problema da gestação conduz a um sentimento de inferioridade em relação ao homem. Mais isso é produto da relação social. Ao passo que há uma parte ínfima de mulheres que ao ter o filho, sente-se superior ao homem e, sem dúvida, tem direito, porque como é a mulher que tem o filho, sente-se com força, gerando a vida. Isso lhe dá um sentimento de poder muito grande, que depois não encontra correspondência na função social. E isso é produto de que é a mulher quem tem que ter o filho. O sistema capitalista utiliza isso para inferiorizá-la. E o Estado operário a está elevando.

Em Stalingrado morreram mais de 500 mil mulheres, desde avós até meninas de 14, 12, 10 anos. Este heroísmo das mulheres não era para defender o marido ou o filho, era para defender a União Soviética. E também porque ao defender a União Soviética sentiam-se participando da História. Como em toda grande revolução, a mulher intervém numa percentagem muito elevada. Por que intervém na revolução e não em outras atividades da vida? Quando a mulher intervém assim na revolução é porque a sociedade necessita dela, abre-lhe as

portas para que intervenha e ela sente que pode desempenhar uma função social de importância para elevar a sociedade. Em toda revolução, em toda grande greve, em toda grande mobilização social é assim.

A debilidade da mulher não é produto de que tenha um corpo mais fraco, que tenha menos força ou menos capacidade muscular. Isso existe. Mas o problema essencial que a inferioriza é que a sociedade fez da mulher uma mercadoria, onde ela tem que utilizar o sexo como meio de compensar sua condição de mercadoria, e isso sim lhe cria um complexo de inferioridade. É uma dupla mercadoria: do homem (no casal) e do capitalista.

Elevando a atividade da mulher em todo sentido, é necessário elevar o homem também. Se o homem não se eleva com a mulher, ele tenta elevar-se sozinho, mas não encontra resposta. E não consegue elevar-se, porque se trata de uma relação social harmoniosa. É verdade que só no socialismo se vão resolver completamente essas diferenças mas não há porque esperar o socialismo. Já está demonstrado que a revolução iguala a condição da mulher à do homem.

São as relações já impostas pela propriedade privada que determinam tal relação entre o homem e a mulher. O que é a propriedade privada? É uma mercadoria concorrendo com a outra. E o que faz a sociedade com a mulher? A transforma numa mercadoria. O simples fato de que existam prostíbulos, mostra isso. É um processo de mercadorias. Foi a luta do movimento operário, a luta pelo comunismo que eliminou o fato de se considerar a mulher uma mercadoria.

São problemas criados pela propriedade privada, pelo sistema capitalista. Mas nas grandes greves a solidariedade das mulheres e das meninas é completa. E onde menos existem as relações de sentimento de perversão, de maltratar a mulher, de inferioridade, é onde há grandes greves, grandes lutas operárias, grandes avanços do movimento operário unificado, socialista, comunista.

É preciso mostrar que não é necessário esperar pelo socialismo para libertar a mulher. Nós afirmamos que existem as condições para esta libertação. O essencial é compreender que a inferiorização da mulher é produto da sociedade de propriedade privada, que educou em relações humilhantes, de perversão, que determinaram que a mulher buscasse um refúgio. A revolução elevou a mulher, a elevou muito. Isso não se mede pelos postos que ela ocupa na União Soviética. Estes são dados estatísticos importantes, mas não é o fundamental. Onde melhor se mede a função da mulher é na revolução. Toda revolução inclui uma quantidade imensa de mulheres. É onde se requer o mais completo sentimento de força, de sacrifício, de objetividade, e onde há muito poucos casos de promiscuidade, de degeneração, de imoralidade e de corrupção. É onde mais os sentidos estão postos a serviço do progresso da humanidade, que domina, controla e explica o sexo. Não anula o sexo, mas o explica, o persuade e o convence. Não há nenhuma revolução socialista onde a norma tenha sido a degeneração. É no regime capitalista onde ocorre isto. Significa que hoje mesmo se pode controlar, dominar e superar a excitação que a vida capitalista produz.

Antes não se podia colocar a possibilidade da emancipação da mulher, mas o desenvolvimento da economia, da ciência, da técnica, dos Estados operários já estabeleceu as bases históricas, materiais para libertar a mulher. São necessárias condições materiais para poder permitir estimular idéias para encarar este processo com segurança e enfrentá-lo. Se requerem condições econômicas e sociais superiores e inteligência.

O capitalismo não tem interesse em igualar os seres humanos, não pode realizar essa tarefa. Para ele, o ser humano é uma mercadoria, e a mulher é duplamente mercadoria. Como o procedimento do funcionamento do capitalismo — a concorrência, o comércio — é baseado na trapaça, na mentira, no engodo, na fraude, então ele não pode elaborar nem desenvolver normas ou relações morais. Não pode fazer isso, não pode dedicar-se a buscar a justiça. Para o capitalismo a justiça é tudo aquilo que interessa ao

capitalista. Para um capitalista a justiça tem um sentido, para outro tem outro sentido, sempre em função de seu interesse comercial.

Faltam condições históricas, cujo começo, cuja base são os Estados operários. Mas não há um funcionamento socialista dos Estados operários. Por isso não têm ainda a suficiente autoridade. Só uma compreensão do ser humano não resolverá este problema. Assim se fará, mas é preciso que existam bases materiais, econômicas e relações sociais que permitam dar a autoridade, a decisão, a audácia ao ser humano para alcançar estas etapas, que já existem na base dos Estados operários. Mas mesmo sem alcançar ainda o nível do Estado operário e do socialismo, a humanidade aprende mais rapidamente que o desenvolvimento da economia. Por isso, nas revoluções e nas lutas revolucionárias há igualdade entre mulheres e homens. Mas, ao mesmo tempo, se vê a importância que ainda tem a tradição; ainda há nos seres humanos um costume muito grande de tratamento diferenciado para com a mulher, quando nas relações revolucionárias os dois são idênticos, são iguais. É o costume adquirido, o hábito do homem sentir-se superior à mulher, porque a vida de todos os dias suscita nele a relação comercial de disputa: quem pode mais ganha. E com a mulher, quem pode mais, ganha. Coloca-se a mulher num plano inferior ao homem, e então o homem sente-se mais capaz e vence a mulher.

OS ESTADOS OPERÁRIOS DEVEM DISCUTIR COM BASE NOS PRINCÍPIOS COMUNISTAS

A divisão feita pela sociedade já encontra bastante contrapeso no desenvolvimento dos Estados operários. Mas falta uma planificação da intervenção da mulher. É preciso fazer com que a mulher participe. E é preciso acostumar a ver que a intervenção da mulher é uma parte do desenvolvimento da capacidade social das massas exploradas para dirigir a si mesmas. Parte do comportamento do proletariado em relação a mulher não é o resultado de uma atitude negligente, mas sim das contradições criadas em países como a Argélia. por

exemplo — por uma concentração dirigida, aos problemas vitais como: impulsionar a revolução, sustentar a revolução, fazer a guerra contra o imperialismo. E o proletariado que demonstrou uma conduta digna, objetiva, e que buscava o impulso objetivo da História na Argélia; tem, em troca, no problema da mulher, um comportamento retrógrado. Isto é produto da educação anterior e das relações sociais que lhe impõem, que pesam. Se nos Estados operários tivesse havido um maior progresso, este tipo de relações, na Argélia, já teria sido eliminado e já se teria imposto uma relação igual entre os homens e as mulheres.

Para se conseguir elevar o papel da mulher na História, na sociedade e na revolução, é preciso fazer com que nos Estados operários as mulheres participem mais, mais abertamente, mais diretamente; que em todos os sindicatos, em todos os Partidos Comunistas, nos Partidos operários, a mulher tenha uma participação não de protegida, mas como um elemento natural que possa participar e desenvolver-se. Há exemplos muito notáveis em todas as revoluções, em que cada vez avança mais a intervenção da mulher; avança, avança. A burocracia não elevou a compreensão social histórica da mulher. A burocracia declara: "A mulher é igual ao homem", porém não se comporta assim. Paga menos à mulher que trabalha igual ao homem.

Mesmo assim, os Estados operários, ainda que de forma limitada, demonstram que já há um progresso e uma superação muito grande. Existe uma percentagem de mulheres infinitamente maior nos cargos de direção, na ciência, na técnica, uma percentagem maior de mulheres como dirigentes sindicais e uma atenção maior à mulher. Mas ainda não existe uma organização que permita à mulher sentir-se incorporada. Ao contrário, enquanto ela esteja presa em casa, à família, em ter filhos — e sentir-se relegada por isso — será assim. Enquanto houver a ausência de democracia soviética nos Estados operários, será assim.

Há um deficit muito grande no fato de que os Estados operários não intervêm com o exemplo. As relações familiares na União Soviética sendo superiores, não expressam uma relação revolucionária consciente superior, organizativamente consciente, superior. Não são então um instrumento de educação como são na economia, na forma de propriedade superior que possui o Estado operário. Isso é um deficit na História, não por falta de força, mas porque no processo anterior a burocracia pode tomar o poder e apoderar-se do poder. mas hoje, mesmo nos grandes países capitalistas, as greves, as grandes lutas, a frente única, a luta das massas por ascender ao governo, estão mudando e introduzindo modificações favoráveis à revolução no seio de todas as famílias.

O problema não é que a mulher seja capaz de pensar, mas que sinta que é, como o homem, parte da revolução dos problemas da sociedade. Deve agir como parte integrante do gênero humano que resolve todos os problemas. Supera, assim, a pressão da sociedade, que restringe sua capacidade social de agir à sua função de mãe. A mulher passa a sentir que ela constrói a vida. Então desaparece a relação social onde lhe impõem, através da lei de quem manda, que a relação social deve ser essa. Mentira! Que lei? De quem? Dos que fazem a guerra atômica. É uma lei interessada, para eles. Não é uma lei que reflita as necessidades da sociedade, e sim relações sociais impostas, até este momento, por essas condições. A mulher deve sentir que é assim. Então sente-se capaz de raciocinar, de pensar. Não se sente inferior porque tem o filho, pelo contrário, sente a alegria, o orgulho natural de ser mãe, como o homem sente o orgulho de ser pai.

É preciso fazer com que no Estado operário a mulher mostre que sua função é igual à do homem. Não por que lhe dão os direitos, mas porque desenvolve as qualidades que tem e que a sociedade lhe havia negado, porque se tratava da

sociedade de classes, da propriedade privada; e esta determina as leis e as prerrogativas dos que mandam. Não são condições e desenvolvimentos naturais, mas determinados pelos que fazem a lei. O capitalismo faz assim. A burocracia no Estado operário faz a mesma coisa, porque tem interesses de aparato, não interesses científicos e sociais soviéticos. Do contrário, não pensaria assim. E não faria a mulher aparecer no cinema como aparece, essencialmente em sua condição feminina. Ela aparece como o homem, igual, buscando comunicar-se, influir, determinar por meio da inteligência e da razão; assim serão os casais de amanhã, onde a concepção da beleza será outra. Na União Soviética, no Estado operário, não há razão para existir esse tipo de união em casal, onde a atração é pelo sexo. No Estado operário o casal já tem que atrair-se pela inteligência. É lícita e lógica a relação sexual, a união dos sexos. Mas atraídos por que? Pela sensação sexual, ou pela inteligência? Pela capacidade harmoniosa. Não importam as qualidades de um ou outro. Essa é a superioridade do Estado operário. Do contrário, o que atrai é a relação sexual, que termina aí. Ou seja, a humanidade não avança, termina no desejo sexual ou na união sexual.

Nunca a sociedade capitalista concentrou tanta preocupação sobre os jovens para atraí-los por meio das sensações sensuais, sexuais, pela droga, por tudo isso, como atualmente. Nunca houve tanto rechaço a isso, como atualmente. Porque entre todos os jovens que se incorporam às lutas sociais e têm relações sexuais aos 14, 15 anos, não há degeneração. Entre os jovens das universidades, nos colégios secundários na França já existe um desejo de libertação do submetimento ao sexo. Ou seja, a relação humana superou o que a sociedade capitalista foi impotente para fazer.

Já com Estado operário tem-se que discutir tudo isto. A manifestação da mulher e do homem tem que se dar da mesma forma. Não há porque dar a caracterização de masculino e feminino como ainda fazem. Por que? O masculino e o feminino é uma condição da natureza. A sociedade iguala.

Quando isso continua a existir e se acentua no Estado operário é porque existem relações de relaxamento social, ausência de vida soviética. É preciso discutir isto. No Partido de Lenin não havia nada disso. Por que existe agora? Foi a humanidade que retrocedeu ou a direção? A burocracia ainda mostra e faz com que a mulher apareça com todo o aspecto sensualista. No cinema soviético, por exemplo, isto se expressa claramente. E também nos outros Estados operários. Todos os movimentos da mulher são insinuantes. Não é o movimento feminino natural da mulher, mas o movimento feminino que insinua. Porque o movimento feminino natural é absorvido pela ciência. É feminino porque tem formas distintas do homem. Nada mais. Amanhã serão iguais. Eles ainda encaram a mulher como no regime capitalista: a mulher sensual, a que tem sexo. Então quem fala é o sexo, não a inteligência. Eles mostram uma relação homem-mulher que deforma o que já o conceito de Estado operário pode mostrar. Eles não mostram a capacidade criadora do povo, que é a capacidade de intervir, discutir, preocupar-se com os problemas do ascenso da cultura, da ciência, da técnica, do progresso objetivo. O povo não aparece; tudo se resolve nos aparatos. É preciso mostrar o povo. Os que venceram o nazismo não têm idéias? Os que triunfaram frente ao nazismo não podem dar uma opinião sobre todos os problemas? Por que não fazem com que o povo opine? A população derrotou o nazismo! Era preciso ter segurança para derrotar os nazistas! Tudo isto é necessário discutir nos Estados operários.

O Estado operário tem que estar discutindo, como fazemos nós, para igualar os salários, para elevar a economia, para romper com a dependência de ter que trabalhar dez ou oito horas por dia; como podemos elevar a produção agrícola; como podemos elevar a relação com as crianças, com as mulheres, com os velhos, como incorporar a educação sobre todos os problemas; como deixar que a mulher fale. Uma vez que se dê assim, a mulher deixará de ter esse comportamento com o qual é exibida, e sentir-se-á rebaixada quando quiserem que ela faça o papel sensual feminino. Ela mesma dirá: "Eu não sou um animal, não sou uma bruta. Sou uma mulher como ele é homem. Nos unimos não porque eu sou mulher e ele seja

homem, mas porque nos une um mesmo objetivo, comum, o de elevar a dignidade humana. Como ainda existe o problema dos sexos, unimo-nos assim, não para conhecimento sexual ou sensual, mas com esse fim". A burguesia dá à relação sexual o caráter de condição essencial da vida, de tabú essencial. É mentira. O que acontece é que o ser humano antes não tinha uma noção de como se construía a sociedade. Então a mulher aparecia como o instrumento que pagava pelas conseqüências da reprodução humana; e aparecia como o fator vital e misterioso. Já não existe mais nada disso. Tudo isso foi superado. Mesmo que esta solução ainda não esteja instalada já está em nosso pensamento e no da vanguarda proletária mundial. Já não existe a submissão a este problema, nem entre os intelectuais. É preciso discutir tudo isto nos Estados operários.

4 de maio de 1.974 — *J. POSADAS*

Impresso nas oficinas da
EDITORA PARMA LTDA.
Telefones: 66-3095 — 826-4973
Rua da Várzea, 394
São Paulo — Brasil

LEIA NESTA COLEÇÃO

John Reed
DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO
Maiakovsky
POÉTICA - COMO FAZER VERSOS,
Karl Marx
A ORIGEM DO CAPITAL:
A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA
Marta Harnecker
O CAPITAL: CONCEITOS FUNDAMENTAIS
Marx/Turgot
TEORIAS DA MAIS-VALIA: FISIOCRATAS
Alexandra Kollontai
A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL
Leon Trotsky
COMO FIZEMOS A REVOLUÇÃO,
Wilhelm Reich
PSICOPATOLOGIA E SOCIOLOGIA DA VIDA SEXUAL
Lenin
AS TRÊS FONTES E AS TRÊS PARTES CONSTITUTIVAS DO
MARXISMO
Stalin
MATERIALISMO DIALÉTICO E MATERIALISMO HISTÓRICO.
Lenin
COMO ILUDIR O POVO
Marx
DIFERENÇA ENTRE AS FILOSOFIAS DA NATUREZA EM
DEMÓCRITO E EPICURO.
Engels
DO SOCIALISMO UTÓPICO AO SOCIALISMO CIENTÍFICO.
Leon Trotsky
AS LIÇÕES DE OUTUBRO
Samora Machel, Alexandra Kollontai, J.Posadas, P.Lafargue, Vito Kapo e
outros.
A LIBERTAÇÃO DA MULHER
Marx, Engels.
SOBRE LITERATURA E ARTE
Marx, Engels, Lenin.
SOBRE A MULHER
Malatesta, Bakunin, Kropotkin, Engels, D.Guérin.
O ANARQUISMO E A DEMOCRACIA BURGUESA
Althusser, Badiou
MATERIALISMO HISTÓRICO E MATERIALISMO DIALÉTICO
Fals Borda
AS REVOLUÇÕES INACABADAS NA AMÉRICA LATINA



global editora